

SUANY MACHADO DA SILVA

**DO CONSUMO LOCAL AO MERCADO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS: COMO A
CRESCENTE DEMANDA POR AÇAÍ (*Euterpe Oleracea* Mart.) AFETA OS MEIOS
DE VIDA DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título *de Magister Scientiae*.

Orientador: Alair Ferreira de Freitas

**VIÇOSA-MINAS GERAIS
2019**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S586d
2019
Silva, Suany Machado da, 1992-
Do consumo local ao mercado de alimentos saudáveis :
como a crescente demanda por açaí (*Euterpe oleracea* Mart.)
afeta os meios de vida de comunidades ribeirinhas? / Suany
Machado da Silva. – Viçosa, MG, 2019.
153 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Alair Ferreira de Freitas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Vida ribeirinha - Igarapé- Mirim (PA). 2. Açaí -
Indústria. 3. Mudança de hábitos - Igarapé- Mirim (PA).
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural.
II. Título.

CDD 22. ed. 304.2098115

SUANY MACHADO DA SILVA

**DO CONSUMO LOCAL AO MERCADO DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS: COMO A
CRESCENTE DEMANDA POR AÇAÍ (*Euterpe Oleracea* Mart.) AFETA OS MEIOS
DE VIDA DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título *de Magister Scientiae*.

APROVADA: 02 de julho de 2019.


Suany Machado da Silva

Autora


Alair Ferreira de Freitas
Orientador

*A Deus, meus familiares e
aos meus amigos...
companheiros de todas as horas...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e as forças e energias que regem minha vida.

Agradeço aos meus pais e irmã pelo cuidado, em que mesmo distante se dispuseram a ser meu ponto de apoio para as fases difíceis que aqui passei. A vocês minha eterna gratidão.

Agradeço a pessoa mais companheira que encontrei nessa caminhada, João Paulo. Obrigada por todos os momentos, por entender as fases que eu estava com saudade de casa, por me incentivar e acreditar que tudo iria dar certo. Sem você essa fase seria mais difícil e Viçosa seria só mais uma cidade por onde passei.

À família Louzada, o meu agradecimento por sempre me acolherem e por se tornarem parte especial da minha vida.

Aos meus queridos amigos, Raíssa e Daniel, que os conheci na graduação e o destino se encarregou de nos unir novamente.

As minhas amigas, Pauline e Geusa, vocês foram um presente para mim, com quem dividi muitos momentos que já se eternizaram. Que nossa amizade vá além dessa fase.

Agradeço minha amiga e parceira de estadia, Eugênia. Agradeço pelo companheirismo, os muitos choros, aflições e conversas que dividimos. Nos encontraremos no México.

Aos meus amigos Douglas e Marco, que se dispuseram em ler meu trabalho e colaborar com as correções. Mas, além disso, vocês também estão em minha memória e para sempre me lembrarei dos momentos que compartilhamos.

Agradeço duas pessoas muito queridas, Kátia e seu esposo, Rodney. Vocês são sensacionais. Levarei entre as minhas melhores lembranças.

Estendo meu carinho a todos os meus amigos do mestrado, que aqui não citei individualmente, mas que fizeram parte, direta ou indiretamente, deste trabalho e da minha vivência por Minas Gerais.

À Sâmia e Lorena, minhas amigas de longa data que continuam presentes e compartilhando dos mesmos desafios. Obrigada.

Continuo agradecendo a Universidade Federal Rural da Amazônia e em especial ao Grupo PET Agronomia/UFRA, de onde eu passei grande parte da minha graduação. Vocês fizeram de mim alguém responsável e comprometida com tudo que me dedico a fazer.

À Universidade Federal de Viçosa, um sonho foi realizado.

Ao Programa de Extensão Rural, que me apresentou um mundo até então desconhecido. Agradeço em especial ao meu primeiro orientador, professor Marcelo Braga,

que acreditou no meu projeto inicial. A professora Ana Louise, carrego um imenso carinho por você, sempre foi solícita e preocupada com os que vêm de fora. A professora Izabel, com quem iniciei meu estágio de docência. Você além de ser uma professora admirável, é um ser humano lindo.

Ao meu orientador, Alair Freitas. Obrigada por tudo e por todos os ensinamentos.

Agradeço a CAPES, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa. Sem isto seria impossível a concretização deste sonho.

Agradeço a todas as pessoas que me acolheram no Município de Igarapé-Miri, por cederem as entrevistas e seu tempo para a construção desse trabalho. Em especial, agradeço a Associação Mutirão, pela estadia, as conversas além do trabalho, por me levarem até as casas dos ribeirinhos, destacando Dona Maria, Seu Raimundo, Mauro e Manoel.

Agradeço a todos que fizeram e fazem parte deste percurso, que chegado ao fim, me faz sentir realizada por ver aonde ele me levou, por ter trilhado um caminho que, trará frutos de muito sucesso e de realização pessoal!

“Há uma força motriz mais poderosa que o vapor, a eletricidade e a energia atômica: a vontade”. (Albert Einsten)

RESUMO

SILVA, Suany Machado da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2019. **Do consumo local ao mercado de alimentos saudáveis: como a crescente demanda por açaí (*Euterpe oleracea* mart.) afeta os meios de vida de comunidades ribeirinhas?** Orientador: Alair Ferreira de Freitas.

O objetivo desta dissertação foi analisar as transformações nos meios de vida dos ribeirinhos localizados nas áreas de várzea do município de Igarapé-Miri/PA, com base no aumento pela demanda do fruto de açaí. A noção de meios de vida adotada nesta pesquisa está cunhada no sociólogo e antropólogo, Antônio Cândido, considerado o grande difusor desta teoria, e a perspectiva internacional *livelihoods*, divulgado pelos autores Ellis (1999), Chambers & Conway (1992), Scoones (1998), Hebink (2007). Entende-se que o conceito de meios de vida corresponde ao conjunto de práticas, materiais e imateriais, pelas quais um grupo ou indivíduo é capaz de utilizar para garantir a sua reprodução. Dessa forma, trabalha-se esse termo com os ribeirinhos da Amazônia, o que possibilita o entendimento dos processos que contribuem para o desenvolvimento de uma forma de vida peculiar. Para compreender porque a demanda pelo fruto de açaí aumentou nas últimas décadas, é apresentado, com base nas mudanças no sistema alimentar, a agregação de valores que transformou um produto de base familiar, de subsistência e de valor alimentar, para um consumo em escala, conhecido como energético, suplemento alimentar ou uma superfruta (ou superalimento), consumido fora do seu contexto local. Essas novas demandas pelo fruto, integra os ribeirinhos em um sistema econômico dominante, que gera uma nova dinâmica local de estratégias desses atores para a sua sobrevivência, como a reconfiguração na cadeia produtiva, em que o trabalho perde a característica de extrativismo e familiar, para a entrada de novos atores, como as empresas de beneficiamento de açaí. Essas transformações são fruto de ações econômicas, sociais e políticas que envolvem a região de Igarapé-Miri e suas ilhas, diretamente em um processo de inserção dessa região em uma nova conjuntura de produção que permita garantir o abastecimento do mercado. Nesse sentido, a vida tradicional ribeirinha tem sido alvo de constantes mudanças provenientes dessa alta no mercado do fruto. Portanto, há nessa discussão uma importante relação entre a reprodução dos ribeirinhos e as mudanças concernentes à produção do açaí, hoje o principal meio de trabalho desses atores-chave da pesquisa.

Palavras-chave: Produção de açaí. Ribeirinho. Transformações. Meio de vida.

ABSTRACT

SILVA, Suany Machado da, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2019. **From local consumption to the health food market: How is the growing demand for açaí (*Euterpe oleracea* mart.) affecting the livelihoods of riverside communities?** Adviser: Alair Ferreira de Freitas.

The objective of this dissertation was to analyze the changes in the livelihoods of the riverside dwellers located in the floodplain areas of the municipality of Igarapé-Miri / PA, based on the increased demand for acai fruit. The notion of livelihoods adopted in this research is coined by sociologist and anthropologist, Antonio Cândido, considered the great diffuser of this theory, and the international perspective livelihoods, released by the authors Ellis (1999), Chambers & Conway (1992), Scoones (1998).), Hebink (2007). It is understood that the concept of livelihoods corresponds to the set of practices, material and immaterial, by which a group or individual is able to use to ensure their reproduction. Thus, this term is worked with the riverside of the Amazon, which allows the understanding of the processes that contribute to the development of a peculiar way of life. To understand why the demand for acai fruit has increased in recent decades, it is presented, based on changes in the food system, the aggregation of values that has transformed a family-based, subsistence and food-value product into scale consumption, known as energy, food supplement or a superfruit (or superfood), consumed outside of their local context. These new demands for the fruit integrate riparian people into a dominant economic system, which generates a new local dynamic of strategies for their survival, such as the reconfiguration in the production chain, in which work loses the characteristic of extractivism and family, for its own sake. the entry of new actors, such as the acai processing companies. These transformations are the result of economic, social and political actions involving the region of Igarapé-Miri and its islands, directly in a process of insertion of this region in a new conjuncture of production that will ensure the supply of the market. In this sense, the traditional riverside life has been subject to constant changes from this rise in the fruit market. Therefore, in this discussion there is an important relationship between the reproduction of the riverine and the changes concerning the production of acai, today the main means of work of these key research actors.

Keywords: Production of açaí. Ribeirinho. Transformations. Livelihood.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1: Localização geográfica da área de estudo.....	23
Gráfico 1- Produção de açaí no estado do Pará. 2016.....	25
Figura 2 - Processo de planejamento da coleta de dados em estudos de caso.....	25
Figura 3- Roteiro para o processo de análise das evidências utilizando o estudo de caso e a análise de conteúdo.....	29

ARTIGO 1

Gráfico 1- Produção de açaí, Castanha-do-Pará e borracha no Brasil em toneladas, durante os anos de 1990 a 2017.....	43
---	----

ARTIGO 2

Figura 1: Karl Polanyi e os três princípios de integração social.....	69
Figura 2: Estrutura da cadeia produtiva do açaí proveniente das áreas de várzeas.....	85
Figura 3: Gradiente de inserção das unidades produtivas e o nível de autonomia e dependência.....	89

ARTIGO 3

Figura 1: Meios de vida rural sustentável: um diagrama de análise.....	111
---	-----

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 Caracterização da população residente em áreas rurais e urbanas de Igarapé-Miri e tipo de ocupação.....	24
---	----

ARTIGO 1

Quadro 1 Destinos dados ao açaí de acordo com cada setor.....	47
--	----

ARTIGO 2

Quadro 1 Segmentos de análise da pesquisa.....	76
---	----

ARTIGO 3

Quadro 1 Percepção de desaparecimento de espécies vegetais e animais.....	127
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALEPA	Assembleia Legislativa do Pará
AMUT	Associação Mutirão
ANVIS	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BASA	Banco da Amazônia S.A
CAMTA	Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açú
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
FAO	Food and Agriculture Organization
FMI	Future Market Insights
FNO	Especial - Fundo Constitucional de Financiamento do Norte
GNPD	<i>Global New Products Database</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFPA	Instituto Federal do Pará
ORAC	<i>Oxygen Radical Absorbance Capacity</i>
PAM	Pesquisa Agrícola Municipal
PNCTNC	Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos povos e Comunidades Tradicionais
PNFM	Produtos Florestais Não-Madeireiros
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. OBJETIVOS.....	20
2.1 Objetivo Geral.....	20
2.2 Objetivos Específicos.....	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 A natureza da Pesquisa	21
3.3 O caso no município de Igarapé-Miri/PA	23
3.4 A pesquisa de campo: coleta de dados e sujeitos da pesquisa	25
3.5 Organização e análise dos dados.....	28
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
ARTIGO 01 A TRAJETÓRIA DE VALORIZAÇÃO DO AÇAÍ: da cultura amazônica a superfruta.....	35
1.INTRODUÇÃO.....	35
2. NOVAS ORDENS NO SISTEMA ALIMENTAR: a era dos alimentos benéficos à saúde.....	38
3. O CASO DO AÇAÍ:.....	41
3.1 Trajetória de valorização do Açaí: da cultura alimentar amazônica a agregação de valores ligados à saúde.....	41
3.2 Agentes e processos de mudança.....	48
3.2.1 Mudanças no comportamento dos consumidores.....	48
3.2.2 A globalização	51
3.2.3 A ciência e o discurso midiático	54
4 CONCLUSÃO.....	58
5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ARTIGO 2 A MERCANTILIZAÇÃO DO AÇAÍ E OS REFLEXOS NA CADEIA PRODUTIVA.....	67
1. INTRODUÇÃO.....	67
2. FUNDAMENTOS DA TEORIA DA MERCANTILIZAÇÃO DE POLANYI	68
2.1A “falácia economicista” e a economia substantiva e formal.....	68
2.2 A Grande Transformação:.....	72
3. METODOLOGIA.....	74
3.1Caráter da pesquisa	74
3.2Coleta de dados	75
3.3Análise e categorização dos dados	76
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	76

4.1 O alongamento da cadeia produtiva do açaí.....	82
4.2A mercantilização dos meios de produção ribeirinha: terra e trabalho	89
4.3 O modelo de produção: do extrativismo ao monocultivo	94
5 CONCLUSÃO.....	99
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	101
ARTIGO 03 MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NOS MEIOS DE VIDA DOS RIBEIRINHOS DE IGARAPÉ-MIRI/PA.....	106
1. INTRODUÇÃO.....	106
2. A ABORDAGEM DOS MEIOS DE VIDA	108
3. METODOLOGIA.....	113
3.1O estudo de caso, os procedimentos de campo e a análise de dados	113
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	115
4.1 Meios de Vida Social.....	116
4.1.1 Mudanças na forma de habitar: as casas e o acesso a bens de consumo	116
4.1.2 O aumento da Violência	118
4.1.3 Os meios de transporte	120
4.1.4 Diversificação da renda: Pluriatividade.....	121
4.2Meios de Vida Ambientais	124
4.2.1As mudanças na paisagem e no habitat	124
4.2.2 Consumo Alimentar	130
5. CONCLUSÃO.....	132
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	134
CONCLUSÕES GERAIS DA DISSERTAÇÃO.....	139
APÊNDICE 01- Roteiro de Entrevista Semiestruturado para os Ribeirinhos e as Empresas.....	143
APÊNDICE 02 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	148
APÊNDICE 03- Imagens de Campo.....	150

1. INTRODUÇÃO

O bioma Amazônia possui a maior reserva de floresta tropical do planeta e a maior rede fluvial, em volume de água no mundo, bem como grandes reservas minerais. Em termos de economia, a região baseia-se essencialmente num sistema de caráter extrativista, que até então era utilizado no consumo familiar ou para venda esporádica. Isso indica que o extrativismo desenvolvido pelas populações que constituem o tecido social da região amazônica é importante para a manutenção de um estilo de vida particular. Ressalta-se, portanto, que esta atividade faz parte da cultura e da vida social, que não se refere apenas à gestão dos recursos naturais e ao uso da biodiversidade, mas também o conhecimento tradicional dos povos e populações (SILVA, 2016).

Nesse interim se inserem vários produtos extrativos que tiveram grande importância na formação econômica, social e política da Amazônia. Entre os principais produtos podem ser mencionados as “drogas do sertão”¹ e o cacau (*Theobroma cacao* L.) no período colonial, a borracha (*Hevea brasiliensis* L.), a castanha-do-pará (*Bertholletia excelsa* H.B.K), o palmito e o mais atual, o fruto do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) (HOMMA, 2012).

Este último é um fruto de grande relevância para a região, devido o caráter significativo que possui. O folclore em torno da planta evidencia sua importância para o território. Identificam-se registros de lendas, crônicas, poemas e músicas, como “Sabor açaí”, que se faz menção à singularidade do sabor do fruto: “Que eu sou muito mais que um fruto. Sou sabor marajoara” (MOURÃO, 2010; PONTE, 2012).

Para além do sabor singular, o açaí é a principal fonte de alimentação e trabalho para os povos que vivem às margens dos rios na Amazônia. Do fruto origina-se o “vinho”, polpa ou suco de açaí, como é conhecido, e habitualmente consumido com farinha de mandioca, peixe, camarão ou carne (NOGUEIRA et al., 2005). Mas existem outras finalidades e usos para o açaí. A planta é aproveitada em sua totalidade: o palmito para alimentação; os troncos para cercas, pontes e estruturas de casas; as folhas servem de telhados e a semente é utilizada para confecção de bijóias (OLIVEIRA, 2006).

O fruto do açaí até o final do século XX provinha predominantemente do extrativismo, objetivando basicamente o consumo doméstico, com pouca venda do excedente (SANTANA; CARVALHO; MENDES, 2006). Ele é hoje um produto de grande valor econômico, representado como alimento funcional, nutritivo e, mais recentemente, pela sua ascensão

¹Durante o período colonial e do século XIX a Amazônia era representada como o sertão a ser explorado e dominado. Nessa época perdurou o chamado ciclo das Drogas do Sertão, que eram especiarias, como ervas aromáticas e medicinais, cacau, baunilha, cravo, copaíba, andiroba (JÚNIOR, 2013; BARATA, 2012)

como “superfruta”. O açaí conquistou os adeptos de um estilo de “vida saudável” e, por consequência, tornou-se parte de um mercado de alimentos que representa a nova tendência global de consumo baseado nos benefícios à saúde.

Na seara desse mercado, os produtos à base de açaí passam a ser relacionados a dietas que possuem alto poder nutricional. Esta garantia se dá em função dos estudos científicos sobre o fruto, que expande o conhecimento biológico sobre o mesmo. Hoje, por conta de seus supostos benefícios, o açaí passou a ser consumido fora do seu ambiente local, o estado do Pará.

Segundo Wilkinson (2008), as estratégias de transformar as práticas alimentares modificam os alimentos da agricultura familiar e das comunidades tradicionais em valores de “qualidade superior”, acrescentando os interesses mercadológicos nas propriedades funcionais e cosméticas de alimentos, valorizando, assim, as propriedades metabólicas da planta. Como resultado, indústrias e empresas de cosméticos e de alimentos, se aproximam e promovem acordos com povos tradicionais para explorar produtos que anteriormente era de uso local.

Por conta disso, percebe-se que a integração cada vez maior dos mercados possibilitou o acesso a produtos que são geograficamente distantes do seu território, o que produz a sua desconexão da base natural, tornando-o uma mercadoria comum e impessoal. Isto compromete a identidade do alimento tornando seu reconhecimento e consumo social e afetivo em um produto que passa a ser consumido pelas suas garantias de certificação, rastreabilidade e dos selos que credibilizam a sua qualidade (SCHNEIDER & GAZOLLA, 2017).

Portanto, o açaí passou de um produto que tinha como principal finalidade o consumo alimentar amazônico a um produto de interesses econômicos globais, devido à incorporação de valores que o ligam a características de saudabilidade. Na última década, o produto passou a ser comercializado para outros estados e países. Dessa forma, o fruto é um produto cuja economia está passando por um profundo processo de transformação: 1) o consumo e o mercado, caracterizados atualmente como extra local, está articulado cada vez mais fora da sua origem; 2) o cultivo deixou de ser extrativo e hoje, assemelha-se cada vez mais a estruturas produtivas agrícolas (COSTA et al., 2003).

Dessa forma, compreende-se que a abertura de mercados facilitou a entrada de novos participantes na composição dessa cadeia produtiva, integrando novos atores e arranjos que se afastam de uma perspectiva de cadeia de produtos da sociobiodiversidade e se aproximam de

dinâmicas de cadeias longas, complexas e especializadas, típicas de *commodities*, centradas no valor monetário (RAMOS et al., 2017).

Assim, a produção de açaí vem sendo marcada pelos interesses e estratégias de expansão das relações capitalistas, mediante as correlações de força existentes nas diferentes esferas do poder, que incidem diretamente na vida das comunidades tradicionais, em especial os ribeirinhos. Como é citado por Ferreira (2013), um dos motivos dos ribeirinhos estarem modificando a sua relação com o açaí é o aumento na demanda e a oportunidade de bons preços de venda, tornando o fruto o principal meio de geração de renda e trabalho. Mas, afinal, quem são os ribeirinhos?

Tratando-se das comunidades tradicionais, seu reconhecimento e visibilidade só foram garantidos a partir da década de 1980, período em que se organizaram politicamente, questionando sua expulsão de áreas que pertenciam aos seus antepassados e que forneciam recursos naturais usados como principal fonte de reprodução social (LIRA & CHAVES, 2016). Inicialmente somente os povos indígenas eram considerados como populações tradicionais pela Constituição Federal de 1988, sendo a eles o direito ao território, aos seus usos e a manifestação dos costumes (art. 231 e CF/88.).

A partir dos anos 2000, essa discussão se ampliou para as comunidades tradicionais não indígenas e ganhou legitimidade no Brasil, a partir do Decreto nº. 6040, de 07 de fevereiro de 2007, o qual instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), onde no Art. 3, define:

“Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

Dispondo dessa assertiva, parte-se do entendimento de que os ribeirinhos constituem comunidades tradicionais, uma vez que eles se reconhecem dessa forma, tendo em vista que possuem uma relação particular com a natureza, traduzida nos saberes e conhecimentos sobre os ciclos naturais e os ecossistemas locais em que vivem, uma vez que territorialmente ocupam as beiras de rios conhecidas como várzeas (LIRA & CHAVES, 2016). A área de Várzea² é, portanto, formada pela tríade água, terra e floresta, juntas configuram o local de

² “A região amazônica caracteriza-se por dois grandes tipos de ecossistemas: as terras de várzeas que são as áreas baixas nas beiras dos rios, sujeitas a inundações durante o período em que os rios enchem e as terras firmes que são as áreas relativamente altas e não estão sujeitas às inundações sazonais” (SCHERER, 2004).

morada, trabalho e lazer do ribeirinho que se metamorfoseiam de acordo com o tempo e o espaço, através de estratégias, conhecimentos e práticas que lhes possibilitam se organizarem e se reproduzirem (FERREIRA, 2013). Diante de tais circunstâncias, os ribeirinhos amazônicos construíram uma forma de vida particular pautada essencialmente em seu relacionamento com a natureza e nas práticas de resistências empreendidas em seus movimentos reivindicatórios ou nas suas atividades cotidianas (NASCIMENTO et al., 2013).

É importante ressaltar que as comunidades ribeirinhas não estão isoladas no tempo e espaço, elas criam conexões e vínculos com o universo externo a sua realidade, onde se observa que as comunidades tradicionais estabelecem trocas com a sociedade urbana ao adquirirem bens e serviços que também garantam sua reprodução social (LIRA & CHAVES, 2016). Para compreender como as necessidades dessas comunidades são satisfeitas, é preciso tomar como ponto de partida que os meios de vida, ou seja, os meios das quais utilizam para a sua sobrevivência, podem ser considerados pelo ângulo natural (orgânico) e também encarados pela ótica social como forma de organização de atividades. Assim, um conjunto de práticas materiais e imateriais, é estabelecido como estratégias de adaptação e sobrevivência em relação às transformações que ocorrem constantemente nos meios.

Esse fato evidencia que as comunidades estão conectadas tanto na esfera local, quanto na esfera global, sofrendo influências endógenas e exógenas, que permitem a adaptação desses sujeitos ao seu meio, e, igualmente, adaptar este meio a si próprio, através das suas necessidades (BATISTA, 2011). Isto significa que, ao tomar as florestas e os rios como lugar de vida e trabalho, o ribeirinho se utiliza dos recursos ofertados pela natureza, sejam eles vegetais ou animais, para a sua reprodução social. Ou seja, a interação baseada em valores construídos na cotidianidade e nas demandas econômicas, sociais e espaciais, considera o espaço como um elemento constitutivo das relações sociais entre sujeitos e natureza.

Nasce daí os anseios pela temática para dar visibilidade à realidade de tais populações, e compreender quem são esses ribeirinhos, como se ligam à produção e ao mercado de açaí e como as altas demandas pelo fruto reflete em suas formas de organização.

Neste cenário, este trabalho dedica-se a compreender, através de uma construção histórica, o processo de valorização do açaí e como isto tem provocado mudanças nos meios de vida de ribeirinhos nas várzeas do município de Igarapé-Miri/PA. Adota-se a abordagem dos *meios de vida* para auxiliar no entendimento dos fenômenos relacionados entre a produção do açaí com as estratégias de subsistência do grupo social estudado (ribeirinhos).

No livro de Antônio Candido (1971), *Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida*, o sociólogo e antropólogo procurou analisar as relações entre sociedade e literatura no cotidiano do caipira paulista, no entanto, o trabalho abarca uma série de realidades que permeiam a vida tradicional: aspectos históricos (da vida no passado), mudanças nos hábitos alimentares, nas condições de moradia, nas formas de solidariedade e nas relações de trabalho e com a natureza.

Com uma grande aplicabilidade na área de ciências sociais, essa mudança convencionou tanto a literatura brasileira quanto estrangeira, a estabelecer um conceito que abordasse todo esse processo, sendo designado de “meios de vida” ou *livelihoods* (BRAGA, FIÚZA, ROMOALDO, 2017; PEREIRA, SOUZA, SCHNEIDER, 2010; SITOE, 2011).

Segundo Perondi e Schneider (2012), no período de 1990, surgiu na Inglaterra a concepção *livelihoods approach*, que, em tradução livre, significa abordagem dos meios de vida que consiste em uma ferramenta analítica que vem sendo utilizada nos estudos sobre pobreza rural, principalmente no continente africano, onde representa como as pessoas sobrevivem em meio a situações de crises, sejam elas sociais, ambientais ou econômicas. A base conceitual dos *meios de vida* é atribuída por Perondi e Schneider (2012), a Chambers e Conway (1992), essencialmente definido como um meio de ganhar (garantir) a vida, em que as capacidades de subsistência são determinadas por ativos tangíveis, como recursos e mercadorias disponíveis, e intangíveis, como reivindicações e acessos.

Partindo das duas perspectivas expostas acima, tanto a concepção de Cândido (1971), quanto da literatura internacional, será utilizada neste trabalho para expressar as transformações econômicas, sociais, ambientais e produtivas, decorrentes das relações mercantis dos ribeirinhos através do mercado de açaí. Dessa forma, a inserção dos ribeirinhos nos mercados propicia compreender como as unidades produtivas e familiares se transformam como resultado de um conjunto de estratégias diferenciadas no tempo e no espaço.

Nesse sentido, é importante ressaltar que para a região aqui estudada, a produção do açaí é desenvolvida essencialmente pelas populações ribeirinhas. Além disso, o açaí por ser uma espécie nativa das várzeas, torna-se elemento definidor das identidades desses indivíduos. O açaí é, portanto, um dos principais símbolos destas comunidades, representado através da prática do trabalho e consumo, como a fundamental fonte de alimentação.

Assim, com o propósito de estudar o percurso histórico de mercantilização de açaí em comunidades ribeirinhas em Igarapé-Miri/PA, realizou-se um estudo a partir das experiências

e perspectivas daqueles que trabalham com o fruto, utilizando como a principal fonte de informação o registro oral dos informantes do estudo.

A escolha do município se deu pela importância da região como o principal produtor mundial do fruto e, por isso, está sendo alvo de interesse de vários agentes. Tal lógica traz em sua concepção a exploração, não apenas dos recursos naturais e da transformação de suas paisagens, mas também a exploração das populações que já ocupavam o espaço (LIMA & SILVA, 2014).

Em decorrência das discussões levantadas, busca-se elucidar as seguintes questões: como a ampliação na demanda por açaí impacta os meios de vida de ribeirinhos de Igarapé-Miri/PA? Complementarmente, questiona-se: Como a resignificação do fruto de açaí influencia no desenvolvimento do mercado? Como a mercantilização do açaí reconfigura a cadeia produtiva, as formas de produção e transforma as relações de trabalho e com a terra?

A opção da pesquisa foi pelo estudo de caso, com método de coleta de dados através de entrevistas. As histórias acessadas foram indispensáveis para o entendimento dos meios que são utilizados por esses atores na busca por estratégias e adaptações frente à nova condição em que se encontram: garantir uma produção elevada para o abastecimento do mercado de açaí. Por isso que ao longo deste trabalho, algumas vozes são anunciadas para ilustrar e complementar as observações e interpretações feitas a partir do campo.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: introdução, onde se expõe o problema e as perguntas de pesquisa, seguida pelos objetivos e dos procedimentos metodológicos que foram realizados. Em seguida, por meio de artigos, expõem-se os resultados da pesquisa: O primeiro artigo é uma revisão de literatura que retrata de forma histórica o processo de agregação de valor ao fruto e suas implicações na demanda por açaí. Isto porque o açaí tem uma grande representatividade entre os alimentos que são considerados benéficos à saúde.

O segundo explana sobre as mudanças na cadeia produtiva do fruto, a entrada de novos atores e ao mesmo tempo evidencia as novas práticas que estão sendo desenvolvidas pelos moradores das várzeas na forma de produção do açaí, na segmentação do trabalho, na valorização da terra e nas próprias relações de proximidades entre os ribeirinhos. Dessa forma, com a integração comercial mais intensa, indústrias e empresas processadoras tornam-se agentes determinantes da cadeia que estão regulamentando o mercado, definindo o preço do fruto e tornando os ribeirinhos meros fornecedores de matéria-prima que cada vez mais se

tornam sujeitos periféricos em relação à cadeia produtiva. Por isso, utiliza-se a teoria da mercantilização de Karl Polanyi.

O terceiro artigo retrata sobre o espaço de vida da comunidade ribeirinha que sempre esteve ligado à exploração vegetal do açaí, primeiramente pelo autoconsumo e atualmente, como principal fonte de renda. Entende-se que a vida se transforma com as mudanças no valor econômico do fruto. Com isso, dá ênfase ao conceito de meios de vida construída a partir do Sociólogo Antônio Cândido (1971) e da perspectiva *livelihoods*, para refletir sobre o intermédio da relação íntima de vida e instrumento de trabalho (o açaí).

É importante considerar que este trabalho levou em consideração o uso da teoria como uma lente para o conhecimento da realidade, uma forma, entre tantas outras, de compreender um caso específico, que não significa uma verdade absoluta e inquestionável. Por isso, esclarece-se de antemão que outros fatores, além da produção de açaí, influenciam nas mudanças dos hábitos tradicionais dos ribeirinhos, como a modernização e o acesso a programas e políticas públicas. Contudo, esta pesquisa se limita em fornecer os aspectos de mudanças nos meios de vida que foram ocasionadas a partir da prática do trabalho com o fruto, em que se buscou acessar a memória dos informantes para compreender como a vida (em várias dimensões) se transforma após o fruto de açaí ganhar importância econômica.

Nessa perspectiva, buscou-se conectar a estrutura dos artigos de forma linear para compreender como a valorização mercadológica sobre o fruto interfere nas relações e nas interdependências entre os atores sociais e os meios pelos quais são geradas as suas formas de sustentação da vida. Assim, justifica-se a importância desse estudo na perspectiva de compreender que além dos ganhos econômicos, o aumento pela demanda do açaí trouxe transformações de múltipla natureza para as comunidades ribeirinhas que trabalham com o açaí e assim, espera-se contribuir para o fomento de discussões e políticas públicas futuras que possam, além de priorizar o mercado de açaí, também considerar os anseios e as necessidades dos ribeirinhos.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender e analisar as transformações nos meios de vida dos ribeirinhos no Município de Igarapé-Miri/PA a partir da mercantilização do fruto de açaí.

2.2 Objetivos Específicos

- Compreender o processo de ressignificação do açaí e a reconfiguração na demanda do fruto;
- Compreender, a partir do processo de mercantilização do açaí, as mudanças na estrutura da cadeia produtiva, nos modelos de produção do fruto, nas relações de trabalho e com a terra;
- Analisar os efeitos do crescimento do mercado de açaí sobre os meios de vida dos ribeirinhos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresenta-se o delineamento metodológico aplicado na pesquisa, derivado do recorte bibliográfico e do referencial teórico.

3.1 A natureza da Pesquisa

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, classificada como exploratória e explicativa. Segundo Silveira e Córdova (2009) a pesquisa qualitativa não se preocupa especificamente com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Isso quer dizer que a pesquisa qualitativa se centra nos aspectos da realidade que não são quantificados e sim, compreendidos e explicados pela dinâmica das relações sociais.

Trata-se também, segundo Gibbis (2009), como forma de entender, explicar e analisar fenômenos sociais de um contexto específico com base em experiência do mundo “lá fora”, onde as histórias de um indivíduo ou grupo podem estar relacionadas a contextos externos a eles ou a práticas cotidianas do seu contexto. Assim, relatos, histórias, observações, textos, imagens, são documentos de investigação que expressam traços de experiências que abordam a forma como as pessoas constroem a sua realidade. Todas essas abordagens são passíveis de análise pelo pesquisador que irá desenvolver modelos, tipologias e teorias para explicar os fenômenos sociais (GIBBIS, 2009).

Esta pesquisa também é de natureza exploratória, que segundo Piovesan e Temporini (1995), pode ser definida como estudo preliminar à pesquisa principal e que tem como objetivo conhecer a variável de estudo, seu significado e o contexto que ela se insere, apurando os dados do trabalho e desenvolvendo, de forma inconsciente, a objetividade da pesquisa e do pesquisador, que paulatinamente controla seu viés pessoal em relação ao objeto

a ser pesquisado. A realização desse período teve como objetivo proporcionar uma visão geral do problema pela imersão da pesquisadora no contexto da pesquisa durante o ano de 2018, quando foram realizados trabalhos preliminares sobre o tema, levantamento bibliográfico em teses, dissertações, artigos científicos e livros, além de participação em discussões sobre a temática.

A perspectiva explicativa, no sentido definido por Gil (2008), trata-se de um tipo de pesquisa que contribui para identificar os fatores que determinam a ocorrência dos fenômenos. Explica o porquê das coisas acontecerem de acordo com os resultados encontrados e pode ser considerada como uma extensão da pesquisa exploratória em virtude da necessidade de detalhamento suficiente para a explicação de um fato ou fenômeno.

3.2 O estudo de caso como estratégia de pesquisa

A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso. Para Ventura (2007), o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que visa à investigação de um caso específico, contextualizado no tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. Yin (2010) complementa dizendo que o estudo de caso como método de pesquisa é utilizado por diferentes ciências, como a psicologia, sociologia, ciência política, antropologia, economia e serve tanto para fenômenos individuais quanto grupais no momento que surge o desejo de entender fenômenos sociais complexos.

Dessa forma, permite aos investigadores reter as características holísticas e sociais dos eventos da vida real, como os comportamentos individuais ou em grupos. Propõe-se aqui compreender que o caso não se trata de uma entidade autônoma e neutra, livre de qualquer interferência. Ao contrário, entende-se que existe a influência de um processo contextualizado que define a natureza de um acontecimento.

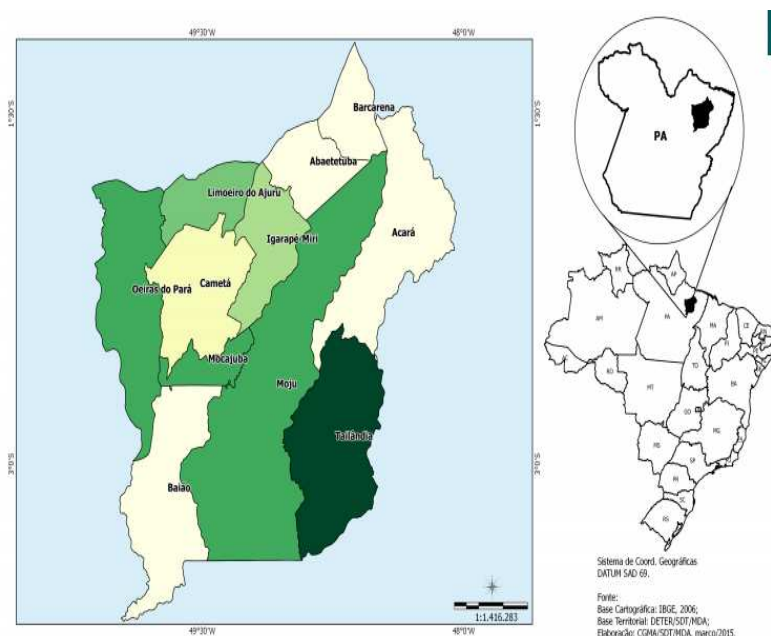
O estudo de caso, nesta dissertação, foi concebido para buscar o aprofundamento sobre a realidade investigada, o que não quer dizer que se trata de generalizações, pelo contrário, a proposta foi analisar a dinâmica da vida ribeirinha em um local e um contexto específico. Como explica Yin (2010), o estudo de caso é um tipo de investigação empírica sobre um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real. A opção por esta estratégia de pesquisa se deve ao fato de compreender que cada indivíduo que irá compor a amostra é um ser único, complexo e dotado de particularidades, o que amplia a necessidade de um estudo de caso pela profundidade significativa que a investigação possibilita. Porém, ao mesmo tempo, compreende-se também que os estudos de caso são interpretados como

representativos de uma realidade mais ampla, embora seja específico, pode servir de subsídios para pensar o contexto da Amazônia, a tradicionalidade, a cultura, o saber-fazer, a relação recíproca ser humano-natureza.

3.3 O caso no município de Igarapé-Miri/PA

O estudo de caso se refere aos ribeirinhos que trabalham com o açaí e estão localizados no município de Igarapé-Miri, no estado do Pará, onde estão inseridos no mercado de fruto. O município pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião Cametá. A sede municipal dista 78 Km de Belém, capital do estado. Possui uma unidade territorial de 1.996,790 Km² e uma população estimada em 60.994 habitantes (IBGE CIDADES, 2017). A escolha do município justifica-se em função da sua importante construção histórica em torno da cultura de açaí no cotidiano das pessoas e a diversidade de comunidades ribeirinhas que trabalham com o extrativismo do fruto e também, devido o reconhecimento como a "Capital Mundial do Açaí", por ser o maior produtor e exportador do fruto no mundo, título confirmado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). A Figura 1, apresentada abaixo, a localização do município no Estado do Pará.

Figura 1 - Localização geográfica da área de estudo, município de Igarapé-Miri, Pará.



Fonte: Perfil Territorial, 2015.

De acordo com Cunha (2006), o município possui ilhas fluviais, banhadas pelas águas do estuário do Rio Tocantins, entrecortadas por cursos d'água conhecidos como furos e igarapés. Além do nome ser de origem indígena, que significa “caminho das águas”, o

município recebeu outras heranças desses conterrâneos, como as atividades extrativistas, que são um fenômeno sócio econômico e cultural central na Amazônia. Desde a década de 1980, Igarapé-Miri atravessou sérias mudanças na sua economia devido ao fim do ciclo da cana-de-açúcar. Antigos proprietários de engenhos mudaram-se para outras cidades e muitos trabalhadores rurais ficaram desempregados (CUNHA, 2006).

Nesse período um grupo de lideranças buscou resgatar os trabalhadores da zona rural, convencendo-os de que a terra poderia lhes dar o sustento. Iniciou-se então, o processo de organização de trabalhadores rurais, especialmente daqueles que estavam desempregados (CUNHA, 2006). É a partir desse momento que o açaí passa a ser a fonte central de geração de renda e de sobrevivência destas pessoas e, embora já fizesse parte de seus cotidianos, naquele momento não possuía alto valor econômico, tampouco recebiam manejo as áreas com açaí.

Lima e Silva (2014) explicam que do ponto de vista econômico, o grande destaque em Igarapé-Miri é o extrativismo de açaí. A produção do fruto advém, principalmente, das áreas de açazais nativos das ilhas de várzea, manejadas por ribeirinhos. Atualmente, nota-se que cresce a intensificação da produção de açaí, com o possível aparecimento do sistema de monocultivo da cultura. Esse fato intensifica a produção, diminui a diversidade das espécies cultivadas e por isso, coloca em risco o desaparecimento de algumas plantas nativas na paisagem natural (ARAÚJO & NAVEGANTES-ALVES, 2015).

Em relação à população e ao tipo de ocupação no município, entre os Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010, percebe-se que a população rural foi sempre superior à urbana, caracterizando o município com uma tendência mais ruralizada, o que pode ser explicado pelo tipo de ocupação da população, que se concentra no setor agropecuário, com 42,6% das pessoas envolvidas nessa área em 2010, como demonstra a Tabela 1.

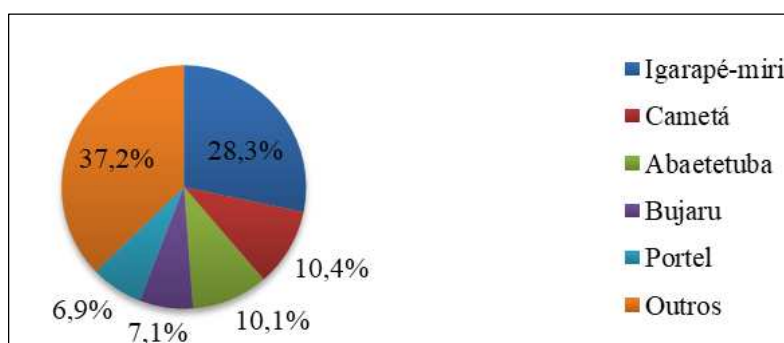
Tabela 1 - Caracterização da população residente em áreas rurais e urbanas de Igarapé-Miri e tipo de ocupação.

População/ano	1991	2000	2010	Tipo de ocupação/ano	2000	2010
População Total	41.843	52.604	58.077	% dos ocupados no setor agropecuário - 18 anos ou mais	28,23	42,60
População Urbana	19.797	24.983	26.205	% dos ocupados no setor comércio - 18 anos ou mais	17,73	14,68
População Rural	22.046	27.621	31.872	% dos ocupados no setor serviços - 18 anos ou mais	25,28	25,54

Fonte: Elaborado pela autora com base nos Censos Demográficos.

Como bem mostra a tabela, a grande parte da população localiza-se no meio rural e por isso, a principal atividade geradora de renda para o município é a agricultura. Com isso, tem-se que atualmente a estrutura produtiva do município, é mais voltada ao cultivo de açaí. Segundo a agência de notícias do IBGE (2017), a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) referente aos anos de 2015 e 2016, o estado do Pará é o maior produtor de açaí com 98,3% do total nacional, em que o município de Igarapé-Miri se destacada com produção de 305,6 mil toneladas, equivalente a 28,0% da produção do país. Juntos, os cinco maiores municípios produtores (Igarapé-Miri, Cametá, Abaetetuba, Bujaru e Portel) representam 62,7% da produção do estado, conforme mostra o Gráfico 1 abaixo.

Gráfico 1 - Produção de açaí no estado do Pará, 2016.



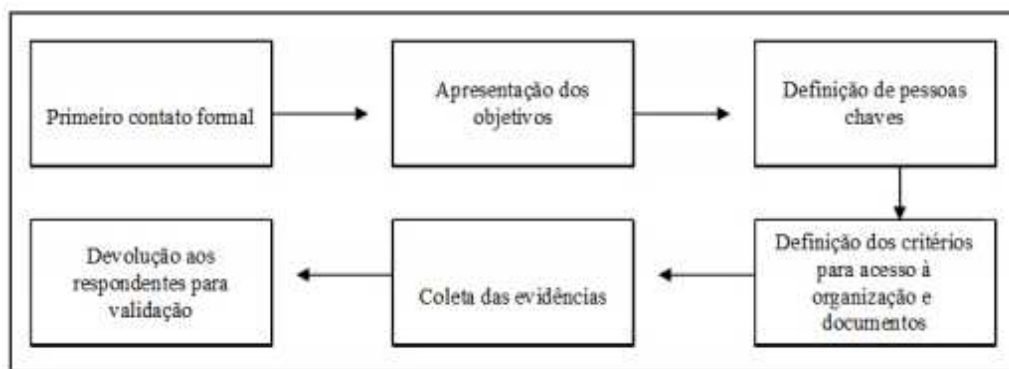
Fonte: Agência de Notícias IBGE, 2017.

O reconhecimento do município como maior produtor do fruto está presente no cotidiano da vida dos moradores da cidade e em seus festejos, como um importante festival que faz menção ao fruto. Segundo a Prefeitura de Igarapé-Miri, o “Festival do Açaí” iniciou-se em 1989 e tinha inicialmente o objetivo de exaltar a importância do fruto como parte da dieta alimentar da população local, que de forma conjunta com outros elementos, como peixe e camarão, representa a cultura desta localidade.

3.4 A pesquisa de campo: coleta de dados e sujeitos da pesquisa

A pesquisa de campo iniciou-se com a seleção das técnicas de coleta de dados e a definição dos sujeitos da pesquisa. Portanto, para a efetiva condução da pesquisa, foi utilizado o protocolo sugerido por Freitas e Jabbour (2011), como estratégia de estudo de caso, conforme ilustra a Figura 2.

Figura 2 - Processo de planejamento da coleta de dados em estudos de caso.



Fonte: Freitas e Jabbour, 2011.

Para estes autores, é necessário efetuar um planejamento operacional por parte do (a) pesquisador (a), que se inicia pelo contato com as organizações e entidades para autorização da pesquisa. Em seguida, explanar sobre os objetivos do estudo para estas organizações e com isso, definir as pessoas que irão compor a amostragem. Isto posto, prossegue-se com a definição de critérios para acessar as instituições e os documentos que poderão ser divulgados e posteriormente, coletar as evidências por meio de vários métodos (entrevistas, consulta em arquivos e documentos oficiais, observação, conversas e artefatos físicos) e por fim, devolver aos respondentes os resultados do trabalho para validação ou não das evidências coletadas (FREITAS & JABBOUR, 2011).

Os atores-chave da pesquisa não foram pré-definidos, mas identificados na exploração de campo. O primeiro contato se deu com a Associação de Agricultores do Município, em que foi apresentada a proposta de trabalho ao Presidente, que direcionou a Associação Mutirão como uma entidade que poderia dar subsídios para a realização do trabalho. Dessa forma, procedeu-se a investigação. A Associação, por ter sua sede localizada nas várzeas e ter grande conhecimento sobre esta área, direcionou os possíveis atores para as entrevistas com base no objetivo da pesquisa. Dessa forma, justifica-se que a maioria dos entrevistados estão associados ao Mutirão.

A definição dos atores sociais foi de extrema delicadeza, por dois motivos (dificuldades) encontrados em campo: 1) por se tratar de uma área de várzea, o meio de locomoção é via barco, onde há a necessidade de haver uma pessoa (barqueiro) disponível para o tráfego pelos rios até os locais de estudo. Em campo, esse fato representou uma forte barreira e que foi fator preponderante que delimitou a quantidade de pessoas entrevistadas e por isso, esse fator deve ser mencionado 2) a distância entre as pessoas, motivo que levou a buscar atores residentes em locais cuja locomoção fosse possível.

Partindo dessa dificuldade, a estratégia inicial de analisar uma única comunidade precisou ser substituída, uma vez que as entrevistas foram limitadas pelo fator de locomoção. Porém, mais tarde, este fato tornou os dados mais ricos em informações, haja vista que o objetivo jamais foi compreender a configuração específica da comunidade, mas sim da vida ribeirinha como um todo. Portanto, o fator limitante tornou-se um grande aliado na composição das entrevistas e resultados. Dessa forma, diz-se que a definição da amostra levou em consideração o critério de acessibilidade aos atores pesquisados e os objetivos da pesquisa. Por isso, o universo social deste trabalho foi composto essencialmente por àqueles que têm forte relação com o fruto de açaí.

Tendo em vista os objetivos, definiu-se como técnica de coleta de dados a revisão bibliográfica e as entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas que foram pré-definidas em categorias analíticas (Apêndice 1). Nesse período, ocorreram as incursões empíricas com os ribeirinhos e três empresas beneficiadoras de açaí no município. Segundo Manzini (2004), uma característica das entrevistas semiestruturadas é que elas são essencialmente definidas em um roteiro previamente elaborado, que permite maior organização no momento de apuração dos dados.

As entrevistas iniciaram-se por questões básicas, sobre o perfil social e demográfico. Foram elaborados dois roteiros de entrevista: para empresas processadoras de açaí e para os ribeirinhos, orientadas por questões específicas que versaram sobre a relação entre os atores antes e após a mudança de valor no açaí.

Foram realizadas, no total, 18 entrevistas, entre ribeirinhos (15) e empresas (3), no período de agosto a setembro de 2018. Embora o campo de observação empírico esteja voltado para os ribeirinhos em particular, as empresas e agroindústrias de processamento da polpa do fruto também foram importantes para compreender qual papel elas exercem sobre a cadeia produtiva e sobre a própria estrutura da vida dos agentes que produzem o açaí. Ao longo deste trabalho será percebido que estas empresas apresentam uma posição central na reestruturação da cadeia produtiva e na tomada de decisões sobre o fruto.

O primeiro contato feito para iniciar o campo foi com o Presidente da Associação de Agricultores que indicou a primeira empresa a ser entrevistada, esta indicou a segunda e que, por fim, recomendou a última empresa, técnica conhecida como snowball, mais conhecida como bola de neve, que utiliza uma cadeia de referência para determinar a amostragem (VINUTO, 2014). Foi realizado o contato com demais entidades no município, mas não houve retorno, por isso as informações se limitaram a estas três agroindústrias, que são

representadas no corpo da dissertação como Empresa 01, 02 e 03, mantendo suas identidades ocultas.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e também, registradas em fotografias. Apenas uma empresa e um ribeirão não permitiram a realização de fotos. A gravação dos áudios foi uma alternativa para obter de forma minuciosa as narrativas dos entrevistados, uma vez que somente as anotações poderiam gerar perdas de detalhamento das falas. Em relação à fotografia, a principal motivação para o uso na pesquisa de campo foi para registrar, através da imagem, fatos e cenários como complemento das falas dos atores investigados. Este registro não obedeceu a um padrão estético específico, mas sim a tudo que se percebia como importante para compor o trabalho. Desta forma, a fotografia é adotada neste trabalho como forma de ilustrar as falas dos atores e visibilizar suas condições de vida e produção.

Outro instrumento de pesquisa foi a nota de campo. Segundo Gibbis (2009), este é o primeiro passo em uma análise qualitativa, sendo um processo de redação (anotação) que descreve o que ocorreu em campo. De modo geral, trata-se de notas que são reproduzidas ainda no local de pesquisa ou imediatamente após sair de campo, para registrar falas e ações das pessoas em investigação. Por isso, as notas são consideradas como um mecanismo de fortalecimento da memória do pesquisador que tem a função de retomar a vivência do campo.

Para fins de nominação dos informantes nesta dissertação, buscou-se preservar suas identidades e origens e por isso, eles foram representados por uma espécie de código representado pela composição “E x”, em que *e* significa entrevistado (a) e *x* a ordem que a entrevista aconteceu.

Quando já não foi possível avançar em lugares mais distantes, comparando com a sede da Associação Mutirão que serviu de ponto de apoio, optou-se por finalizar o período em campo.

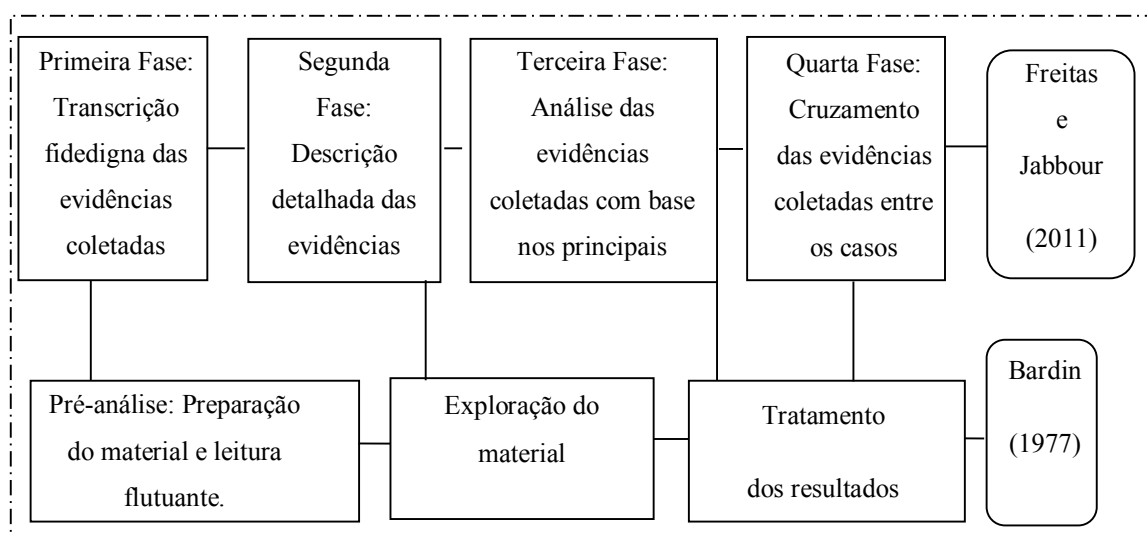
3.5 Organização e análise dos dados

Esta é a última etapa da pesquisa, que consiste em examinar, categorizar, tabular e interpretar os dados levantados durante a produção do estudo. Assim, a organização e análise de dados foram operadas de acordo com as etapas de sistematização das informações em estudo de caso de Freitas e Jabbour (2011) e em análise de conteúdo de Bardin (1977), conhecida como uma metodologia de análise de dados em pesquisas qualitativas. Segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo serve para descrever e interpretar o conteúdo de

documentos e textos, conduzindo para a interpretação de mensagens de forma mais aprofundada para além de uma leitura comum.

Em relação ao estudo de caso o processo de análise dos dados pode ser conduzido por meio de algumas estratégias ou formatos, sugeridos por Freitas e Jabbour (2011), que são: transcrição fidedigna dos dados, descrição detalhada das evidências coletadas, análise com base no referencial teórico e comparação das evidências de cada caso. Bardin (1977) difere as fases de análise de conteúdo em três polos: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. A Figura 3 evidencia quais são essas estratégias com base nas duas formas de organização e análise dos dados:

Figura 3 - Roteiro para o processo de análise das evidências utilizando o estudo de caso e a análise de conteúdo.



Fonte: Adaptado pela autora a partir de Freitas e Jabbour (2011); Bardin (1977).

Na primeira fase, é dita por Bardin (1977) como a pré-análise, onde reúne-se e prepara-se o material levantado durante a fase de coleta de dados. De forma correspondente, Freitas e Jabbourt (2011) chamam-na de fase da “transcrição fidedigna das evidências coletadas”, o que, no caso desta pesquisa, consistiu na transcrição integral das entrevistas, mantendo todos os termos, gírias e regionalismos dos entrevistados. As anotações de campo também foram transcritas em um material separado das falas. É neste momento também que se faz a “leitura flutuante”, ou seja, o primeiro contato com os documentos que serão analisados para conhecer o texto que dará origem as primeiras impressões e reflexões.

Na segunda etapa, exploração do material, Bardin (1977) explica que se trata de codificar o material, processo pelo qual os dados foram operados em ordens de significado,

permitindo o primeiro recorte do conteúdo pertinente à pesquisa que já estava previamente definida nos objetivos do trabalho. Nesta fase os dados das entrevistas, notas de campo e as fotografias, foram detalhadamente observados, seguido de anotações da pesquisadora. Para Freitas e Jabbour (2011) este seria o eixo de detalhamento das evidências coletadas em que já é possível identificar as informações que serão separadas para compor o estudo.

Por fim, na última fase de tratamento dos resultados e interpretação, buscou-se cruzar e agrupar os dados com informações semelhantes em categorias de análise. Os dados foram divididos em categorias analíticas definidos por temáticas, para compreender se os dados divergem, convergem ou completam a base teórica. Estas categorias são uma síntese dos resultados que orientam e estruturam as análises empíricas desta dissertação, compondo os artigos dois e três. Cada artigo está ligado a um objetivo específico que condiz com a identificação de um problema de pesquisa e leva a diferentes análises, bases teóricas e metodologia. A proposta é baseada no princípio em que cada objetivo específico dá origem a um artigo completo, inédito e independente no corpo da dissertação.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. T. D.; NAVEGANTES-ALVES, L. F. Do extrativismo ao cultivo intensivo do açaizeiro (*Euterpe Oleracea* Mart.) no estuário amazônico: sistema de manejo e suas implicações sobre a diversidade de espécies arbóreas. **Rev. Bras. de Agroecologia**. 10(1): 12-23, 2015.

BARATA, L.E.S. A economia verde- Amazônia. **Cienc. Cult.** vol.64 no.3 São Paulo 2012.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. Edição 70. 1977.

BAZOTTI, A; PAULA, N. M; NETTO, C.G.A.M. Soja: mercantilização e externalização no Sudoeste Paranaense. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.14, n.3, p. 122-141. Set-Dez. 2017.

BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; ROMOALDO, A. P. C. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, p. 370-396, mai/ago 2017.

BRASIL. Artigo 231 da Constituição Federal de 1988. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_231_.asp>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

BRASIL. Decreto 6040 Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.

BRONDÍZIO, E.S. De alimentação básica para alimentação de moda: ciclos e oportunidades de mudanças no desenvolvimento da economia do açaí no estuário Amazônico, in *As florestas produtivas nos neotrópicos. Conservação por meio do manejo sustentável?* pp. 427-57. São Paulo: Peirópolis; Brasília, DF: IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil. 2005.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida. São Paulo, 2ª Ed. 1971. 284 p.

COSTA, F.A. et al. **A cultura do açaí no Brasil e no Pará: aspectos estruturais de produção e mercado**. Belém: ADS/ AMAZÔNIA, 2003.

CUNHA, E. M. Mutirão e trabalhadoras rurais de Igarapé-Miri: açaí como alternativa econômica no contexto de gênero. **Paper do NAEA**, Belém, n. 206, p. 1-21.2006.

FERREIRA, L. dos S. G. **Gênero de vida ribeirinho na Amazônia**: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Geografia. Belém, 2013.

FREITAS, W. R. S; JABOOUR, C. J. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GIBBIS, G. **Análise de dados qualitativos**. Tradução: Roberto Cataldo Costa; Consultoria, supervisão e revisão técnica Lorí Viali- Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

HOMMA, A.K.O. Extrativismo vegetal ou plantio: qual a opção para a Amazônia?. **Estudos Avançados**. Vol. 23. Nº74. São Paulo. 2012

IBGE CIDADES. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/igarape-miri/panorama><. Acesso em: 20 de abril de 2018.

IBGE NOTÍCIAS. Safra de açaí foi de 1,1 milhão de toneladas em 2016. Disponível em: ><https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/16821-safra-de-acai-foi-de-1-1-milhao-de-toneladas-em-2016.html><. Acesso em: 20 de abril de 2018.

JÚNIOR, A. O. Das drogas do sertão ao ingresso na modernidade: a política de valorização econômica da Amazônia. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 4, n. 1, p. 93-114, jan./jun. 2013.

LIMA, R.S; SILVA, C.N. Territorialidades, paisagem e modo no baixo rio meruí (igarapé-miri pará). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, Belém, n. 1, v. 01, p. 55-75, jan./jun. 2014.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, v. 17, n.1, p. 66-76, 2016.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. *Anais...* Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOURÃO, L. História e natureza: do açaí ao palmito. **Revista Territórios e Fronteiras V.3 N.2**. 2010.

MOURÃO, L. História e natureza: do açaí ao palmito. **Revista Territórios e Fronteiras V.3 N.2**. 2010.

NIERDELE, P.A. Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de salvador das missões, RS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre. 2007.

NOGUEIRA, O. L. et al. **Sistemas de produção: Açaí**. EMBRAPA, 2005.

OLIVEIRA, M. do S. P. de. **Biologia floral do açaizeiro**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002. V.8. 26p. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento. 2006

PEREIRA, M. D. A.; SOUZA, M.; SCHNEIDER, S. Meios de vida e livelihoods: aproximações e diferenças conceituais. **IDeAS**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 203-225, jun/jul 2010.

PERONDI, M.A; SCHNEIDER, S. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. REDES - Rev. Des. Regional, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 117 - 135, maio/ago 2012.

PIOVESAN, A; TEMPORINI, E.R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista saúde pública**, 9. 1995.

POLANYI, K. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Compus, p. 51-158, 2000.

PONTE, R.X. Os usos do açaí, a árvore da vida. VI Encontro Nacional da Anppas. 18 a 21 de setembro. Belém – PA – Brasil.2012.

PONTE, R.X. **Os usos do açaí, a árvore da vida**. VI Encontro Nacional da Anppas. 18 a 21 de setembro. Belém – PA – Brasil.2012.

RAMOS, M.O. et al. Cadeias de produtos da sociobiodiversidade no sul do brasil: valorização de frutas nativas da mata atlântica no contexto do trabalho com agroecologia. Amazôn., Rev. Antropologia (online) 9. 2017.

SANTANA, A.C.; CARVALHO, D.F.; MENDES, F. A. T. **Organização e competitividade das empresas de polpas de fruta no Estado do Pará: 1995 a 2004**. Bélem: Unama, 2006.

SCHNEIDER, S; GAZOLLA, M. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. (Org) Márcio Gazolla e Sérgio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, P.9-24, 2017.

SILVEIRA, D.T; CÓRDOVA, F.P. Unidade 2- A pesquisa científica. In: Método de pesquisa. [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SITOE, T. A. A Abordagem dos Modos de Vida Como Ferramenta de Análise das Estratégias de Sobrevivência no Meio Rural Africano. **Desenvolvimento em questão**, Ijuí-RS, n. 17, p. 39-60, jan/jun 2011.

VENTURA. M.M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Rev SOCERJ**. 2007.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

WILKINSON, J. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar no Brasil e na América Latina. In: Mundo Rural Brasileiro: ensaios

interdisciplinares. COSTA, L.F.C.C; FLEXOR, G; SANTOS, R. (org). Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ : EDUR, 2008.

YIN, R.K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução: Ana Thorell; Revisão Cláudio Damacena.- 4. Ed. - Porto Alegre: Bookman, 2010.

ARTIGO 01

A TRAJETÓRIA DE VALORIZAÇÃO DO AÇAÍ: da cultura amazônica a superfruta

RESUMO: O açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) se constitui como símbolo da cultura paraense e fonte de alimentação e trabalho para uma grande parte dos moradores das ilhas no estado do Pará, os chamados ribeirinhos ou povos das águas. Até a década de 1990, o fruto permanecia restrito ao local de origem, contudo, a partir desse período grandes transformações ocorreram em seu significado, sendo hoje um produto de grande valor no mercado representado como um importante símbolo entre os alimentos benéficos à saúde devido às suas propriedades antioxidantes, nutritivas e energéticas, que lhe confere o status de alimento funcional ou “superfruta”. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar historicamente o processo de agregação de valor ligado à saúde sobre o fruto e como isto está sendo um elemento importante na reconfiguração do mercado do açaí. Metodologicamente, optou-se por realizar uma revisão bibliográfica, interpretada sob a ótica do Sistema Alimentar. Através dos resultados, percebe-se que o reconhecimento incorporado ao fruto acelerou a multiplicação de vários produtos a base de açaí e foi o principal motivo que intensificou o aumento pela demanda do fruto. Portanto, conclui-se que gerar um determinado valor ou qualidade sobre um alimento, resulta em modas e tendências de consumo e, sobretudo, potencializa o desenvolvimento de nichos de mercado.

Palavras-chave: Estratégias; Inovação; Superfruta.

1. INTRODUÇÃO

O açaí, fruto tipicamente amazônico, é um dos mais emblemáticos símbolos da cultura paraense. A palavra açaí é de origem tupi (yá-çai) e significa fruto que chora, baseando-se em uma lenda ancestral de uma índia, chamada Iaçã, cujo nome representa o embrião da palavra açaí (ALMANAQUE BRASIL SOCIOAMBIENTAL, 2008). Dessa forma, este fruto aborda questões diversas e passa a ser vinculado à identidade cultural e alimentar, recoberto de valor sagrado e místico, especificamente de um local e de uma população.

Com isso, qualquer olhar lançado sobre o “tema açaí” possivelmente encontrará uma infinidade de significações culturais, místicas, folclóricas, medicinais, políticas e econômicas. Por isso, há uma clara relação direta entre o consumo do fruto de açaí e a identidade da população paraense. Claramente essa identidade pode ser caracterizada por inúmeros outros elementos presentes no dia a dia da vida paraense, mas o açaí é ponto chave devido a sua representatividade como símbolo alimentar, de trabalho e da própria vida para uma parcela da população do estado do Pará.

Com isso, o consumo da polpa do fruto de açaí, conhecida como vinho, representa a principal fonte de subsistência para grande parte da população no estado do Pará, especialmente pela população de baixa renda e por comunidades ribeirinhas (HOMMA et al., 2006). Isto porque a palmeira que origina tal fruto é uma espécie típica dos ambientes de várzea, local de morada desses agentes. A forma como o vinho do açaí é consumido pelas populações locais também representa um traço ancestral, cultural, identitário e social, em que o consumo varia em diferentes conformações, que se diferenciam em relação a dois fatores: ao tipo de acompanhamento (peixe, camarão, com farinha d'água ou de tapioca, adição ou não de açúcar) ou em relação a sua espessura (fino, médio e grosso). Além dessa ser a principal forma de consumo regionalmente, há também alguns tabus alimentares que acreditam que ao consumir o açaí com outras frutas levará a problemas de saúde e até ocasionar a morte de quem o consome (FIGUEIREDO, 2014).

Então, toda a representação em torno do açaí, faz dele não apenas mais um fruto amazônico, que fisiologicamente nutre aqueles que o consomem, mas também estabelece uma relação de identificação do caboclo amazônico. Contudo, a prática de consumir o fruto não está mais restrito ao seu contexto local e regional. No Brasil, a demanda por açaí cresceu inicialmente entre os consumidores com maior renda.

À vista disso, Santana et al (2014) argumenta que o consumo de açaí se transformou, nesse último século em consumo de massa que passa cada vez mais a ser estimulado e vinculado ao valor de saúde e bem-estar. Figueiredo (2014), explica que para justificar o consumo de qualquer alimento, uma diversidade de discurso é inserida nele e de forma quase imperceptível, é absorvida pelos consumidores.

Esta mudança sobre o valor do fruto ocasionou o aumento na sua demanda e há aproximadamente duas décadas o açaí passou a ser exportado para os Estados Unidos, países da Europa, Ásia, América Latina e em diversas outras partes do mundo (EMBRAPA, 2005). No plano sociocultural, observa-se que o padrão de consumo se expandiu para outras regiões e países, ocasionando o processo de desterritorialização, que foi ocasionado através da associação do açaí com benefícios à saúde.

Com isso, a expansão do mercado de açaí, ao mesmo tempo em que facilitou o conhecimento sobre o fruto, seja ele científico ou mesmo o reconhecimento de sua origem pelos novos adeptos, também gerou interesse de maior exploração sobre esse recurso. Para Cialdella et al (2017), a “febre do açaí” ocasionou o desenvolvimento econômico deste setor, o que deu origem a novos padrões de consumo baseado nas suas propriedades nutritivas.

Porém, para os consumidores locais, outros critérios são considerados importantes na escolha de um bom açaí, como a cor, o sabor, a textura e o cheiro. Ou seja, há uma diferenciação entre os que escolhem o açaí pelos seus benefícios à saúde, operando uma atribuição exclusivamente funcional (valor nutricional) e, os consumidores locais, que o escolhem pelo seu valor simbólico tradicional.

Dessa forma, acredita-se neste trabalho, que as dietas alimentares são profundamente determinadas por fenômenos políticos, sociais, culturais, econômicos, e representam uma das mais importantes esferas para a regulação das economias. Por isso, buscou-se neste artigo, compreender o processo de ressignificação do açaí e a influência que este fato ocasionou na reconfiguração na demanda pelo fruto. Por isso, reuniu-se um conjunto de argumentos que foram construídos ao longo do tempo sobre o fruto. Procurou-se, assim, evitar uma análise simplificada unicamente pelo polo da oferta e da demanda, tomados como determinantes absolutos pela economia ortodoxa para explicar a formação de mercados.

Essa pesquisa tem, portanto, o objetivo de reconstruir historicamente os valores que foram acrescidos ao fruto, principalmente aqueles que o ligam ao conceito de saudável e por isso, percorre-se desde as suas raízes ancestrais até a atual criação do conceito de “superfruta”. Da perspectiva sociológica este trabalho não considera verdadeiro ou falso as relações do açaí com a saúde, mas importa, nesse âmbito, refletir sobre a capacidade desses discursos afetarem as práticas alimentares, a demanda pelo fruto e o mercado em si. Assim, os discursos sobre o fruto são tidos como estratégias de penetração a um novo mercado, não mais local, mas sim global, baseado na formulação de novos conceitos de valor agregado ao açaí.

Por isso, para responder à questão proposta, metodologicamente optou-se por uma revisão bibliográfica através de uma retrospectiva sobre como o fruto de açaí foi ganhando notoriedade ao longo dos anos. Fez-se o uso de artigos, dissertações, teses e notícias em sites para operacionalizar o estudo.

O artigo está organizado em duas seções, além da introdução e conclusão. A primeira apresenta o referencial teórico sobre as transformações no sistema alimentar, como forma de subsidiar a discussão referente à significação que o açaí ganha ao longo do seu processo de valorização. A seção seguinte está subdividida em duas análises: (i) as mudanças no valor simbólico do açaí e (ii) Os agentes de mudança. Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. NOVAS ORDENS NO SISTEMA ALIMENTAR: a era dos alimentos benéficos à saúde

Os estudiosos da antropologia e da sociologia têm dedicado um olhar científico sobre a alimentação humana e sua transformação. Segundo Carneiro (2003), a alimentação é para além de uma necessidade biológica, é um sistema complexo de símbolos e significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos. Além disso, pode-se entender alimentação como um processo dinâmico e aberto, que ganha significados e valores conforme se modificam os sistemas alimentares, agrícolas e a sociedade como um todo, de modo que os padrões de permanência e mudanças no gosto e nos hábitos alimentares se constituem com a própria dinâmica da sociedade.

A alimentação, portanto, passa por constantes transformações e está cada vez mais se homogeneizando, passando de um sistema diversificado para outro hiperespecializado e integrado a amplos sistemas de produção agroalimentar (Canesqui & Garcia, 2005). Este fato pode ser compreendido pela percepção de Pollan (2006), a qual considera que a atual desordem alimentar é fruto da significativa diminuição da diversificação de alimentos, em que a maior parte das calorias consumidas vem apenas de quatro vegetais: milho, soja, trigo e arroz.

Assim, à medida que o sistema alimentar se torna cada vez mais especializado, a indústria passa a ter um papel central e definidor no gosto e preferências dos consumidores, manifestando seu poder de domínio e influência, sobre aquele que ingere o alimento. É por isso que o controle sobre os alimentos diminuiu o poder de escolha dos consumidores. Se tomar como base as grandes multinacionais (Coca-Cola, Parmalat, Nestlé, entre outros), chamados *Impérios Alimentares*, será possível entender que existe um regime monopolizador, que gera espaços de poder e luta que determinam as lógicas alimentares no mundo. Há, portanto, um sistema agroalimentar comandado por poucos indivíduos que junto às políticas aprovadas pelo Estado, são responsáveis por dinamizarem novas formas de produção e consumo, baseados nos interesses das indústrias e do mercado.

O monopólio das empresas reduz as opções de alimentos acessíveis nos supermercados (apesar da aparente diversidade) e influencia os Estados na formulação das políticas e das regras ao seu favor. Esses *Impérios* funcionam como dispositivos para o ordenamento do mercado alimentar, impondo novas formas de controle baseado nas superestruturas dos mercados globalizantes, como os grupos de agronegócio, grandes varejistas, além dos modelos científicos e as tecnologias (PLOEG, 2008). Nessa arena de

disputa, núcleos autoritários de poder competem pela hegemonia do sistema, criando modelos de alimentos que devem ser consumidos. Porém, ao mesmo tempo, este fenômeno mercantiliza a vida social e natural em novas esferas mercantis (PLOEG, 2008). Como já havia mencionado Santos (2002), observa-se que as empresas multinacionais agroalimentares tem um relevante papel no processo de construção de mercados hegemônicos.

Dessa forma, a representação do *Império* cria desconexões entre a produção e o consumo, degrada o meio ambiente, a paisagem, a biodiversidade, os meios de subsistências rurais e a qualidade dos alimentos (PLOEG, 2008). Neste aspecto, as reflexões de Ingold (2012), esclarecem que o processo de produção dos alimentos se deu a partir de uma relação conflitante entre homem-natureza, uma vez que houve uma sobreposição da primeira parte sobre a segunda.

O que se tem a partir destes elementos é um grande sistema industrial de alimentos, em que o objetivo maior é influenciar as pessoas a consumir os produtos. Por isso, as tendências recentes do sistema agroalimentar caracterizam-se pela coexistência de processos de padronização e de diferenciação no consumo dos alimentos. A valorização de produtos com atributos diferenciados cria novas oportunidades de mercado, ao mesmo tempo em que descaracteriza a luta contra hegemônica dos mercados de produtos alternativos, como os artesanais, de denominação de origem, orgânicos, agroecológicos que são apropriados pela indústria alimentar e os transformam em mercados de nicho. Como expresso por Wilkinson (2002), conserva-se a imagem de produtos originais.

Nesse sentido, a indústria se reposicionou na busca por conceitos que dialogam com temáticas que garantam maiores vendas e geração de lucros. Este comportamento se entrelaça com os desejos e preocupações dos consumidores, como no caso da busca por alimentos que proporcionem algum benefício à saúde e dessa forma, as indústrias se beneficiam desses desejos ao se apropriarem do discurso e da imagem de saudável. Para Vargas (2016), tal atitude representa um mecanismo de controle social sobre os indivíduos, por parte da medicina, da nutrição, mas também pelo próprio mercado.

Com isso, no contexto atual, ocorre à estilização e adaptação de produtos de acordo com o agente receptor (lugar, gosto pessoal), que em muitos casos, perde-se a essência do tradicional (GARCIA, 2003). Contudo, acredita-se neste trabalho que os consumidores também são levados a adotar determinadas práticas alimentares decorrentes das imposições e influências da indústria, do mercado, da ciência e da própria mídia que tem o papel de conectar um produto ao seu possível público consumidor.

Dessa forma, a sociedade passa por constantes transições alimentares, em que se deixa de consumir o alimento, seus valores tradicionais e passa-se a consumir pelos seus componentes, pela imagem que está sendo vendida. Um termo relativamente recente que vem sendo utilizado para caracterizar uma nova era alimentar é o nutricionalismo, trazido por Pollan (2008), que descreve que não houve um acontecimento específico que possa marcar a transição entre comer alimentos e comer nutrientes, porém, cita:

“Se você passou algum tempo num supermercado na década de 1980 talvez tenha notado algo esquisito acontecendo. A comida estava gradualmente desaparecendo das prateleiras. Não sumindo literalmente, não estou falando de escassez à moda soviética. Não, as prateleiras e as geladeiras ainda estavam sobrecarregadas com pacotes, caixas e sacos de vários comestíveis, que na verdade eram mais a cada ano, mas muitos dos alimentos tradicionais de supermercado estavam sendo substituídos por “nutrientes”, que não são a mesma coisa. Onde antes os nomes familiares de comestíveis reconhecíveis — coisas como ovos, cereais matinais ou salgadinhos — sustentavam a posição mais importante nos pacotes coloridos que abarrotavam os corredores, termos novos de ressonância científica como “colesterol”, “fibra” e “gordura saturada” começaram a vir estampados em destaque. Mais importante do que simples alimentos, achava-se que a presença ou a ausência dessas substâncias invisíveis conferia benefícios à saúde de quem os consumia” (POLLAN, 2008, p. 25-26).

A premissa indicava que os nutrientes se sobressaíam em relação ao alimento em si, na perspectiva que aqueles compostos químicos, identificados e estudados pelos cientistas, eram uma certeza científica de qualidade de consumo. Os “bons alimentos” prevalecem pela quantidade e por quais nutrientes os constituem, destacando-se os antioxidantes nos vegetais e não os vegetais em si (POLLAN, 2008).

Dentro desse contexto, explana-se sobre o conceito de alimentos funcionais, àqueles cuja finalidade é proporcionar benefícios terapêuticos, de prevenção a doenças e ao mesmo tempo, manutenção da saúde. A maioria dos efeitos positivos se deve à presença, em sua composição, de substâncias bioativas com propriedades antioxidantes, anti-inflamatória e imunológica (SACHO & PASTORE, 2016). Bianco (2008) cita três perspectivas na definição de alimentos funcionais:

- Instituto of Medicine: Qualquer alimento ou ingrediente modificado que tem a capacidade de proporcionar benefício à saúde além dos nutrientes tradicionais que contém.
- 1º Livro sobre alimentos funcionais: Publicado em 1994 por Goldeberg. Considerava alimento funcional aquele que pudesse impactar positivamente a

saúde, a performance física ou o próprio estado mental do indivíduo, além de seus valores nutritivos.

- British Journal of Nutrition: Um alimento é dito funcional quando ele contém um componente alimentar (nutriente ou não) que afeta uma ou mais funções específicas do corpo de modo positivo.

Acrescenta-se a estas definições, a perspectiva de alimentos funcionais que foi definida através da resolução Nº 18, de 30 de abril de 1999 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), como aquele alimento que pode produzir efeitos metabólicos e ou fisiológicos e ou benéficos à saúde, além de funções nutricionais básicas, devendo ser seguro para consumo sem supervisão médica. Dessa forma, o reconhecimento oficial dos alimentos funcionais no Brasil ocorreu em 1999, com aprovação de legislação específica. Porém, em 1980 a tendência de alimentos saudáveis já era utilizada como suplementos alimentares da linha *deit e light* (BIANCO, 2008).

Embora vários estudos tenham se dedicado a descobrir a funcionalidade dos alimentos, a ideia mágica sobre eles está cada vez mais se perpetuando e com isso, a promessa de prevenir e curar doenças torna-se um atrativo para o consumo. Contudo, para Raud (2008), essa nova tendência de alimentos funcionais promete não somente trazer uma nova perspectiva sobre os alimentos, mas principalmente, beneficiar o mercado alimentício, onde fatores-chave como a crescente preocupação com saúde e bem-estar e comprovações científicas, acabam por se tornarem fortes aliados nas estratégias de multinacionais.

Percebe-se, portanto, que em torno dos alimentos funcionais há um novo fôlego aos *traders* internacionais de commodities, que veem uma oportunidade de tornar as propriedades funcionais em valor agregado a um alimento (WILKINSON, 2002). É dessa forma que a indústria alimentícia passa a aplicar novos conhecimentos e conceitos a seus produtos, despertando questões que envolvem negociantes do mercado, políticos, profissionais da saúde, cientistas (BIANCO, 2008). Essa fusão de agentes busca agregar valor a novos produtos.

3. O CASO DO AÇAÍ:

3.1 Trajetória de valorização do Açaí: da cultura alimentar amazônica a agregação de valores ligados à saúde

O açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) é nativo da Amazônia brasileira, onde populações espontâneas são encontradas nos Estados do Pará, Amapá, Maranhão, Mato Grosso,

Tocantins e também em países da América do Sul (Venezuela, Colômbia, Equador, Suriname e Guiana) e da América Central (Panamá) (NOGUEIRA et al., 2005). De forma natural, é encontrado ao longo dos rios, em áreas alagadas, de solos inundáveis, onde se encontram em grande concentração nas várzeas, fazendo parte do conjunto florístico da Amazônia (ENRÍQUEZ, 2003).

Os dois principais produtos originários da espécie, o palmito e o fruto, são utilizados na alimentação humana. O fruto, matéria-prima para a obtenção do suco de açaí, bebida símbolo do estado do Pará, é o principal produto oriundo da palmeira, em que se constitui como um importante recurso utilizado durante muitos anos por homens, mulheres e crianças, através do extrativismo vegetal e que de cujo fruto se extrai o “vinho” ou polpa de açaí, produto mais importante atualmente.

O consumo do fruto é baseado em uma lenda ancestral da índia Iaçã que dá origem ao nome do fruto, conhecido como *fruto que chora ou fruto de água*. Além disso, é considerado a “seiva da floresta” ou o próprio local de morada dos povos da mata (MOURÃO, 2010). Neste sentido, a ancestralidade do uso do açaizeiro pelos indígenas é em parte recuperada pela lenda, mas principalmente, continua viva devido à transmissão entre as gerações através da oralidade. Assim, há em torno do fruto uma representação folclórica que evidencia sua importância para a região amazônica.

O açaí chega a constituir-se como prato principal das refeições diárias de famílias, complementado, usualmente, por farinha de mandioca, peixe, carne seca ou camarão. Além disso, culturalmente a polpa do fruto é comercializada em pontos de venda que são simbolizadas por uma placa vermelha, que podem ser de forma circular, oval e retangular, iluminadas por lanternas envoltas por papel celofane também vermelho (SIMONIAN, 2014).

Segundo Simonian (2014), com base em toda a importância do fruto para o estado do Pará, a Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA), reconheceu a importância do açaí enquanto fruto e bebida e como patrimônio cultural do estado instituída pela Lei estadual 6.413 em 2013. Portanto, a relação do açaí como cultura passa a ter valor legal, deixando de estar apenas na memória e na narrativa dos moradores locais.

Com isso, o fruto de açaí é um importante elemento da culinária paraense, é material e imaterial. Está enraizado no modo de vida e nos costumes da população local da região norte. É a partir dessa perspectiva que o açaí torna-se parte do cotidiano paraense, como um hábito alimentar e, também, como elemento definidor de identidade.

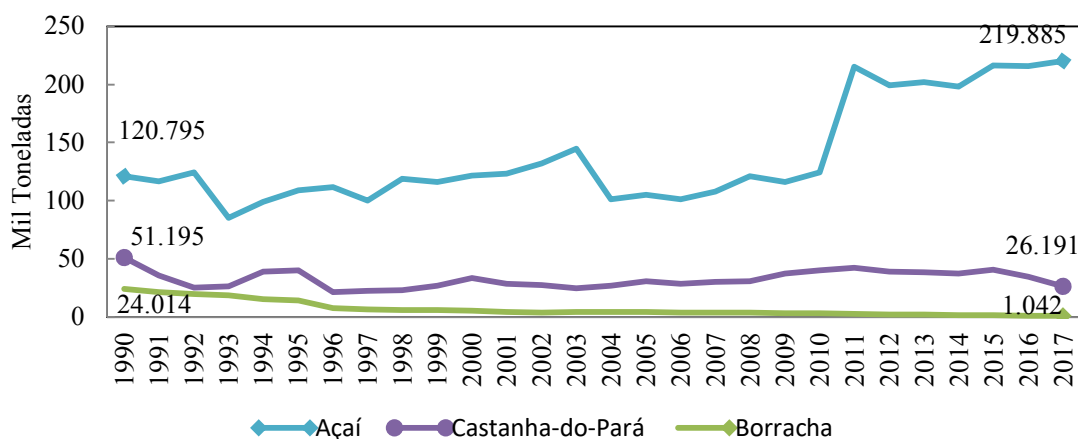
Para Mourão (2010), o consumo desse fruto ficou por muito tempo restrito ao seu local de origem, não era considerado em termos econômicos, pelos grupos sociais que deles sobreviviam (principalmente ribeirinhos), nem pelos estados, pelos políticos ou empresários. Não aparecia nas estatísticas de produção até 1970, momento em que o palmito, proveniente da palmeira de açaí, ganhou valor econômico. O seu consumo era registrado e relatado apenas nas literaturas locais. Era dele que as populações ribeirinhas sobreviviam, utilizando parte da produção para a alimentação e comercializando o excedente para completar sua subsistência e reprodução social (MOURÃO, 2010).

Contudo, a partir da década de 1960, com o aumento do processo de urbanização, o açaí apresentou uma intensificação no índice de consumo em centros urbanos, saindo das áreas rurais, para ocupar as periferias das cidades no estado do Pará. Por outro lado, nesse mesmo período é registrada a ocorrência de derrubada de grandes áreas de açazeais nativos para extração de palmito (HOMMA, 2014). Em 1970, os estoques de açazeiro na foz do rio Amazonas sofreram fortes derrubadas para a extração do palmito, o que levou o presidente Ernesto Geisel a assinar a Lei nº 6.576/1978, proibindo esta atividade, mas não obteve grandes êxitos (HOMMA et al., 2006).

Em 1980, o Pará se tornou a principal Unidade da Federação na extração e produção de palmito em conserva com a matéria prima do açazeiro, sendo responsável por 95% da produção nacional (MOURÃO, 2010). Porém, na década de 1990, com o crescimento na demanda pelo fruto, houve uma queda brusca na extração de palmito, fato que beneficiou, principalmente, aqueles que consomem o vinho do açaí como alimento básico (BENTES, 2003).

A redução na produção de palmito foi acompanhada pelo crescimento da demanda da polpa do fruto. Desta forma, a despeito do aumento na oferta do produto, os preços passaram a subir, favorecendo os produtores (BENTES; HOMMA; SANTOS, 2017). Segundo Nogueira e Homma (2014), na década de 1990 ocorreu uma grande valorização do fruto, fato esse ocasionado pela expansão do comércio para outras regiões no território nacional, como os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Goiás, fazendo com que os açazeiros deixassem de ser derrubados para a extração de palmito e passassem a ser mantidos na área para produção de frutos. Desde os anos 1990 até a atualidade, o fruto tem apresentado crescimento na sua produção, conforme mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Produção de açaí, Castanha-do-Pará e borracha no Brasil em toneladas, durante os anos de 1990 a 2017.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE, 2018.

O gráfico demonstra o crescimento na produção extrativa do açaí que se deu em paralelo com o decréscimo de outras duas culturas que já foram, em outro momento, de grande valor econômico para a região Amazônica. Segundo Mourão (2010) foi nos anos 90 que o típico açaí da Amazônia começou a fazer sucesso entre as pessoas da chamada “geração saúde” por ser reconhecido como importante energético, mas nesse momento ainda não havia investimento ou suporte de grandes indústrias ou marcas sobre o fruto, sendo sua divulgação iniciada em telenovelas e revistas sobre saúde.

Durante esse período, o estudo de Guimarães (1999), avaliou o consumo e o perfil dos consumidores de açaí no Rio de Janeiro, em que a chegada do fruto nesse estado era para ser comercializados em supermercados, lojas de sucos, casas especializadas, restaurantes e quiosques situados na praia e, era consumido geralmente no copo, como suco ou quase sempre misturado com xarope de guaraná, fato este que tornava a bebida ainda mais energética.

Quanto ao perfil dos consumidores, foram entrevistados compradores e diversos comerciantes ligados ao mercado do açaí: atacadistas, donos de lojas de sucos e casas especializadas em produtos naturais que comercializam a polpa do fruto, quiosques e os próprios consumidores (GUIMARÃES, 1999). Conforme indica o trabalho, o açaí começou a ser consumido no Rio de Janeiro pelos mais jovens, por pessoas de classe média, principalmente entre os homens, devido ser também um alimento considerado gorduroso e que, segundo Guimarães (1999), preocupa grande parcela das mulheres. O consumo não se deu por ter o mesmo significado de alimento pelos seus consumidores locais, que consomem diariamente como principal refeição, mas porque começou a tornar-se moda e ser divulgado

pelos veículos de comunicação como um grande repositório de energia, o que justifica ser mais almejado por pessoas que praticam algum tipo de esporte ou atividade física.

Para Ponte (2012), a farmacologização é um fenômeno que transformou o consumo do fruto, muito embora já esteja registrado seu uso milenar na medicina popular. Além disso, o valor nutricional do açaí, rico em proteínas, lipídios, fibras e vitamina E, elevado teor de antocianinas (PAGLIARUSSI, 2010), o consagrou como um excelente energético e impulsionou o aumento da demanda em outras classes sociais. Assim, o açaí deixou de ser uma bebida da população de baixa renda para ser uma bebida global (ZERRER, 2015). Dessa forma, o fruto passou a ser procurado pelos esportistas e ganhou grande importância econômica.

Na década de 2000, o açaí se consolida como importante produto de mercado com grande procura em nível nacional e internacional. Em 2004, o conceito de *superfruta* tornou-se popular com a publicação do livro *SuperFoods Rx*, de Steven G. Pratt e Kathy Matthews, que divulgou uma lista de 14 alimentos que apresentavam um valor nutritivo alto quando comparado com outros frutos. Esse valor é baseado no valor da taxa ORAC (*Oxygen Radical Absorbance Capacity*). Nessa época, o blueberry, foi o primeiro fruto a receber tal denominação. Novas medições e refinamentos no cálculo da taxa ORAC levaram, em 2006 - 2007, à publicação de uma nova lista onde o açaí, o cranberry e outros, passaram também a ser chamados de *superfrutas* (ADITIVOS & INGREDIENTES, 2008).

Embora esse termo seja relativamente novo, Victoria Albert (2017) cita que Whitney Kimball (2015) observou em seu estudo “The Rise and Fall of Superfoods”, que a Coca-cola foi pioneira nesse conceito ainda no final do século XIX, quando comercializava seus produtos como “bebida intelectual”, discretamente já embutindo a ideia de bebidas estimulantes e tônicas. O termo evoluiu para incluir novos benefícios à saúde ao consumir esses “super”. Dessa forma, a linguagem utilizada na venda desses produtos passa a ser fator importante na estratégia de marketing do setor de alimentos saudáveis, que criam novas demandas, convencendo os consumidores sobre a necessidade de fazerem uso desses produtos.

O relatório intitulado *Açaí Berry Market: Análise Global da Indústria e Avaliação de Oportunidades, 2016-2026* feito pela Future Market Insights-FMI³ prevê um aumento no consumo global de produtos do Açaí, e espera que as vendas superem 1 milhão de toneladas até o final de 2026. Aponta-se que o conteúdo nutricional de produtos que contêm açaí ajudou

³ Future Market Insights – FMI. Açaí Berry’s Effective Application in Cosmetics will Boost its Global Sales during 2016-2026. <https://www.futuremarketinsights.com/press-release/acai-berry-market>

a impulsionar a produção de bebidas e também, de cosméticos. Da mesma forma, as vendas de açaí aumentaram nos últimos três anos devido à percepção positiva que relaciona o fruto a definição de um superalimento.

Neste relatório, é projetado que o uso do açaí como componente de produtos cosméticos irá impulsionar vendas globais no futuro, uma vez que os consumidores estão tendo mais acesso a informações sobre os possíveis benefícios do fruto. Os produtos lançados pelas indústrias cosméticas, à base de açaí, reforçam a ideia de que esse produto promove uma pele mais saudável, com aparência jovial e elasticidade, e, por serem ricos em vitaminas A, C e E, ajudam na regeneração da pele.

Ainda segundo o relatório, a empresa *Açaí brasileiro Frooty* está entre os principais intervenientes no mercado global de Açaí. A Phyto Nutraceuticals, da África do Sul, também é conhecida como fabricante proeminente de produtos de Açaí, enquanto empresas sediadas nos EUA, como Sambazon, Açaí Roots, Nativo Açaí, Acai Exotic, Jamaba Juice, Sunfood, Naked Juice Company e The Coca-Cola Company também são participantes ativas do mercado global do fruto. Dessa forma, um dos fatores que contribuíram para o crescimento desse segmento foi devido a crescente demanda por bebidas e comidas que não contenham ingredientes artificiais e isso impulsionou o crescimento do mercado global do açaí (FUTURE MARKET INSIGHTS, 2017).

Segundo Cialdella e Navegante-Alves (2014), esse aumento foi ocasionado por dois fatores: (i) urbanização combinada com a melhoria do padrão de vida das classes trabalhadoras e populares como consequência das políticas sociais iniciadas pelo governo federal desde os anos 2000; (ii) o surgimento do açaí como um "superalimento", principalmente devido à sua energia e propriedades antioxidantes cujo consumo é fortemente encorajado.

Outro estudo importante de ser mencionado foi realizado pela MINTEL⁴ (2015) o qual revelou que entre os anos de 2011 e 2015 houve um aumento de 202% no número de novos produtos alimentícios lançados contendo os termos “superalimento”, *superfruit* ou *supergrain*, sendo que só em 2015 houve um aumento de 36% no número de alimentos e bebidas lançados globalmente com os termos. Em 2015, o EUA foi o país pioneiro no lançamento do “super” alimentos e bebidas (30%), seguido pela Austrália (10%), Alemanha (7%), Reino Unido (6%) e Canadá (6%). Mas os *superalimentos* não se limitam apenas a comida e bebida, eles estão surgindo regularmente nos corredores de beleza, saúde, higiene e

⁴ É uma empresa que atua desde 1972 em pesquisa de mercado.

alimentos para animais de estimação (MINTEL, 2015), como mostra o Quadro 1. Todos esses fatores contribuíram para o crescimento do mercado de açaí, que saiu do anonimato e hoje passa a ser o novo modismo alimentar.

Quadro 1 – Destinos dados ao açaí de acordo com cada setor.

Setor	Produtos
Setor de Bebidas e Alimentação	Barra de Cereal • Batida • Chiclete • Chocolate • Creme • Energético • Picolé • Pó • Polpa • Sorvete • Suco • Tequila • Vinho • Vodca
Setor Cosmético	Shampoo • Condicionador • Hidratante para cabelos • Hidratante para pele • Esfoliante • Sabonete • Esmalte • Óleo para cabelo • Batom • Hidratante para lábios
Setor Fármaco	Vitaminas e suplementos

Fonte: Elaboração própria com base em SEBRAE, 2015.

Logo, a fruta nativa da Amazônia chega ao mundo com enorme variedade de opções. De acordo com Bezerra, Freitas-Silva e Damasceno (2016), dos alimentos processados que contêm açaí e que foram lançados no mercado mundial nos últimos 5 anos, 22% são representados por sucos, 12% bebidas energéticas e esportivas, 9% lanches, 7% sobremesas e sorvetes, 5% na categoria láctea e 3% em doces e balas. Dentre os países com maiores índices representativos no lançamento desses produtos estão os Estados Unidos (30%) seguidos respectivamente pelo Brasil (19%) e Canadá (8%) na escala global.

Brondízio (2005) acrescenta que a expansão do mercado de açaí é resultado de novas formas de consumo, que envolve a adição de xarope de guaraná e o acréscimo de frutas como banana e morango, além de novos ingredientes como granola, leite em pó, até produtos mais elaborados, que utilizam do princípio ativo do fruto para compor novos mercados, como o cosmético. Estas novas composições adapta as demandas e gostos dos novos consumidores, descaracterizando o próprio valor cultural do açaí.

Dessa forma, a importância social, econômica e cultural do açaí está fundada em significados que foram se transformando ao longo do tempo. Sendo assim, esses valores passaram por uma trajetória que variou desde o seu uso apenas alimentar pelos moradores locais das várzeas amazônicas, depois pelo valor econômico do palmito e mais recentemente, pela perspectiva de valorização da polpa do açaí como importante fonte de nutrientes benéficos à saúde. Esses usos e significados vão se tornando consistentes e passam a moldar o mercado de açaí e a cadeia produtiva desde o seu elo mais importante, a produção.

3.2 Agentes e processos de mudança

Considerando o cenário apresentado acima, de resignificação do fruto de açaí e a crescente demanda por ele, acredita-se que os alimentos, de forma geral, são significados em diferentes contextos e ao longo do tempo, adquirindo distintos referenciais de qualificação conforme os mercados que circulam. Garcia (2003) aponta que, as mudanças nas práticas alimentares decorrem de um estilo de vida moderno e por isso, deve-se levar em consideração a urbanidade do contexto contemporâneo da comensalidade, a globalização da economia e a industrialização, como agentes que exercem um grande papel devido a gama de produtos e serviços, que são mundialmente distribuídos, além de serem envoltos de suporte publicitário e do uso do discurso científico na divulgação de alimentos.

Nesta seção, alguns agentes e processos foram identificados como impulsionadores de mudança no resignificado e na valorização do açaí. Eles são destacados e explicados, para compreender como cada um exerceu um papel importante para alavancar a demanda pelo fruto.

3.2.1 Mudanças no comportamento dos consumidores

Especialistas em saúde e nutrição vêm alertando sobre as consequências do rápido crescimento mundial do consumo de alimentos processados como uma das causas importantes da epidemia global de obesidade, diabetes e outras doenças crônicas (MONTEIRO & CASTRO 2009). Como as raízes desse problema, Ribeiro, Jaime e Ventura (2017), citam que a vida agitada nas cidades, combinado com um mau planejamento urbano, podem levar à falta de atividade física e à dificuldade de se fazer escolhas alimentares mais saudáveis.

Atualmente, segundo o Atlas do Agronegócio (2018), há dez corporações globais controlando o mercado de alimentos que tornam cada vez mais concentrados os *player* globais que controlam a indústria. A emergência da economia de escala torna o mercado cada vez mais complexo ao mesmo tempo em que concentra num número reduzido de empresas o controle e influência sobre o que é produzido e consumido, como ocorre no mercado mundial de alimentos.

Ainda segundo o referido documento, cita-se que um artigo publicado na revista médica Lancet, identificou que o índice de obesidade entre meninos saltou de 0,93% em 1975 para 12,7% em 2016 e em meninas de 1,01% para 9,37%, no mesmo período e brasileiros com mais de dez anos de idade consomem em média 21,5% de alimentos ultraprocessados em sua dieta alimentar.

Portanto, a saúde e a qualidade de vida constituem uma das principais preocupações dos consumidores. O *fit*, o *diet*, o *light*, o zero, sem glúten, vêm a cada dia conquistando mentes e mercados e, por vezes, confundindo quem busca caminhos para uma alimentação mais saudável. Ao mesmo tempo, a conscientização sobre os impactos do sistema agroindustrial na alimentação vem criando um novo nicho de mercado em que os alimentos orgânicos e naturais começam a fazer parte (ATLAS DO AGRONEGÓCIO, 2018).

Aos poucos, ao mesmo tempo em que avança a conscientização por parte dos consumidores, surge uma nova abertura de mercado para os alimentos saudáveis. Assim, cada vez mais os mercados buscam se aproximar das expectativas dos consumidores. Entende-se, portanto, que o consumo consciente em relação à saúde tornou-se um negócio lucrativo. As corporações vendem os alimentos “saudáveis” como um modo de combater problemas e doenças nutricionais, apesar de serem considerados parcialmente responsáveis por estes mesmos problemas (ATLAS DO AGRONEGÓCIO, 2018).

Com isso, no que dizem respeito à alimentação, as tendências mundiais dos últimos anos indicam e acompanham os interesses dos consumidores por determinados produtos que, além do seu valor nutritivo, possam trazer benefícios às funções fisiológicas do organismo humano e principalmente, sejam capazes de prevenir o aparecimento de doenças. Por isso, esta busca por parte dos consumidores passa a ser percebido como um possível mercado a ser cada vez mais explorado.

Dessa forma, alguns estudos sobre o fruto de açaí vêm mostrando que o seu consumo pode controlar ou prevenir algumas doenças, como nos casos de diabetes e doenças cardiovasculares, pois, além do fruto demonstrar alta capacidade antioxidante, apresenta também benefícios nutricionais e terapêuticos (LIMA et al. 2012; CEDRIM, BARROS, NASCIMENTO, 2018). A divulgação destes estudos tem movimentado o mercado do fruto nos últimos anos que se fortaleceu à medida que foi sendo reconhecido como um alimento-medicamento.

Parte do sucesso nas vendas do fruto é devido a esta crescente demanda mundial por alimentos e bebidas saudáveis e nutricionais que cria novas oportunidades de mercado. Segundo Homma et al (2006), o fruto do açaizeiro, assim como o guaraná da Amazônia, é o novo produto consumido em todo país e no mundo, que alcançou um novo elo de mercado, o de alimentos funcionais e nutracêuticos.

As grandes indústrias de alimentos se beneficiam da busca por alimentos mais naturais ou com uma pegada ambiental e transforma esta demanda em mercadorias massivamente

consumíveis. Desse modo, as gigantes da indústria alimentar consolidaram a distribuição mundial de produtos alimentícios se apropriando de novas linguagens com forte apelo para a originalidade dos produtos e dessa forma, a indústria busca por conceitos com alto apelo de saudável, original. Assim, vários alimentos são considerados milagrosamente benéficos à saúde⁵.

Com isso, a perspectiva ideológica do Nutricionismo, reduz a comida a seus componentes bioquímicos e, portanto, dialoga com a ideia de racionalização da dieta, promovendo a ideia que um único produto é capaz de nutrir o corpo, tornando a alimentação individualizada, restrita, desprovida de valores culturais e funções sociais e endossada pelo fenômeno da medicalização alimentar (AZEVEDO, 2017). Contudo, conforme explica Pollan (2008), hoje há milhares de substâncias comestíveis com aparência de comida, que muitas vezes vem em embalagens carregadas de informações e alegações quanto aos benefícios que trazem à saúde, o que leva a um conselho do autor: “quem se preocupa com a saúde provavelmente deveria evitar produtos que fazem alegações quanto a benefícios para a saúde. Por quê? Porque uma alegação desse tipo num produto alimentício é forte indicação de que não se trata de fato de comida” (POLLAN, 2008, p. 10).

Com isso, as variações dos padrões de alimentação favorecem o desenvolvimento de mercados específicos para determinadas demandas, que servem como uma linha de orientação para a inovação e para o lançamento de novos produtos e novos nichos. Para Ramos e Júnior (2001), a produção de produtos especializados e diferenciados para atender demandas específicas dos consumidores tem fortalecido o poder global das grandes corporações transnacionais de alimentos, que não estão mais voltadas à simples produção em massa de produtos homogêneos, mas de mercadorias que apresentem valores diferenciados para públicos específicos. Produtos estes, que podem inclusive ser gerados em unidades menores ou quase artesanais, mas que respondem a padrões de qualidade definidos por grandes atores que comandam os elos do processamento industrial e da distribuição, através de marcas multinacionais (RAMOS & JÚNIOR, 2001).

Então, o alimento hoje é homogeneizado em sua composição, mas não em seu significado. Por isso, acredita-se, que a comercialização de produtos alimentares poderá explorar com sucesso esta tendência de consumo mais consciente (seja por alimentos

⁵ Em 2017, um estudo publicado na Graduate Journal of Food Studies, revelou o poder da categoria de valor “superalimento” para o desenvolvimento do mercado da quinoa na Europa. Os elogios sobre esse grão resultaram num intenso lobby do governo boliviano, que buscaram ampliar o seu mercado, tornando-o popularmente conhecido e principalmente, incluindo-o como um “superalimento”.

saudáveis, ecológicos, livres de agrotóxicos), não apenas numa perspectiva temporária, mas numa abordagem mais sustentada, principalmente por conta da apropriação da ciência pelos mercados, que cada dia desvenda novas propriedades e qualidades de um determinado alimento.

No caso do açaí, Guimarães et al (2017) diz que as empresas internacionais vêm incorporando ativos da biodiversidade amazônica como matéria prima para o lançamento de seus produtos e que ao analisar o pedido de patentes sobre o fruto de açaí, foram encontrados quatro perfis de depositantes: 83 pedidos de empresas, 11 de Universidades, 6 de instituição de pesquisa e 28 de pessoa física. Dentre as empresas líderes, destacam-se a K24 (startup na área de saúde) e a Mary Kay (empresa no setor de cosméticos). Percebe-se, portanto, um interesse crescente por empresas estrangeiras em se tornarem proprietárias dos compostos bioativos do açaí. Isso evidencia o aumento do interesse pelas propriedades da *Euterpe Oleracea* (GUIMARÃES et al., 2017).

Por isso, o uso de termos científicos, é considerado como fortes aliados no campo de fortalecimento de mercados. É dessa forma que a alimentação passa a se inserir nas organizações dos mercados, assim como o mercado também passa a estabelecer as regras de produção e consumo dos alimentos, por meio das manifestações de poder e controle que exercem. No âmbito de tais manifestações, compreende-se que existem diversas forças atuantes no processo de modelagem do comportamento, dos hábitos alimentares. Nesse sentido, o conceito de força e poder estão relacionados ao uso de estratégias de persuasão e convencimento que garante tornar um produto ativamente consumível.

3.2.2 A globalização

A comida (ou alimento), apesar das suas claras relações com a cultura local, a religião, o gosto, a tradição, o simbolismo e a identidade, tem sido produzida como uma mercadoria sob as premissas de um sistema e de uma política agroalimentar de caráter global, dominada por grandes corporações, o que envolve uma forma legitimada de poder (AZEVEDO, 2017). Por isso, o alimento é um tema frutífero para explorar os múltiplos significados da globalização, uma vez que expõe a complexidade de um peculiar fenômeno transcendente.

Dessa forma, o atual regime alimentar imperial é um complexo sistema multifacetado e em expansão, que monopoliza as ligações entre lugares, pessoas e produtos. Então, os *impérios alimentares* são orientados por dois princípios, segundo Ploeg (2008): o mercado global e o sistema da linha de montagem. Em relação ao mercado global, hoje o

“encurtamento” das distâncias torna possível o acesso a bens e produtos antes inimagináveis. O que se come nas comunidades ribeirinhas (açai) é possível, mesmo com mudanças e adaptações, ser consumido em outras partes do mundo e vice-versa. Quanto à linha de montagem, o controle da produção, circulação e o consumo de alimentos, passam a ser descentralizado e desterritorializado, em que são inseridos vários elementos ao longo da cadeia produtiva, muitas vezes em lugares diferentes, para a obtenção do produto final.

Com isso, um produto torna-se deslocalizado e pode conter elementos provenientes de diferentes regiões (BIANCO, 2008). Fato este que ocorre na cadeia produtiva do açai. A polpa do fruto sai do estado do Pará apenas adicionada por água e depois, ao longo da cadeia produtiva, é acrescido de outros ingredientes ou mesmo, são retiradas as propriedades do fruto para a fabricação de seus subprodutos e chega ao consumidor final de diversas formas.

Com isso, entende-se a globalização como um fenômeno que envolve aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e pessoais e que gerou a ressignificação das relações na sociedade, por impulsionar e influenciar novos padrões de envolvimento entre os indivíduos, empresas, organizações e até mesmo com o próprio Estado, segundo explica Gonçalves (2005). Este processo vislumbra uma dimensão multidimensional reorientando as configurações locais para normatizações globais com fortes mudanças na organização das atividades humanas.

Entende-se também que a configuração da sociedade se modificou e se modifica constantemente perante as transformações no modo de trabalho e vida. E isso faz refletir sobre os valores relacionados à alimentação, saúde, corpo e também, sobre as tendências no consumo alimentar que são conduzidos juntamente com o desenvolvimento econômico e, portanto, está relacionado com os processos de globalização. De forma contemporânea, como explica Leonardo (2009), a massificação da cultura alimentar se aplica na extensão da urbanização, na industrialização dos produtos alimentares, em seu marketing e na mídia imposta na implantação dos produtos que manipulam os hábitos e passam a ser uma necessidade de aquisição. Nesse processo de massificação, o alimento se padroniza em nome da sua descaracterização e, passa a fazer parte de um nicho específico, ganhando novas conformidades e valores.

Em vista disso, o alimento passa a ser pautado no entendimento de mercadoria, em que as empresas alimentícias lucram com inovações que facilitam um estilo de vida mais acelerado, pois o tempo gasto com o trabalho ocupa a maior parte do dia e, por isso, exige cada vez mais produtos eficientes e que sejam capazes de suprir as necessidades alimentares

de uma pessoa. Supõe-se, que o consumo precisa de sentido, ou seja, trata-se de um sistema de significação, com alto investimento em marketing e publicidade para tornar atrativo o que está sendo ofertado. Então, mesmo com um sistema de produção baseado em alimentos industrialmente modificados, ainda assim carregam consigo a imagem de natural.

Dessa forma, a alimentação tem passado por transformações que se revelam no cotidiano globalizado, em que as modernas organizações são capazes de conectar o local ao global, intensificando as relações em escala mundial e que isso só é possível porque há de alguma forma, confiança nos sistemas que a promovem, embora os riscos não deixem de existir por completo (BIANCO, 2008). Por isso, para amenizar a ansiedade dos consumidores e tornar os riscos aceitáveis, a indústria alimentar se utiliza dos estudos científicos, propagados através do discurso mercantil, para reafirmar a segurança do alimento.

Para Diaz-Méndez e García-Espejo (2016), uma das consequências da globalização alimentar é o processo de individualização das escolhas, porque o momento de decidir o que consumir gera uma confusão entre os comensais devido à perda dos padrões alimentares culturais, em que passa a adotar um novo critério de escolha, a saúde. Por isso, considera-se que a globalização do consumo de alimentos gera instabilidade no sistema alimentar como um todo e enfraquece as tradições.

Portanto, a globalização imprime mudanças nos padrões alimentares que unificam os hábitos e marginaliza a diversidade cultural a favor de um comportamento alimentar mais homogêneo, resultado da internacionalização, da multiculturalidade dos mercados alimentares atuais e do poder dos agentes que intervêm na cadeia, como os agentes institucionais, em especial o Estado (DIAZ-MÉNDES & GARCÍA-ESPEJO, 2016).

Segundo Cassol e Schneider (2015), o processo de globalização consolida a produção e distribuição de alimentos, que passou cada vez mais se concentrar nas mãos de grandes empresas transnacionais. Dessa forma, as cadeias alimentares globais se manifestam a partir da integração de diversos atores, que inclui desde os trabalhadores, até o Estado, as agroindústrias, empresas de logística e os consumidores. Esses elos dinamizam o processo de inserção de regiões, localidades e produtos na área de disputas globais em mercados de alimentos, promovido pelas relações de poder.

Neste contexto, os intercâmbios e alianças governamentais oferecem condições favoráveis de participação dos diferentes atores numa arena internacional crescentemente coordenada por um corpo de instituições de regulação do comércio de produtos e serviços, que contribuem para a fragmentação tradicional das economias nacionais e locais

(GONÇALVEZ, 2005), gerando um determinismo de consumo que institui novas práticas culturais agora não mais baseada na confiança entre o produtor e o consumidor, mas nas formalidades de controle, como embalagens, certificações e a cientificidade.

Dessa forma, percebe-se que é através de seus supostos benefícios que um fruto tipicamente local passa a ganhar notoriedade. Atualmente o açaí representa um mercado muito expressivo entre as frutas tropicais (abacaxi, acerola, cajá, caju, coco, goiaba, graviola, maracujá, lima, manga, mamão), sendo o que mais tem se destacado em termos de agregação de valor (BRABO et al., 2018), e entre os produtos alimentícios, o açaí é o segundo produto advindo do extrativismo de maior importância nacional, ficando atrás somente da erva-mate (IBGE, 2018). Mostra-se, portanto, que o rápido crescimento do mercado de açaí atrai novos investimentos, de estratégias de marketing para vender o fruto e valida a imagem da Amazônia, de seu povo e do fruto como exótico (CHERER, 2000).

3.2.3 A ciência e o discurso midiático

Diante dos dados que relaciona a má alimentação com o crescente aumento das doenças crônicas, os alimentos são transformados em um elemento central nas tomadas de decisões para a saúde pública. Contudo, cabe levantar algumas reflexões sobre a noção de alimentação saudável que está sendo produzida no imaginário social da sociedade contemporânea, orientada por uma concepção de saúde reduzida à busca de cura ou prevenção da doença (KRAEMER et al, 2014).

Para Fonseca et al (2011), ao relacionar saúde e comida, o alimento continua mantendo sua função fisiológica, só que transvertido de novos significados, tais como a preocupação por uma alimentação saudável e com a composição nutricional daquilo que se ingere. Com isso, as mudanças nas regulações alimentares envolvem também os interesses dos mercados. (BIANCO, 2008).

Tomando como base o fruto de açaí, a sua trajetória de importância desencadeou a expansão do consumo para além de um hábito alimentar dos amazônidas e o produto voltou-se ao mercado de alimentos funcionais, nutritivos e energéticos, portanto, foi projetado o valor de saúde ao fruto. Percebe-se que os conceitos nutricionais alimentares começam a tomar corpo no meio científico, mas que traz como consequência uma nutrição otimizada e restritiva, que busca maximizar as funções fisiológicas de cada indivíduo, minimizar o risco de doenças ao longo de sua vida e que também delimita todas as necessidades fisiológicas do

corpo humano em um único alimento (NITZKE, 2012). O que Vargas (2016) chama de *medicalização da sociedade*.

Para Kraemer et al (2014), o modelo mecanicista e generalizador da ciência moderna, construído a partir de critérios objetivos e mensuráveis, ainda se fazem presentes em alguns setores das Ciências da Saúde. Portanto, a ideia de *alimentação saudável*, embora seja considerada como positiva pelo aumento da conscientização dos consumidores, há de se relacionar que a finalidade de combate a endemias, reproduz o paradigma mecanicista e tecnicista moderno. Dessa forma, as universidades e os centros de pesquisa são citados por Filho, Sousa e Silva (2015), como influentes na construção do conhecimento, mas, além disso, são tidos como aliados na construção do discurso mercadológico.

Portanto, a construção dos termos “alimentos funcionais”, “nutraceuticos”, “farmaconutrientes” passam a ser utilizados compulsoriamente. Esta confusão de nomenclaturas afeta diretamente os consumidores, que mesmo que não consigam de fato compreender o significado de tais alegações, são levados a entender que o não acesso a estes alimentos poderá até colocar sua saúde em risco (NITZKE, 2012).

Dessa forma, alimentação saudável é construída no imaginário como um alimento milagroso capaz de tornar o ideal de saúde em realidade. Tal visão reduz a alimentação saudável a um padrão de objetividade fundamentado em uma estrutura de valor. Assim, o comer saudável deve obedecer a regras nutricionais. Um ideal de alimentação que ignora o sujeito e seus desejos a um ser que ingere apenas calorias e nutrientes. Na verdade o que se produz são alimentos despolitizados para serem adequados a um padrão dominante dos impérios alimentares (KRAEMER et al, 2014).

Com isso, as normas geradas nesse regime são propostas aos indivíduos, não de maneira abrupta, mas como um convencimento sutil construído a partir do conhecimento que foi cientificamente produzido, portanto, “verdadeiro”. Dessa forma, o poder exercido pelas indústrias alimentares é uma forma indutora de exercer poder sobre o consumidor. Assim sendo, o discurso científico é uma espécie de produtor de “verdades” e por isso, é apropriada pelo mercado como forma de garantir confiança na relação com o consumidor (KRAEMER et al., 2014). Abaixo, citam-se alguns discursos produzidos para o açaí:

Açaí é tão saudável quanto azeite de oliva: fruto previne o câncer, diabetes e doenças cardíacas (ASSAYAG, 2009).

From the Amazon to the World (SAMBAZON, 2018).

Juçá é um alimento completo... mais rico em nutrientes e antioxidantes em comparação com o açaí comum (JUÇÁÍ, 2019).

Estudos têm demonstrado que o Açaí possui alta energia e é repleto de valor antioxidante e nutricional, tornando-se a melhor superfruta! (NATROL, 2019)

Nos exemplos citados, vende-se a ideia de um alimento completo, ideal para quem busca uma vida saudável e a imagem embutida da Amazônia, um alimento da floresta para o mundo, fortalece ainda mais a aparência da empresa. Outro ponto importante é que na terceira frase, da empresa JUÇÁÍ, o açaí da Mata Atlântica (conhecido como Juçara), também está aproveitando o momento do açaí amazônico para fortalecer o mercado desta outra espécie e até faz menção que o da Mata Atlântica é ainda melhor que o açaí comum.

Portanto, partindo para outra discussão, outro ponto chave que merece destaque são os veículos de comunicação, principalmente a televisão, a internet, as embalagens e mais recente, as redes sociais, estão presentes com maior frequência no cotidiano das pessoas, têm um papel importante em dinamizar as informações e principalmente, a induzir o comportamento de consumo. Para Raud (2008) a chave para o sucesso no mercado de alimentos reside na inovação e no investimento pesado na comunicação. Percebe-se que o comportamento do indivíduo está centrado na sociedade do consumo cada vez mais estimulada a novos desejos e novas necessidades impostas por um modelo de obrigatoriedade que irá aspirar a um status ou poder ao ter acesso a um determinado produto (REIS, 2015).

Com isso, destaca-se uma publicação da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) para o quarto semestre de 2017, que fez referência a uma pesquisa realizada pela IBISWORD e que foi divulgada pela Spoonity⁶, revela que o mercado de sucos e *smoothies* de açaí gera uma receita de US\$ 2 bilhões, com cerca de 5.237 empresas atuantes que utilizam estratégias de mercado para que as marcas estejam sempre em destaque, entre elas são citadas: realizar promoções de tigela de açaí como alimento saudável; promover o consumo como ideal para qualquer hora do dia comercializando-o como um estimulante, seja para pessoas que estejam saindo do trabalho ou mesmo para uma simples sobremesa; divulgação do negócio por redes sociais e garantir que o compartilhamento de fotos do açaí por uma pessoa, gere a ela descontos ou recompensas para a foto mais curtida; induzir que os consumidores indiquem a marca ou o negócio a outras pessoas, ou seja, o famoso marketing “boca a boca” e

⁶ “A Spoonity é uma plataforma de recompensas de fidelidade, permitindo que as empresas possam combinar seus programas de recompensas de fidelidade e cartões-presente em um único cartão, tag ou aplicativo de smartphone” (CONAB, 2018).

por fim, gerar um Programa de Fidelidade, uma vez que atrair novos clientes gera mais despesas que garantir a satisfação dos que já são consumidores de uma marca.

Portanto, a perspectiva de uma alimentação saudável é eminentemente mercadológica e política. As informações contidas nas embalagens e nos discursos de alimentos vendem a ideia do comer saudável, fato que recai sobre os consumidores levando-os a interiorizar determinados conceitos que passam a fundamentar suas práticas alimentares (VIANA et al., 2017). Para a autora citada, este cenário de racionalidade alimentar e nutricional e a relação alimento-medicamento, trouxe como consequência a *tiranía da saúde*, que propõe a necessidade incessante do indivíduo estar sempre saudável.

No caso do fruto de açaí, caracterizado como um alimento funcional ou até *superfruta*, aponta para um padrão alimentar que está sendo traçado por *expertise* surgida a partir da concepção de alimento com propriedades específicas. Isso porque o marketing auxilia na identificação das oportunidades e ameaças, ao público que se deseja atingir. As empresas e marcas fazem um apelo mais sensível na tentativa de fazer o cliente se sentir especial quando está consumindo seus produtos.

Ademais, um marketing intensivo é utilizado para rotular os produtos e transformar seu consumo local em global, em que o preço não é mais o único fator determinante na escolha de um produto (MACHADO, 2016). A partir desse contexto, enfatizam-se as mudanças de valores em relação à alimentação que se utiliza do marketing como grande aliado na construção desses significados. A comunicação passa a funcionar como um meio de transmissão dos discursos das empresas alimentares.

Dessa forma, as empresas que estão apostando em produtos à base de açaí buscam reforçar seu posicionamento “saudável”. Percebe-se, portanto, que o aumento do consumo de açaí não se deu organicamente, mas sim de forma construída e catalisada por uma imensa demanda que resultou da construção de uma imagem de alimento saudável e, ao mesmo tempo, exótico (devido sua origem indígena). Cresce o interesse pelo açaí que pode ser percebido pela proliferação do consumo de forma mais global. Pensa-se que o discurso produzido pela indústria que trata de relacionar o alimento com a saúde, é ponto fundamental para entender porque o açaí está deixando de ser consumido apenas no seu local de origem e de forma tradicional. Sob essa ótica, o fenômeno de expansão da demanda e do mercado de açaí, gera um novo dinamismo no mercado que busca desenvolver cada vez mais estratégias para conquistar novos consumidores.

Todas essas mudanças no mercado do açaí é uma resposta ao que pode ser chamado de 'Açaí Craze' nos Estados Unidos. Programas caros de marketing que proclamaram o açaí como o novo fruto místico e poderoso da Amazônia, o novo "superalimento" (ZERRER, 2015). Portanto, tudo se encaixa para este mercado em ascensão: a era do “viral”, as redes sociais, os canais na internet, as próprias pesquisas científicas, o forte marketing envolvido para alavancar a comercialização. Com isso, deu-se o início da fabricação de diversos subprodutos a base de açaí e a expansão do consumo em vários países.

4 CONCLUSÃO

Neste artigo, foi salientado que a valorização incorporada ao açaí se deu de forma gradativa, que nasceu da grande procura por palmito e à medida que a ciência foi avançando e descobrindo os benefícios do fruto, o consumo voltou-se para o beneficiamento da polpa. Com isso, aos poucos foi sendo criado um mercado em volta de um produto energético, até alcançar o atual conceito de funcional e *superfruta*. Todos os valores atrelados ao açaí influenciaram no crescimento da demanda, na reestruturação do mercado e também, na multiplicação de produtos vendidos com a conotação de um milagroso manancial de nutrientes e antioxidantes.

Tal característica despertou o interesse de indústrias que vem a cada ano inovando no desenvolvimento de novos segmentos mercadológicos do açaí. É importante ressaltar, que os temas relacionados com os hábitos alimentares e saúde estão cada vez mais conquistando os consumidores. Dessa forma, cresce o interesse de pessoas de diferentes idades, classes sociais e níveis de escolaridade em adotar estilos de vida saudáveis, em que a alimentação ocupa um papel importantíssimo. Tornam-se assim, imperiosas as ações educativas alimentares que permitam às populações a possibilidade de selecionar, preparar e consumir os alimentos de acordo com as suas necessidades. Contudo, reger uma alimentação com base apenas em seus nutrientes, no mínimo é uma perda de satisfação à mesa.

Nesse processo, os motivos simbólicos ou pragmáticos em torno das escolhas alimentares são substituídos por outros de caráter nutricional. Os sentidos criados a partir da alimentação saudável também participam das estratégias de poder da indústria ao colocar o alimento como uma etapa da construção da saúde perfeita. Dessa forma, o posicionamento do açaí como um alimento saudável, não só demonstra como novos significados foram incorporados ao fruto, mas também levanta questões sobre a suposta objetividade da ciência

nutricional e o uso de má fé por parte da indústria alimentar ao utilizar a ciência para fins estratégicos de mercado.

Portanto, as diferentes percepções e construções de valores ou sentidos para o consumo de açaí envolvem a formação de conceitos que direcionam a importância do fruto pelos benefícios que o seu consumo pode trazer. Isso acontece porque os conceitos emitidos carregam consigo valores intrinsecamente agregados como parte de uma verdade cientificamente comprovada e verdadeira, utilizando-se desse recurso para definir estratégias de mercado e de consumo. Dessa forma, as escolhas alimentares se reformulam e geram um cenário de incerteza sobre um alimento ser saudável ou não. Por isso, destaca-se também, a fragilidade da racionalização moderna da alimentação na perspectiva saúde-nutrição.

Nesse contexto, o açaí que fazia parte do autoconsumo de famílias ribeirinhas e do repertório gastronômico e culinário de atores sociais específicos, atualmente tem seu consumo expandindo para novos territórios e mercados, através de um processo de inserção de valores que trata o açaí não mais ligado a uma cultura e identidade, mas a uma ideia de consumo para uma vida saudável. O sentido principal do consumo do fruto se reconstruiu e quem o consome está sendo mobilizado por fatores dissociantes do seu valor originalmente alimentar.

Por isso, não basta apenas a conscientização da população quanto a melhorar o hábito de consumir alimentos de menor impacto a saúde. É necessário estar atento para as estratégias utilizadas pela indústria que convencem o consumo. Obviamente, que analisando de forma estratégica, a apropriação dos valores científicos nos produtos, como a categorização de funcional, energético, rejuvenescedor, *superfruta*, é excepcionalmente um grande subterfúgio para agregação de valor. Assim, os alimentos associados a uma forte imagem e discurso de “saúde” representam uma fonte de diferenciação e de rentabilidade.

O mercado, portanto, não se define como uma instituição isolada. Pelo contrário, parte da sua configuração está relacionada com as redes que se conectam, ou seja, com a circulação de informações e agentes que se ligam em prol do objetivo de garantir a centralidade de produtos e empresas. No caso do açaí, adotaram-se as especulações científicas dos benefícios que pode trazer para saúde para ser um atrativo de consumo.

No entanto, partindo da perspectiva da alimentação como um sistema simbólico e social, é necessário mais do que prescrever nutrientes. Quanto à saúde, a adoção de um estilo de vida saudável é muito mais eficaz do que a adoção de uma moda saudável, portanto, a restrição ou o aumento da ingestão de alimentos não deve tornar a alimentação reducionista.

Assim, até as verdades científicas devem ser utilizadas com cautela, principalmente quando elas são apropriadas pela indústria alimentar.

Não se trata de desconsiderar a produção científica sobre as propriedades nutricionais do fruto de açaí e suas implicações sobre a saúde, mas de compreender que a partir dos conhecimentos científicos é que foi construída a imagem de um alimento saudável e que gerou alta demanda sobre o açaí. Portanto, não há aqui a negação do valor científico, muito menos desconsidera a função nutricional do fruto. No entanto, ao compreender a alimentação como um sistema complexo, é necessário mais do que concentrar as expectativas nos nutrientes, por acreditar que os alimentos não se reduzem a esta função. Além disso, faz-se necessário discutir sobre a proposição que a alimentação saudável está ocupando, uma vez que há interesses políticos e econômicos dos setores hegemônicos em fortalecer e tornar as atuais demandas em um negócio lucrativo. É importante reconhecer que comer é um ato social, cultural, mas também político e econômico.

5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADITIVOS & INGREDIENTES. As Superfrutas. Disponível em: > http://insumos.com.br/aditivos_e_ingredientes/materias/84.pdf<. Acesso em: 15 de nov. 2018.

ALBERT, V. King Quinoa: The Development of the Modern Export Market and its Implications for the Andean People. Graduate Journal of Food Studies, Vol. 4, No. 1, p.1-10. 2017.

ALLEGRETTI, M.H. Política de uso dos recursos naturais renováveis: Amazônia e o extrativismo. **Rev. Adm. púb.**, Rio de Janeiro, 26 (1): 145-62, jan./mar. 1992.

ALMANAQUE BRASIL SOCIOAMBIENTAL. **Um pé de quê?**. Disponível em: > https://books.google.com.br/books?id=ggD3In5t_FIC&pg=PA88&lpg=PA88&dq=lenda+da+india+ia%C3%A7%C3%A1&source=bl&ots=UhaFsIjkqM&sig=KHw52_di8R8axe2WlkcJchaqkzE&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwiXyq7SofraAhWlq1kKHRhvA6M4ChDoAQhZMA#v=onepage&q&f=false<. Acesso em: 23 de abril de 2018. p.88. 2018.

AMAZON POLPAS. Disponível em:<<https://www.amazonpolpas.com/sobre-nos.html>> Acessado em 20 de julho de 2018.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução nº 18, de 30 de abril de 1999. Disponível em: >http://portal.anvisa.gov.br/wps/wcm/connect/815ada0047458a7293e3d73fbc4c6735/RESOLUCAO_18_1999.pdf?MOD=AJPERES>. Acesso em: 16 nov 2018.

ASSAYAG, D. Açaí é tão saudável quanto azeite de oliva: Fruto previne o câncer, diabetes e doenças cardíacas. Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL1193067-16619,00_ACAI+E+TAO+SAUDAVEL+QUANTO+AZEITE+DE+OLIVA.html>. Acesso em 15 de março de 2019.

ATLAS DO AGRONEGÓCIO. Atlas do Agronegócio: fatos e números sobre as corporações que controlam o que comemos. Disponível em: > <https://br.boell.org/pt-br/2018/09/04/atlas-do-agronegocio-fatos-e-numeros-sobre-corporacoes-que-controlam-o-que-comemos>< Acesso em 15 de jan. 2019.

AZEVEDO, E. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, no 44, jan/abr 2017, p. 276-307. 2017.

BENTES, E.S. Segurança alimentar no estado do Pará: situação atual e perspectivas, Belém. UNAMA, 2003.

BENTES, E.S; HOMMA, A.K.Y; SANTOS, C. A. N. Exportações de polpa de açaí do estado do Pará: situação atual e perspectivas. 55º Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Santa Maria - RS, 30 de julho a 03 de agosto de 2017.

BEZERRA, V. S.; FREITAS-SILVA, O; DAMASCENO, L. F. Açaí: produção de frutos, mercado e consumo. II Jornada Científica EMBRAPA. 2016.

BIANCO, A.L. A construção de alegações de saúde para alimentos funcionais. Brasília, DF : Embrapa Informação Tecnológica, 2008.

BRABO, S. L.M. Et al. A produção espacial do açaí no brasil e pará em período recente (1995 – 2015). SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Campinas – SP, 29 de julho a 01 de agosto de 2018.

Brondízio, E.S. De alimentação básica para alimentação de moda: ciclos e oportunidades de mudanças no desenvolvimento da economia do açaí no estuário Amazônico. In *As florestas*

produtivas nos neotrópicos. Conservação por meio do manejo sustentável? pp. 427-57. São Paulo: Peirópolis; Brasília, DF: IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil. 2005.

CANESQUI, A. M; GARCIA, R. W. D. Antropologia e Nutrição: um diálogo possível. **Coleção Antropologia e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 306 p.2005.

CARNEIRO, H. **Comida e Sociedade: uma história da alimentação**. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=PIgHWxCJwRoC&oi=fnd&pg=PA1ots=XvziXeVf4p&sig=QvOcl9QsCS5jLAt2MmIslSEQVWE&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 05 de out. de 2018.

CASSOL, A.; SCHNEIDER, S. Produção e consumo de alimentos: novas redes e atores. Lua Nova: **Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n.95, maio-ago 2015.

CEDRIM, P. C. A.S; BARROS, E. M. A; NASCIMENTO, T. G. Propriedades antioxidantes do açaí (*Euterpe oleracea*) na síndrome metabólica. **Brazilian Journal of Food Technology**. Campinas, v. 21, e2017092, 2018.

CIALDELLA, N. Et al. L'açaí en Amazonie: fragile coexistence de filières courtes et d'exportation. XXXIIIèmes **Journées du développement de l'Association Tiers Monde**. Université Libre de Bruxelles. 22, 23 et 24 mai 2017.

CIALDELLA, N; ALVES, L.N. Agricultures familiales: Trajectoires, modernité et controverses. **Revue Tiers Monde**. N° 220. Octobre-décembre 2014.

CONAB. Boletim da Sociobiodiversidade, v. 2, n. 4, p. 1-63, out. /nov. /dez. 2018. Disponível em:<file:///C:/Users/Suany%20Silva/Downloads/BoletimZSociobiodiversidadeZ4TrimestreZ-Z2018.pdf>. Acesso em 20 de jan. de 2018.

DIAZ-MÉNDEZ, C., GARCÍA-ESPEJO, I. O potencial da sociologia da alimentação para estudar os efeitos da globalização alimentar. In: CRUZ, Fabiana Thomé da; MATTE, Alessandra; SCHNEIDER, Sergio (Org.). Produção, Consumo e Abastecimento de Alimentos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 25-51, 2016.

ENRÍQUEZ, G. Biodiversidade da Amazônia: usos e potencialidades dos mais importantes produtos naturais do Pará. Belém: NUMA/ UFPA. 2003.

FIGUEIREDO, R. V. de. “AÇAÍ PASSADO”: Abordagem transdisciplinar de caracterização da bebida açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) post fermentação espontânea. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Universidade Federal de Viçosa. 2014.

FILHO, M. C. F.; SOUSA, J. W.; SILVA, S. F. Dinâmica do Campo Organizacional das Agroindústrias de Exportação de Açaí. **Desenvolvimento em Questão**. Ano 13. N 31.p. 198-227. 2015.

FILHO, M. C.F; SOUSA, J. W; SILVA, S.F. Dinâmica do Campo Organizacional das Agroindústrias de Exportação de Açaí. **Desenvolvimento em questão**. Ano 13. Nº31. 2017.

FONSECA, A.B. et al. Modernidade Alimentar e consumo de alimentos: contribuições sócio-antropológicas para a pesquisa em nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**. 16 [9]3853-3862, 2011.

Future Market Insights – FMI. Açaí Berry’s Effective Application in Cosmetics will Boost its Global Sales during 2016-2026. 2017. Disponível em: <<https://www.futuremarketinsights.com/press-release/acai-berry-market>>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

GARCIA, R. W. D. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Rev. Nutr.** vol.16 nº.4 Campinas Oct./Dec. 2003.

GONÇALVES, A. O conceito de governança. In: XIV CONGRESO NACIONAL DA CONPEDI. Anais. Fortaleza, 3,4,5 de novembro de 2005.

GUIMARAES, L.A.C. o açaí já “parou” o carioca? Estudo qualitativo do consumo da polpa de açaí na cidade do Rio de Janeiro. **Novos Cadernos NAEA**. vol. 2, nº 1 - dezembro 1999.

GUIMARÃES, L.A.C. et al. Estudo prospectivo de produtos e processos tecnológicos com o açaí (*Euterpe Oleracea*). **Cad. Prospec**, Salvador, v.10, nº 2, p,215-225, abr/jun. 2017.

HOMMA, A. K. O. et al. Açaí: novos desafios e tendências. **Amazônia: ciência e Desenvolvimento**, Belém, PA, v.1, nº2, 2006.

MINTEL. Mintel anuncia três tendências globais de alimentos e bebidas para 2019. Disponível em :<<http://www.mintel.com/press-centre/food-and-drink/mintel-announces-three-global-food-and-drink-trends-for-2019>> Acesso em 15 de out. de 2018.

IBGE. Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura. Disponível em: < <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pevs/tabelas/brasil/2017>>. Acesso em 15 de out. de 2018.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materias. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JUCAÍ. Disponível em:> <https://www.jucai.com.br/> > Acesso em 15 jan de 2019.

KRAEMER, F. B. et al. O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 24 [4]: 1337-1359, 2014.

LEONARDO, M. Antropologia da alimentação. **ANTROPOS – Revista de Antropologia –** Volume 3, Ano 2, ISSN 1982-1050. 2009.

LIMA, C. P. et al. Conteúdo polifenólico e atividade antioxidante dos frutos da palmeira Juçara (*Euterpe edulis* Martius). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 14, n. 2, p. 321-326, 2012.

MACHADO, P.P. ET AL. O indigesto sistema do alimento mercadoria. **Saúde Soc.** São Paulo, v.25, n.2, p.505-515, 2016.

MONTEIRO, C.A; CASTRO, I.R. Por que é necessário regulamentar a publicidade de alimentos. *Cienc. Cult.* vol.61. no.4. São Paulo. On –line versão. ISSN 23177- 6660. 2009.

NATROL. Disponível em:><https://www.natrol.com/products/acai-berry/>> Acesso em 15 jan de 2019.

NITZEK, J. A. Alimentos funcionais: uma análise histórica e conceitual. In: *Agronegócio: panorama, perspectivas e influência do mercado de alimentos certificados*”. Curitiba : Appris, p. 11-23, 2012.

NOGUEIRA, A. K. M.; SANTANA, A. C. de; GARCIA, W. S. A dinâmica de mercado do açaí fruto no Estado do Pará: 1994 a 2009. **Revista Ceres**, v. 60, n. 3, p. 324-331, 2013.

NOGUEIRA, O. L. et al. **Sistemas de produção: Açaí**. EMBRAPA, 2005.

NOGUEIRA, O. L.; HOMMA, A. K. O. Importância do manejo de recursos extrativos em aumentar a capacidade de suporte: o caso de açaizeiros (*Euterpe oleraceae* Mart.) no estuário amazônico. In: HOMMA, A. K. O. (Ed.). **Extrativismo vegetal na Amazônia: história, ecologia, economia e domesticação**. Brasília, DF: Embrapa, 2014. Cap. 10, p. 167-176.

PAGLIARUSSI, M.S. A cadeia produtiva agroindustrial do açaí: estudo da cadeia e proposta de um modelo matemático. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de São Paulo. Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Engenharia de Produção. 2010.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e Impérios Alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Rio Grande do Sul : UFRGS, 2008.

POLLAN, M. **Em defesa da comida**. Rio de Janeiro: Intrínseca, p 1-33. 2008.

POLLAN, M. **O dilema do onívoro**. São Paulo, Intrínseca, 2006.

PONTE, R.X. Os usos do açaí, a árvore da vida. VI Encontro Nacional da ANPPAS. 18 a 21 de setembro. 2012.

RAMOS, P; JÚNIOR, A.O.S. O açúcar e as transformações nos regimes alimentares. **Revista Cadernos de Debate**. p. 36-54. 2001.

RAUD, C. Os alimentos funcionais: a nova fronteira da indústria alimentar análise das estratégias da Danone e da Nestlé no mercado brasileiro de iogurtes. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. **16**, n. **31**, p. 85-100, nov. 2008.

REIS, P. dos. O poder da mídia televisiva e sua influência no consumo de alimentos danosos à saúde da criança e do adolescente: um olhar sob a publicidade de alimentos. **In 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**. Santa Maria. 2015. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/5-10.pdf>>. Acesso em: 27 de nov. de 2017.

RIBEIRO, H; JAIME, P. C; VENTURA, D. Alimentação e sustentabilidade. **ESTUDOS AVANÇADOS** 31 (89), p. 185-198. 2017.

SANCHO, R.S; PASTORE, G. M. Alimentos Funcionais: a Revolução Silenciosa na Alimentação. *Revista Processos Químicos*. V 19. p. 13-24. 2016.

SANTANA, A.C et al. Análise discriminante múltipla do mercado varejista de açaí em Belém do Pará. **Rev. Bras. Frutic.** vol.36 no.3 Jaboticabal July/Sept. 2014.

SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. A globalização e as ciências sociais. São Paulo, Cortez, 2ª edição, 2002.

SCHERER, E. Mosaico terra-água: a vulnerabilidade social ribeirinha na Amazônia- Brasil. VIII Congresso Luso- Africano- Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra. 2014.

SEBRAE. Boletim: produtos à base de açaí brasileiro já carregam versões em diferentes setores. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/9f56e28eb2f2bb90496a1a44becc47ad/\\$File/5829.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/9f56e28eb2f2bb90496a1a44becc47ad/$File/5829.pdf)>. Acessado em 20 de julho de 2018.

VARGAS, E.P. A favor da diversidade: ensaio sobre saberes nas pesquisas em saúde focalizando o corpo. IN: Estudos Socioculturais em Alimentação e Saúde: saberes em rede. organização Shirley Donizete Prado [et al.]. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

VIANA, M.R. ET AL. A racionalização nutricional e sua influência na medicalização da comida no Brasil. **Ciênc. saúde colet.** 22 (2) Fev 2017 .

WILKINSON, J. Os gigantes da indústria alimentar entre a grande distribuição e os novos clusters a montante. **Estudos Sociedade e Agricultura.** p. 147-174. 2002.

ZERRER, J. E. Consequências do Açaí. 2015. Disponível em: <<http://www.indianafoodreview.com/archives/issue-1/consequences-of-acai>>. Acesso em: 15 de nov. 2018.

ARTIGO 2

A MERCANTILIZAÇÃO DO AÇAÍ E OS REFLEXOS NA CADEIA PRODUTIVA

Resumo: O objetivo orientador desse trabalho foi identificar e analisar as consequências do processo de mercantilização do açaí em comunidades ribeirinhas de Igarapé-Miri/PA. Para além, buscou-se apresentar como esse processo está sendo responsável pela constituição do monocultivo de açaí. A operacionalização da pesquisa empírica se deu através de entrevistas semiestruturadas com os ribeirinhos e três empresas beneficiadoras de açaí. Os dados foram organizados em três segmentos de análise: 1) Cadeia produtiva; 2) Mercantilização da terra e do trabalho e 3) A mudança no sistema de produção. Os resultados apontam que a crescente mercantilização do fruto de açaí está alterando os fatores de produção terra e trabalho, além das relações dos ribeirinhos entre si e com o meio. Essa condição é observada a partir da intensificação da produção de açaí nas várzeas da Amazônia, em que se percebe o aumento do interesse em cultivar o fruto, que por sua vez vem ganhando visibilidade mundial e atraindo novos atores para a cadeia produtiva. Por isso que as mudanças na cadeia produtiva do açaí são fatores ativos nos processos de transformações e adaptações adotadas pelos moradores dos rios, em que visa maximizar as trocas dos recursos naturais pelo dinheiro, tornando-os cada vez mais dependentes de um sistema mercantil do meio.

Palavras-chave: Produção; comercialização; costumes; alimentação.

1. INTRODUÇÃO

A problemática aqui discutida estrutura-se em torno de que, a partir da década de 1990, ocorreu uma crescente demanda por açaí. Zerrer (2015), considera que à medida que o sistema de industrialização evoluiu, surgiram novos produtos, novos símbolos, novos participantes e novas transações na indústria do fruto. O congelamento da polpa, por exemplo, permitiu a exportação do açaí para os mercados internacionais e criou novas formas de comercialização e consumo.

Dessa forma, o mercado passa a orientar o trabalho e as formas de controle sobre os locais e os demais atores envolvidos. Antes da popularização do açaí, o extrativismo vegetal era a principal prática para a obtenção do fruto, que representava a base da alimentação dos ribeirinhos, com apenas o excedente sendo destinado à venda, principalmente para o comércio local e regional. Mas, atualmente esse cenário vem se reconfigurando.

Com isso, a partir da valorização do fruto de açaí, buscou-se analisar como o mercado do açaí tem influenciado a dinâmica produtiva das famílias ribeirinhas, do ponto de vista da ampliação dos cultivos, do alongamento da cadeia produtiva, e das relações de trabalho, no valor da terra e na própria relação dos ribeirinhos entre si. Esse objetivo somente pode ser alcançado através do reconhecimento e análise do modo de inserção e interação social e econômica desses moradores das várzeas nos circuitos mercantis. Nesse sentido, utiliza-se da

obra de Polanyi (2000), para explicar como se dá a ordem das relações sociais quando passa a serem incorporadas relações econômicas e monetárias.

Busca-se, dessa forma, reconhecer que há nas histórias de famílias ribeirinhas e na construção das suas identidades, uma interação com o fruto, que se transforma e se adapta à medida que o produto ganha novas posições e valores no mercado. Para a análise, foram definidas três categorias analíticas: 1) Da cadeia de produção e comercialização; 2) Da mercantilização dos fatores de produção: terra e trabalho; 3) As mudanças na forma produtiva. Além disso, o artigo é composto por introdução, quadro teórico e analítico de Karl Polanyi, metodologia e considerações finais.

2. FUNDAMENTOS DA TEORIA DA MERCANTILIZAÇÃO DE POLANYI

2.1 A “falácia economicista” e a economia substantiva e formal

A crítica de Polanyi à teoria econômica ortodoxa e ao liberalismo econômico reside justamente no fato de que sua análise mantém a história econômica ligada à história das ideias sobre economia (SCHNEIDER & ESCHER, 2011). Polanyi (2000) desmitifica a visão de que o homem sempre foi movido pela necessidade de permutar, barganhar e trocar uma coisa pela outra, sugerindo que a propensão do homem a essas atividades, relações comuns de mercado, são forjadas na sua totalidade.

Com isso, Sánchez (2008) diz que a partir da obra de Polanyi, a economia de mercado é compreendida como um imenso e violento processo social artificial, que não obedeceu a suposta característica da natureza humana, sendo uma aposta ideológica e política radicalmente diferente das formas anteriores de organização dos grupos humanos.

Para Polanyi (2012), o grande obstáculo para compreender de forma realista a subsistência do homem está no pensamento arraigado de igualar a economia humana com a economia de mercado, embora o autor diga que não possa existir uma sociedade que não possua algum tipo de economia. Contudo, acredita-se que “reduzir o âmbito econômico especificamente aos fenômenos de mercado é eliminar a maior parte da história da humanidade” (Polanyi, 2012, p.48).

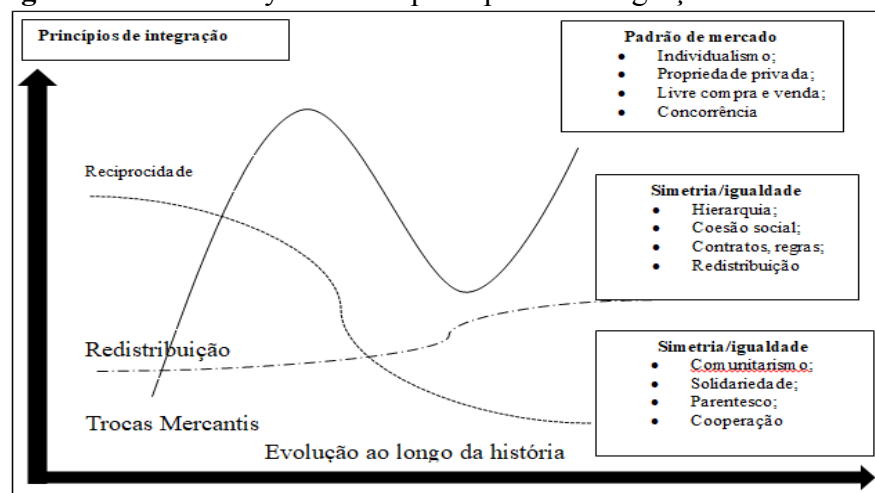
O que ele chama de “falácia economicista” refere-se à criação do homem movido por motivações essencialmente materiais. É como se a economia humana em geral fosse equalizada a uma única forma de organização baseada no mercado, o lugar de encontro entre oferta e demanda, onde se formam os preços de equilíbrio (SCHNEIDER & ESCHER, 2011).

Para Polanyi (1977), foi criada uma mentalidade sobre *homem* que levou a aceitação da heresia que as suas motivações podem ser descritas com “materiais” e “ideais”, e que os incentivos sobre os quais a vida cotidiana está organizada provêm das motivações puramente “materiais”. Por assim acreditar, o sociólogo diz que se as chamadas motivações econômicas fossem naturais, as sociedades chamadas primitivas seriam totalmente antinaturais.

Um erro lógico que naturaliza a autonomia de que os fenômenos econômicos gozam sobre as demais esferas da sociabilidade humana (as esferas política, religiosa, estética etc.) nas sociedades modernas (BONALDI, 2014). O sociólogo Polanyi (2012) explica que foi proposta uma doutrina análoga de que as instituições eram determinadas pelo sistema econômico, criando-se a ilusão de um determinismo econômico como lei geral de toda a sociedade humana. Uma interpretação idealista e equivocada.

Na busca para desmistificar a “falácia economicista”, é descrito por Polanyi (2012), os princípios que garantiam a sobrevivência econômica das sociedades pré-industriais: reciprocidade, redistribuição e domesticidade, regidos pelos princípios da simetria, da centralidade e o de autarquia. Além disso, Polanyi (2015) descreveu um quarto tipo de setor da economia, a troca. Com isso, a figura 1 abaixo demonstra os modos de organização social do processo econômico.

Figura 1: Karl Polanyi e os três princípios de integração social.



Fonte: Botazzi (1994) apud Schneider (2016).

Para Silva et al (2011), a reciprocidade é vivida quando os membros da comunidade são solidários uns com os outros ou quando desenvolvem ações para outros sem pedir nada em troca, e, como consequência, são beneficiados a médio/longo prazo individual ou coletivamente. Dessa forma “numa tal comunidade, é vedada a ideia do lucro, as disputas e os

regateios são desacreditados, o dar graciosamente é considerado como virtude, não aparece a suposta propensão à barganha, à permuta e à troca” (POLANYI, 2000, p. 69).

O princípio de reciprocidade está associado ao conceito de dádiva, portanto, dádiva é uma das formas de reciprocidade, a positiva (MAUSS, 2001; SABOURIN, 2011). Mauss (2001) indica a dádiva não só presentes, mas também as festas, comunhões. O resultado desse fenômeno nessas sociedades resulta em uma das primeiras formas de economia social, contrária a troca mercantil que preocupa-se com a satisfação dos próprios interesses.

A partir de relações como a reciprocidade formam-se redes sociais decorrentes das conexões existentes entre os membros, cujas ligações podem ser formadas por estruturas informais das relações de reciprocidade (como o parentesco, o compadrio, a vizinhança e a amizade) ou por estruturas formais como os partidos políticos, os movimentos sindicais, uma associação, uma cooperativa, entre outros. As relações de reciprocidade produzem valores humanos de confiança e solidariedade. Observa-se, assim, que a reciprocidade tem, ainda hoje, a capacidade de reforçar as relações sociais ao unir os membros de um grupo por meio de suas condutas (SILVA et al, 2011).

O segundo princípio de Polanyi (2000), é da redistribuição que se dá quando se centraliza a entrega dos produtos a um representante que aparente confiança e respeito. A ela se entrega o destino e a repartição correta dos ganhos dos bens produzidos pela comunidade (SILVA et al, 2011). Na explicação de Polanyi (2000, p. 71), a existência de “um intermediário na pessoa do chefe ou outro membro proeminente do grupo” tem a função de receber e distribuir os suprimentos.

A domesticidade organiza a economia primária e ocorre quando os produtores da comunidade utilizam os recursos econômicos para a sobrevivência, sendo, portanto, diferente da lógica de mercado capitalista em que a venda está baseada no lucro para o enriquecimento, a ele subordinando princípios sociais, morais e éticos.

Para Polanyi (2000), a essência da domesticidade reside na produção para uso contra a produção voltada ao lucro. Esse princípio de autossuficiência não deve se ver afetado pela existência de uma produção acessória para o mercado: “enquanto os mercados e o dinheiro fossem meros acessórios de uma situação doméstica autossuficiente, o princípio da produção para uso próprio poderia funcionar” (POLANYI, 2000, p. 74).

A imagem resume as formas de integração social. É importante que se entenda que para Polanyi (2015), essas três formas não ocorrem como meros agregados de comportamentos pessoais. Somente em um ambiente simetricamente organizado o comportamento de

reciprocidade dará origem as instituições. Da mesma forma, a redistribuição pressupõe um centro para onde os recursos da comunidade são direcionados, mas a organização e consolidação desse centro não é uma consequência simples de ações frequentes de partição do produto por indivíduos. E somente na presença de um sistema de mercado ações de troca e de criação de preços irão surgir. Caso contrário, os atos de troca serão ineficazes e, consequentemente, eles tendem a não ser realizados.

As trocas mercantis, especificamente, se caracterizam como o movimento de bens e serviços entre diferentes e dispersos pontos no sistema, em que a forma de integração e alocação dos recursos é o mercado (SCHNEIDER, 2016). Com isso, Polanyi (2012) adota o termo econômico de uma “definição formal e substantiva” em sua obra. O primeiro “provém do caráter lógico da relação meios-fins [...], desse significado advém a definição de econômico pela escassez” (POLANYI, 2012, p. 63). É aquele vinculado a economia de mercado. O segundo, “o significado substantivo” ou também conhecido como “real”, aponta para a realidade de que os seres humanos não podem existir sem um meio físico que os sustente, é a relação institucionalizada da interação do homem-natureza, que dessa forma teria garantida a sua sobrevivência.

Para Polany (2015), os dois significados da economia nada tem em comum. Para o autor somente o significado real do termo econômico pode fornecer subsídios para as ciências sociais estudar as economias que já existiram ou existe. Contudo, na Europa Ocidental e América do Norte, a organização das atividades para o sustento humano, foi reduzida a ideia da economia formal, que consiste em um sistema de mercado gerador de preços. Os intercâmbios praticados nesse sistema obrigam a sociedade a fazer escolhas determinadas pela escassez de recursos (POLANYI, 2015).

Dessa forma, os fenômenos e os processos econômicos das sociedades humanas são reduzidos àqueles associados à forma especificamente moderna do mercado, em que a dependência do homem em relação à natureza para obter os meios de subsistência, foi posta sobre o controle do mercado se tornando a força dominante da economia, a economia de mercado. Visivelmente esta é a grande transformação estudada por Polanyi (2012), em que o advento do capitalismo gerou mudanças gradativas na organização da economia.

Por isso, com a hegemonia da economia de mercado, que considera que as necessidades do homem podem ser supridas pelo mercado, tem desconsiderado a visão substantiva da economia (POLANYI, 2012). Contudo, Polanyi (2012) pretende fazer entender que a atividade econômica não se reduz ao significado formal e, por isso, procura acentuar que a sociedade precisa recuperar o significado substantivo de economia. Polanyi, então, critica a perspectiva

da economia de mercado que, segundo o qual, nunca antes esteve presente na sociedade. A economia humana é entendida, portanto, como transcendental, de natureza econômica e extra econômica, com inclusão da religião, do governo, da cultura, que é tão importante para o funcionamento da economia como os demais fatores.

2.2 A Grande Transformação:

Polanyi (2000) aborda, através de aspectos antropológicos, o desenvolvimento da sociedade de mercado a partir da revolução industrial, sendo o mercado a instituição comum desde a Idade da Pedra, contudo, o seu papel era apenas “incidental na vida econômica” (POLANYI, 2000), ou seja, o sistema econômico é resultado da organização social. O sistema econômico estava subordinado à vida econômica e as trocas eram realizadas por um sistema de reciprocidade, entre famílias e grupos e de redistribuição entre Estado e sociedades, que tinham a simetria e a centralidade como padrões. (POLANYI, 2000).

Os princípios eram institucionalizados a partir de uma organização social, o lucro não ocupava um papel central, mas sim motivações, como costumes, lei, magia e religião que induziam “o indivíduo a cumprir as regras de comportamento” que garantiam o seu funcionamento no sistema econômico (Polanyi, 2000, p. 75). Com o desenvolvimento grandioso nos instrumentos de produção e o advento da máquina durante a Revolução Industrial do séc. XVIII iniciou-se o estabelecimento da economia de mercado, que é o modelo dominante até então e, que a motivação da subsistência do homem passou a ser o lucro. Nunca antes da Revolução Industrial teria havido um sistema econômico separado da sociedade, de forma que a organização social num contexto no qual a atividade econômica fora isolada e imputada a uma motivação econômica distinta até então, a motivação de ganho e lucro (POLANYI, 2000).

Em algumas passagens “[...] a motivação do lucro passa a substituir a motivação da subsistência. Todas as transações se transformam em transações monetárias [...]”. (POLANY, 2000, p.60). Polanyi assevera que sua generalização na sociedade capitalista desintegra as demais estruturas sociais (regras, convenções, redes, prestígio social) onde estas relações originalmente estavam inseridas (NIERDELE, 2007).

Os mercados se ampliaram drasticamente, de tal forma que é possível comprar e vender não apenas produtos e mercadorias, mas o próprio trabalho humano e até mesmo o dinheiro (POLANYI, 2000). Para Schneider (2016), a partir do momento que surge o que se chama atualmente de economia de mercado, o entendimento sobre mercado como um *locus* físico cede lugar para um sentido mais político e ideológico. Dessa forma, o mercado passou a

ser o princípio ordenador das relações econômicas e consolidou-se também como uma ideologia capaz de ordenar a cultura, as regras e o modelo de funcionamento da sociedade. Como diz Polanyi (2015), o mercado se estabelece como lugar de troca, o comércio como a forma e o dinheiro como o meio de obter as mercadorias.

É oportuno salientar que Polanyi não se volta contra os mercados ou o comércio. O autor expõe que a sociedade de mercado, não é o resultado natural da difusão de mercados, como se assume com frequência, mas sim o efeito de estimulantes externos altamente artificiais administrados ao corpo social (POLANYI, 2000). Com isso, para este sociólogo, o sistema capitalista do “livre-mercado” seria a causa da alienação dos seres humanos e de sua natureza externa, da sua subordinação a uma racionalidade individualista da instituição de valores predominantemente mercantis (como o consumismo), da desarticulação das relações humanas. A subordinação da sociedade humana e a sua alienação à “lógica do mercado” constituem o problema central para a perspectiva Polanyiana (SCHNEIDER & ESCHER 2011).

Portanto, para além de uma economia de mercado, passou-se a ter também uma sociedade de mercado regida por instituições que passaram a organizar a vida e as trocas segundo uma ideologia mercantil, criando-se leis, normas, regras e valores (SCHNEIDER, 2016). Ainda segundo o autor citado, o mercado para Marx é atribuído como um espaço de realização de mercadorias, que deixa de possuir valor de uso para se transformar em um objeto a ser trocado.

Neste sentido, para Polanyi (2000), a economia de mercado é produto da sociedade industrial, na medida em que as instituições que regulamentaram e propiciaram o desenvolvimento industrial cresceram concomitantemente ao sistema de mercados. Esse fato gerou o controle mercantil sobre a vida das pessoas bem como seus meios de trabalho:

“No tocante à sociedade, propôs-se a doutrina análoga de que suas instituições eram ‘determinadas’ pelo sistema econômico... Enquanto as classes sociais eram diretamente determinadas pelo mecanismo do mercado, outras instituições eram indiretamente afetadas por ele. O Estado e o governo, o casamento e a criação dos filhos, a organização da ciência e da educação, a religião e as artes, a escolha da profissão, os tipos de habitação, as formas de aglomerados humanos e a própria estática da vida privada, tudo tinha que se ajustar a modelo utilitarista, ou, pelo menos, não interferir no funcionamento do mecanismo de mercado. Tornou-se quase impossível evitar a conclusão errônea de que, tal como ‘o homem econômico’ era o homem ‘real’, o sistema econômico era a sociedade ‘real’ ” (POLANY, 2012 , p. 55).

Desse modo, o ser humano e a natureza ganharam um novo significado, o de trabalho e terra respectivamente. A isso, Polany (2012) deu o nome de “transformação economicista”. A lógica racional pode, portanto, ser aplicada a todos os meios, como bens e serviços, incluindo a força de trabalho, terra e capital estão à venda nos mercados e, conseqüentemente, existe um preço a isso (POLANY, 2015). Dessa forma, converte-se a satisfação das necessidades ao poder de compra como uma forma de aquisição dos recursos.

Portanto, numa sociedade em que a economia substantiva é regulada por um sistema de mercados, não apenas os bens e serviços, mas as próprias pessoas (enquanto força de trabalho) e seus meios de vida são convertidos em mercadoria e sujeitos à precificação (SCHNEIDER & ESCHER, 2011). Ou seja, são alienados na forma de mercadorias e, assim, podem ser comprados e vendidos a partir da formulação de preços de mercado. Os preços em si existem desde que existe troca e comércio, mas a crescente determinação dos preços pelos custos de produção e a apropriação do excedente através de compra e venda na busca do lucro apenas se desenvolvem completamente numa sociedade integrada por um sistema de mercados. Na passagem a seguir, ele descreve a emergência da economia de mercado.

“O passo crucial foi a transformação do trabalho e da terra em mercadorias, como se tivessem sido produzidos para a venda. É claro que eles não eram mercadorias de fato, pois ou não haviam sido produzidos (como a terra) ou, se haviam (como o trabalho), não visavam à venda. Na realidade, não eram mercadorias, uma vez que não eram sequer produzidos (como a terra) ou, quando o eram, não o eram para a venda (como o trabalho). [...] O verdadeiro alcance desse passo pode ser estimado se lembrarmos que trabalho é apenas outro nome para o ser humano, e terra, outro nome para a natureza” (POLANYI, 2012, p. 53)

O mecanismo do mercado tornou-se determinante para a vida social. Os motivos econômicos reinavam num mundo próprio, e o indivíduo foi obrigado a se subordinar a eles sob a pena de ser tomados pelo mercado. Uma tal conversão forçada e utilitarista (POLANYI, 1977). Assim, a economia formal é convertida em sociedade de mercado, desenraizando a economia substantiva das instituições sociais. Portanto, segundo Schneider e Escher (2011), a provisão dos meios de vida dos seres humanos torna-se dependente do mecanismo de mercado, submetendo a própria reprodução do tecido social à reprodução do capital.

3. METODOLOGIA

3.1 Caráter da pesquisa

Este trabalho apresenta uma abordagem qualitativa que segundo Freitas e Jabbour (2011) tem como finalidade explicar ou descrever um evento ou uma situação. Ainda de

acordo com estes autores o enfoque qualitativo apresenta as seguintes características: o ambiente é a fonte direta dos dados, a abordagem não requer o uso de técnicas e métodos estatísticos e quantificáveis, o foco da abordagem é principalmente a interpretação do objeto de estudo.

A partir dos objetivos propostos nesta pesquisa, tem-se que a mesma é caracterizada como de caráter exploratório-descritiva. Segundo Gil (2008) o caráter exploratório tem por objetivo adquirir maior familiaridade com o tema a ser estudado e descritiva expõe as características do objeto, fenômeno ou da população do estudo.

Quanto à abordagem da pesquisa trata-se de um estudo de caso. De acordo com Gil (2008) o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. Neste sentido Yin (2010) ressalta que o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade. Este tipo de estudo contribui para compreender melhor os fenômenos individuais, os processos organizacionais e políticos de forma pontual, mas com alta capacidade de reproduzir tal realidade a contextos mais amplos.

3.2 Coleta de dados

A metodologia baseou-se fundamentalmente no trabalho de campo realizado no município de Igarapé-miri/PA, no período de agosto a setembro de 2018, bem como em leituras e pesquisa bibliografia que serviram de apoio para o estudo. A escolha do *locus* da pesquisa se deu, principalmente, pelo título que carrega de “Capital Mundial do Açaí”.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foi: 1) entrevistas semiestruturadas; 2) o diário/ caderneta de campo; 3) uso da fotografia e 4) a gravação dos áudios. O registro fotográfico é um importante instrumento que contribui para enriquecer as falas dos entrevistados e torná-las materialmente visíveis. As entrevistas, o diário de campo e os áudios, foram transcritos na íntegra. Utilizou-se também, a técnica de entrevista semiestrutura baseada em um roteiro de perguntas abertas que foram definidas ante do campo.

Diante disso, os sujeitos da pesquisa foram: 15 ribeirinhos (as) localizados na área de várzea do município e 3 membros (dois proprietários e um gerente) de empresas processadoras de polpa localizadas na área urbana de Igarapé-Miri. Esse número foi definido a partir da perspectiva de indicação e acessibilidade, em que a locomoção via barco até as casas dos informantes apresentou dificuldades, pois não havia a disponibilidade de pessoas para fazer o transporte. E em relação às empresas, a técnica utilizada para defini-las foi da *Snow Ball*, em que um agente-chave indica uma pessoa e assim por diante até as informações

não expressarem resultados novos. A identidade dos sujeitos é ocultada e por isso são representadas pela simbologia Empresa x para as empresas e Ex para os ribeirinhos, onde x representa a ordem que a entrevista aconteceu.

3.3 Análise e categorização dos dados

Após a coleta dos dados, procedeu-se com a organização e a transcrição das entrevistas. Em seguida, foram criadas categorias para organizar as respostas obtidas, sendo que o uso de um roteiro aberto de perguntas gera respostas que podem variar muito uma das outras. Por este motivo é possível que um indivíduo possua uma resposta que corresponda em mais de uma categoria. Dessa forma, dados de campo estão alocados em três categorias analíticas:

Quadro 1: Segmentos de análise da pesquisa.

Categorias
• O alongamento da cadeia produtiva; • A mercantilização dos meios de produção ribeirinha: terra e trabalho; • O modelo de produção: da diversidade ao monocultivo.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de campo, 2018.

A definição desses segmentos e categorias foi realizada com base nos dados de campo e optou-se por esta estrutura para compreender a linearidade de como as mudanças na demanda pelo fruto de açaí transforma a cadeia produtiva, os meios (terra e trabalho) e modelos de produção.

Dessa forma, é essencial compreender como iniciou o uso comercial do açaí na região de Igarapé-Miri. Por isso, esta seção buscou analisar a partir de qual momento o açaí se tornou sua principal fonte de renda, dando singularidade às experiências pessoais. Isso se torna importante tendo em vista que o contexto social a qual esses atores estavam e estão imersos são pré-condições que os levaram a adotar e utilizar até hoje o açaí como seu meio de trabalho e vida.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tradicionalmente, o açaí sempre esteve ligado ao mercado local e o valor que ele representava inicialmente era de subsistência, de autoconsumo. No entanto, o município de Igarapé-Miri, *locus* desta pesquisa, passou por uma forte crise econômica e encontrou no açaí uma fonte de trabalho e renda e por isso, atualmente o valor que foi incorporado ao fruto é de

melhoria de vida, de acesso a bens, produtos e serviços que antes não compunham a realidade dessas famílias.

Segundo o presidente da Associação Mutirão (AMUT)⁷ e outros membros das comunidades ribeirinhas, a história do início da utilização do açaí como fonte de renda se deu principalmente pós-fechamento dos engenhos de cana-de-açúcar na região. Segundo o Presidente da Associação, o fechamento dos engenhos de açúcar ocorreu em série, como consequência gerou uma ociosidade de mão de obra e terra. A ideia de ter uma única opção de garantir a sobrevivência, ou seja, a dependência a uma única atividade provocou desestabilidade social nesses segmentos rurais. Mas, a partir da capacidade de agência social dos indivíduos, ocorreu o desenvolvimento de uma nova atividade, o extrativismo de açaí. A formação associativa entre os moradores das várzeas foi essencial para o desenvolvimento desse meio de vida.

Com a ajuda do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, os ribeirinhos voltaram suas ações para o açaí, quando havia um mercado ainda muito incipiente e local, até mesmo pela indústria de palmito que na época estava mais estabilizada. Assim, os agricultores começaram a se reunir em várias comunidades, onde começou uma troca de conhecimento sobre o fruto de açaí, trocavam suas experiências e voltavam para casa para utilizar os novos aprendizados.

Nesse momento, os agricultores se encontravam duas vezes ao mês para trabalhar na área onde é hoje a sede da Associação, ou seja, um trabalho organizado e em grupo. À tarde ou à noite reuniam-se para discutir a problemática da época, emprego e alimentação principalmente. Aos sábados, trabalhavam até meio-dia e depois seguiam cada um para a sua localidade de origem. Foi por meio da ajuda mútua e a colaboração de todos, que as pessoas conseguiram construir algumas embarcações para facilitar o acesso de alguns membros que residiam em locais muito distantes para a participação nas reuniões.

Nesse período já existiam pequenos comércios de açaí na feira da cidade, mas não suportavam a quantidade disponível do fruto devido a oferta de açaí ser muito maior que a demanda. Dessa forma, se estruturou uma organização entre os ribeirinhos que passaram a levar parte dessa produção para Belém, principalmente para o mercado do Ver-o-peso, na chamada feira do açaí. O preço pago pelo açaí muitas vezes não compensava a viagem, mas mesmo assim se fazia a venda. Após todo o procedimento, voltavam para Igarapé-Miri, calculavam as despesas e rateavam o que sobrava entre aqueles que estavam se articulando

⁷ Associação Mutirão (AMUT) implementou em 1990 o Projeto Mutirão, que teve como objetivo garantir a renda de famílias que dependiam da agricultura para sobreviver, uma vez que naquela época o município estava passando por uma crise econômica e social devido ao declínio da atividade da cana-de-açúcar e do palmito.

conjuntamente. Dessa forma, percebe-se que o início das atividades voltadas para o trabalho com açaí trouxe esperança de renda para a população rural que até então estava ociosa.

A entrevista E2, recorda a fase inicial de formação do mercado de açaí, “o objetivo principal, quando começamos a trabalhar com o açaí, era colocar comida na mesa das pessoas e organizar os trabalhadores rurais para que eles acreditassem que eles mesmo podiam sobreviver produzindo em suas terras, porque todo mundo estava indo embora, largando o rio”. E1 complementa: “fizemos um grande roçado e começamos a produzir mudas de açaí, cupuaçu, maracujá, laranja, feijão, acerola. Só que assim, sabíamos o que a gente queria, mas não sabia como fazer. A gente não tinha ajuda técnica. Naquela época a gente não falava de mercado”. A ideia de autonomia, de soberania alimentar, ainda estava fortalecida nesse início de uso do açaí como fonte de renda. Outras fontes de subsistência eram utilizadas e mesmo com pouco conhecimento sobre as frutíferas, os ribeirinhos tentavam trabalhar com a produção dessas várias espécies.

Percebe-se aqui que as ações sociais em prol de um objetivo comum foram primordiais para o fortalecimento desse meio de vida. A partilha de experiências, o trabalho coletivo e cooperativo, foram estratégias para que essa atividade extrativista se desenvolvesse. Mostrando que as relações coletivas prezam pelo fortalecimento de todos, difere da concepção do empreendedor (capitalista), que estimula o individualismo e a superação de um pelo outro.

Dessa forma, a organização dos ribeirinhos e a própria criação da Associação pode ser compreendida como uma estratégia de meio de vida desses atores para superar um momento de crise em que se encontravam. Nesse contexto, a ação coletiva de trabalhadores rurais fortaleceu e aproximou os laços de ajuda entre as comunidades ribeirinhas na busca por uma solução para a crise que o município estava vivendo (CUNHA, 2006). Destaca-se uma das falas sobre esse tipo de relação: “Quando começamos a trabalhar com açaí, a gente criou uma relação de parceria, de confiança. Permitiu a gente conversar com pessoas que a gente não conhecia, de comunidades distantes. Ninguém queria o lucro, sabe? A gente só queria trabalhar e colocar comida em casa” (E3).

Nota-se também que esse primeiro olhar lançado sobre o fruto fortalece os laços de proximidades entre os ribeirinhos, a ajuda mútua entre os moradores da várzea, o olhar sobre a necessidade do outro e a vontade de enfrentar um momento de crise. Essas trocas envolvem geralmente relações intrafamiliar, de parentesco, e interfamiliar, de vizinhança e de compadrio, ou seja, uma rede de relações pessoais e laços fortes baseados na confiança. Isso demonstra a importância do capital social na construção e estruturação de meios de vida mais

consolidados, que garantem a reprodução social dos sujeitos do campo. A cooperação entre os sujeitos promoveu a resiliência social e econômica em uma fase de crise no período de término do ciclo da cana-de-açúcar.

Para Sobourin (2017), esse tipo de relação é reconhecida como uma forma de cooperação, de organização do trabalho baseado na reciprocidade ou na solidariedade da produção e coloca em jogo laços sociais, sentimentais e simbólicos. Assim, a reprodução dos dispositivos econômicos de reciprocidade garante a reprodução dos ciclos materiais, mas também dos valores éticos (SABOURIN, 2017).

Contudo, entre os informantes desta pesquisa, já foi percebida a mudança no significado da própria Associação Mutirão, do fruto de açaí, das relações sociais. Um entrevistado pontuou que no início da criação da associação, das reuniões de grupo, o objetivo era o fortalecimento da coletividade para superar os problemas que se assolavam na época. Contudo, com o crescimento do mercado de açaí, alguns membros que ainda fazem parte da associação, perderam essa filosofia, por que:

Associação já foi um instrumento de luta, que a gente se reunia para buscar o melhor para todos. Mas, infelizmente, com o crescimento do mercado, muitos estão na associação, mas também vendem para os atravessadores porque às vezes eles pagam mais. Muitos entram, pegam uma experiência e saem para ir trabalhar sozinhos (E4).

Além disso, percebe-se que neste momento, muitas características da vida na várzea já havia se transformado. A indústria da cana e do palmito pode ser considerada como uma atividade que causou rupturas na forma de viver dessas pessoas e que pode ser percebida nas falas que foram citadas acima, em que se destacou a pouca disponibilidade de alimentos para o consumo, ou a necessidade de uma renda fixa para a sobrevivência. Além disso, o fechamento dessas indústrias deixou um ambiente difícil para viver, os rios foram poluídos, a floresta desmatada. Ou seja, a ideia do ribeirinho que vive exclusivamente da pesca, da coleta ou da caça, já estava sendo corrompida. Portanto, o açaí é mais um, entre tantos outros fatores, que também vem contribuindo para transformar as formas de viver nas margens dos rios na Amazônia.

Contudo, é de fundamental importância atentar que nesse momento o uso do açaí ainda era muito restrito ao consumo próprio e apenas uma parte do que era colhido era destinada a venda no mercado local. Os frutos eram obtidos apenas dos açais nativos, dispersos na mata, em que se fazia necessário muitas vezes a abertura de caminhos para conseguir chegar à palmeira, passavam-se horas procurando um fruto que estivesse no ponto

de colheita, iam ao mato sempre acompanhado de um filho, enquanto um colhia, o outro carregava os frutos. O entrevistado E3 relembra que nessa época ainda se vivia muito o extrativismo, ninguém sabia de manejo, consumiam basicamente aquilo que naturalmente se desenvolvia na natureza.

Portanto, mesmo que algumas alterações já haviam ocorrido, a relação com a palmeira ainda era de uso próprio, de valor alimentar. Como foi relatado pelo entrevistado E10, que no passado o fruto às vezes era doado entre os membros das comunidades e familiar porque não havia quem comprar, hoje isso não mais acontece, não porque não há sobras do fruto, mas porque ao doar a alguém, parte da renda é comprometida.

Com isso, a economia fundada no sistema de trocas orientadas pela reciprocidade, pela ajuda, no compartilhamento de experiências, foi cedendo lugar a outros princípios ligados ao padrão de mercado. Com isso, à medida que esse mercado foi se estabilizando, fez-se com que as famílias transitassem de uma produção para o autoconsumo para aquela voltada ao comércio local e posterior relação com mercados mais externos. Estas transformações produtivas e sociais inserem os ribeirinhos nos processos simbióticos de mercantilização.

A concepção orgânica da sociedade é dissolvida por dois processos: o comunitário e a mutualidade dão lugar ao interesse pessoal, e as mercadorias, não as pessoas, passam a dominar o ser social (GAMEIRO & MARTINS, 2014; PERONDI, 2007).

Portanto, o próprio valor atribuído ao fruto pelos ribeirinhos se ressignificou. O açaí, como foi dito, era a base da alimentação, na qual ainda não se tinha o entendimento sobre comercialização. Mas, atualmente, é a base financeira destas famílias, é a *força do momento*, *a cultura mais importante*, portanto, o açaí tem novos valores, “devido as pesquisas, já não é mais utilizado somente para alimentação como no começo e hoje o mundo todo conhece, por isso tá mais valorizado” (E5).

Entre os relatos, a partir de 2001 a CAMTA (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-açu) começou a comprar açaí dos ribeirinhos. Entre 2002 a 2004, a empresa norte americana SAMBAZON, chegou ao município de Igarapé-Miri e também fez alianças com as comunidades, especialmente através da Associação Mutirão. Esta empresa certificou o açaí como orgânico através de uma certificadora também americana. Em 2006, a empresa Bolthouse, foi a primeira a trabalhar com os ribeirinhos através de um preço fixo. Segundo os informantes, este fato foi positivo porque deu maior segurança e estabilidade nos períodos da entressafra. Dessa forma, o tímido mercado de açaí ganhou proporções impensadas quando comparada ao início da sua comercialização.

À medida que se valoriza o açaí, algumas mudanças estão sendo geradas na interação dos ribeirinhos entre si e com o meio que os circundam. Isso porque, na tentativa de tornar a área cada vez mais produtiva, intensifica-se a ampliação dos açais e torna os ribeirinhos mais individualizados, uma vez que cada um está buscando seu espaço no mercado. Por isso, existe uma crença de que ao mesmo tempo em que ocorre a modernização da agricultura, há também consequências nas formas de trabalho e nas relações sociais no meio rural, através do desenvolvimento da produção para os mercados (CONTERATO et al., 2011).

No caso dos mutirões, eles foram mencionados como símbolo de coletividade, contudo estão quase inexistentes nas várzeas, estão se perdendo em detrimento do objetivo de alguns em se beneficiar/lucrar mais que outros. O entrevistado E5 justifica que já trabalhou com mutirão de limpeza nas áreas de alguns amigos, mas ele se remete que atualmente esse tipo de trabalho não mais acontece porque toda atividade que alguém faz ela quer ser remunerada. Ou seja, a necessidade de monetarizar as atividades, desconstrói os trabalhos colaborativos, em que a ajuda entre os vizinhos muitas vezes representou uma condição indispensável de reprodução de grupos domésticos no momento passado, hoje são mais difíceis de acontecer.

Algumas entrevistas relataram a preferência em trabalhar de forma independente, sem estabelecer vínculo com alguma associação. Os argumentos apontavam para o fato de que não estar associado dá menos trabalho e a produção é destinada a atravessadores, com quem já possui vínculos formados e que muitas vezes tinham algum grau de amizade ou parentesco. O entrevistado E10, não está envolvido em nenhuma associação ou cooperativa, ele explica:

Não faço parte de cooperativa ou associação, vendo direto para o atravessador, comigo não tem esse negócio, qualquer um que chega aqui eu vendo. O meu trabalho é o seguinte, como a minha produção é maior, tenho que vender pra quem tem preço maior, por isso não tenho interesse em cooperativa, entendeu? aí eu não posso trabalhar assim. Atravessador tem muitos, às vezes tem quatro ou cinco aqui querendo comprar e eu vendo pra quem tá pagando mais. Hoje vendo a rasa a 30,00, mas se aparecer um pagando 32,00, eu vendo pra esse (E10).

Para além, o mesmo entrevistado relatou não participar das atividades da comunidade devido à grande demanda de trabalho que se concentra sobre ele e a esposa, pois além do manejo do açaí, o casal possui outros negócios. Ele justifica que não realiza troca de experiência com a vizinhança, argumentando que aprende tudo sozinho.

Nota-se que entre os entrevistados, principalmente aqueles que não fazem parte de uma associação ou cooperativa, os laços de proximidade com os demais moradores das suas comunidades são mais distantes, uma vez que relatam não participarem de reuniões para

discutir sobre o próprio açaí, ajuda para construção de igreja, centros comunitários e nem de reuniões para discutir o preço do fruto que está sendo uma problemática na região. Preferem vender o açaí para aqueles que podem pagar um valor maior, em detrimento das possíveis colaborações com as demais pessoas que trabalham com o açaí.

É importante destacar que as lutas mudaram desde que se começou a trabalhar com açaí, bem como o interesse dos jovens pelo assunto, conforme pode ser observado através da fala do entrevistado E1:

Hoje eu faço uma reflexão, que nos anos 80 nossa luta era pela sobrevivência. Hoje vejo que nossa luta tem que ser pela educação, diferente do que tá aí. Porque o que tá ficando hoje? Apanham três, quatro horas de açaí e depois querem ficar só no celular. Na minha época a gente ia discutir problemas sociais. Hoje os jovens não estão preocupados com problemas sociais.

Em face deste cenário, percebe-se que a valorização econômica do açaí trouxe consequência em várias dimensões, desde as relações sociais até a ampliação da cadeia produtiva que hoje é mais complexa e extensa, regida por uma rede de agentes intermediários que as interações entre produtores e consumidores são quase inexistentes, distantes e a isto Schneider e Gazolla (2017) chamam de alongamento das cadeias agroalimentares.

4.1 O alongamento da cadeia produtiva do açaí

Com a expansão e a valorização do açaí fora das comunidades, um produto de base alimentar, se tornou fonte de interesses econômicos, passando a ter valor de troca ao invés de ficar restrito ao valor de uso. Sobre a valorização do fruto de açaí, Ferreira (2013, p.94) ressaltou: “o açaí passou de um simples alimento e complementar de renda, para o principal produto gerador de renda da família”. Por isso, para suprir a grande demanda por este fruto, a agricultura que hoje se encontra na região de Igarapé-miri é caracterizada pela sua mercantilização social e econômica, e a sua profunda dependência com os circuitos mercantis.

Antes, uma única pessoa ou família organizava grande parte da cadeia, em que os homens e os filhos cabiam ir ao “mato” e fazer o extrativismo do fruto da palmeira, e a esposa era responsável pela debulha⁸ e por colocar o fruto nos cestos de palha (rasas) e depois, novamente, os maridos iam vender nas feiras ou para atravessadores. Logo, a atribuição das tarefas era com base na divisão sexual do trabalho e fechado à família. Mas hoje, embora esse tipo de relação ainda exista, a divisão de tarefas ganhou novas conformações, que se baseiam

⁸ Retirada dos frutos de açaí do “cacho”.

em um trabalho mais segmentado e externo ao núcleo da família, condição que pode ser observada através das narrativas dos entrevistados:

A gente contrata mão-de-obra, duas a três pessoas, mas até isso agora é difícil, porque tem muita gente procurando por esse trabalho e só a família não dá conta. A gente paga a pessoa por produção, dez reais por paneiro (rasa) que a pessoa colhe no dia e mais uma lata de açaí para o apanhador. Acho que tem pouco (apanhador) porque tem muita área para colher, antes não era tão grande e também muitos jovens saem para a cidade para estudar e falta mão de obra (E8).

A venda é feita para a associação ou na feira de Igarapé-miri. Chega lá, paga para uma pessoa tirar do barco o açaí e coloca para vender (E8).

Peconheiros eu contrato de doze a treze, vem todo dia, só não sábado e domingo. Na verdade, alguns domingos a gente tira açaí também (E10).

Assim, a agricultura que é analisada atualmente em Igarapé-Miri, se caracteriza pela sua dependência ao progresso do mercado, a crescente externalização do processo produtivo (inclusive alimentos para o consumo) e a perda do caráter familiar, em que a força de trabalho passa a ser comprada e segmentada.

Quando se especializa a produção e com a saída dos filhos para a cidade ou mesmo para constituir suas próprias famílias, o núcleo familiar passa a depender mais de recursos externos. Ou seja, a capacidade interna do núcleo diminuiu em relação às exigências de trabalho. Com isso, através das entrevistas de campo, foram percebidos onze atores que compõe a cadeia, com base na produção em áreas de várzea:

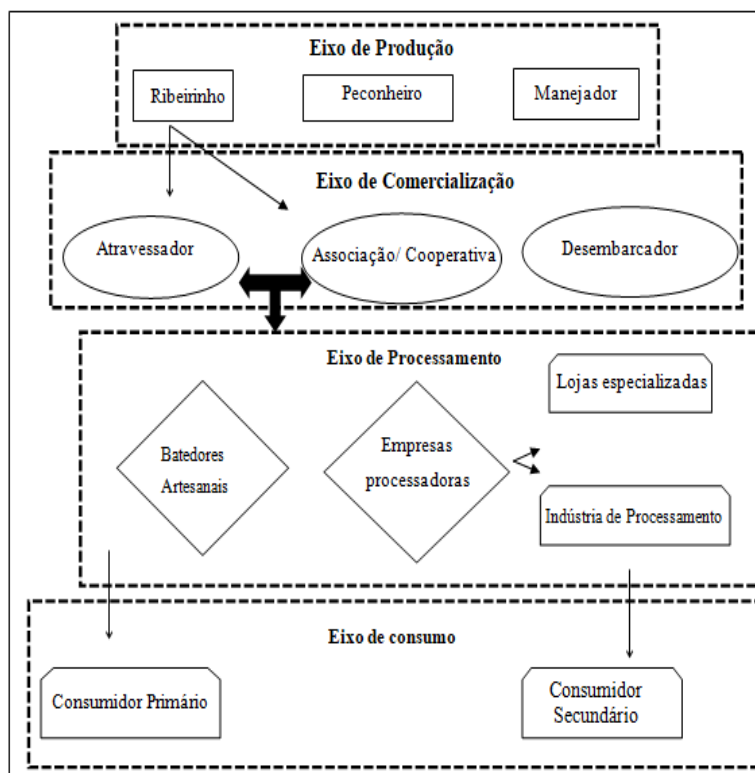
- 1) O ribeirinho (fornecedor): o ribeirinho é extrativista e/ou agricultor que representa o fornecedor da matéria-prima, o açaí. Hoje, essa categoria é vista como um administrador da sua área, contratando mão de obra para a execução das demais tarefas no espaço de produção.
- 2) O peconheiro/apanhador/debulhador: nome dado ao trabalhador que tem a função de desprender os cachos de açaí da palmeira. Recebe este nome em referência a um utensílio utilizado nessa prática, a peconha. Quanto maior a área de produção, maior a necessidade de contratar esses profissionais, que recebem por quantidade de rasas (cestos de palha que comporta até 28 kg de açaí) cheias por dia. Sendo que o peconheiro é também um ribeirinho, a diferença está nos seus meios de vida após esse processo de regulação mercadológica da cultura, porque ela desarticula outros meios de vida que eram definidos por estes sujeitos anteriormente. Por exemplo, antes ele poderia trocar ou vender outros produtos, mas hoje isso se modificou.

- 3) O manejador: esse nome foi dado ao profissional que tem a função de limpar a área para a próxima safra. Esse trabalho ainda ocorre entre os membros da família, mas pelo crescimento das áreas produtivas, na maioria das vezes há necessidade de contratação de mão de obra externa. Esse profissional faz a limpeza da área de açaí, retirando palmeiras consideradas improdutivas ou demais espécies que podem prejudicar o desenvolvimento do açaí.
- 4) Atravessador (marreteiro): a figura desse trabalhador já é antiga e muito utilizada por aqueles que não estão ligados a uma cooperativa ou que não vendem sua produção diretamente ao consumidor. Esse atravessador pode ser alguém próximo do próprio convívio familiar ou da vizinhança ou membro externo, que compra o açaí dos extrativistas e vendem a um preço mais alto a outras pessoas.
- 5) As associações e cooperativas: figura relativamente recente na região, tendo sido datado pelos entrevistados com surgimento a partir da década de 1990. Essas associações e cooperativas são importantes na organização dos produtores de açaí, nas suas formações técnicas e na relação com o mercado, que são responsáveis pela logística e venda com os compradores (empresas).
- 6) Desembarcadores: no momento da comercialização, a chegada dos barcos com açaí no porto, geralmente necessita da ajuda para o desembarque, onde há pessoas que fazem esse trabalho e cobram por rasa, por isso recebem essa nomenclatura.
- 7) As empresas (agroindústrias) de beneficiamento local: esta categoria (e a próxima) é caracterizada como aqueles que retiram a polpa do fruto e transformam no chamado “vinho” ou “suco” de açaí. Em Igarapé-Miri, foram relatadas que, atualmente, o município tem cerca de nove empresas que fazem esse trabalho, onde toda a produção é voltada para o mercado externo (nacional e internacional) devido a polpa não ser atrativo para os consumidores locais. Nessa fase o açaí é vendido puro, apenas com adição de água, e precisa alcançar os valores de massa sólida que a legislação delimita.
- 8) Os batedores artesanais: essa categoria é formada pelos estabelecimentos locais e são conhecidos como batedores de açaí, devido a tarefa de separar a polpa do fruto (despolpar) ser conhecido como “bater açaí” nas máquinas. A venda desse produto restringe-se ao mercado interno.

- 9) As lojas especializadas de açaí: são aqueles estabelecimentos que compram o açaí natural das empresas locais de Igarapé-Miri e comercializam em suas lojas especializadas no fruto.
- 10) As indústrias de beneficiamento: que irão adicionar outros produtos à polpa do fruto, como guaraná, o morango e a banana e torná-lo no chamado *mix*, ou utilizá-los para produção de subprodutos, como pó, sorvetes, cápsulas, cosméticos, etc.
- 11) Consumidores: os consumidores foram definidos entre primários e secundários. Primários são entendidos como aqueles que consomem o açaí natural, ou seja, os moradores locais que compram dos batedores artesanais; os consumidores secundários são as pessoas que irão consumir o açaí transformado em algum subproduto. São estes consumidores que obtém açaí a partir das lojas especializadas ou da indústria de beneficiamento.

A identificação, com base nos dados de campo, originou esses onze segmentos da cadeia produtiva. Abaixo, mostra-se o quadro sobre a estrutura da cadeia produtiva (Figura 2).

Figura 2: Estrutura da cadeia produtiva do açaí proveniente das áreas de várzeas.



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de campo, 2018.

Com base nos relatos, a estrutura da cadeia produtiva foi dividida em quatro eixos: de produção, que envolve tanto o ribeirinhos (fornecedores), como aqueles responsáveis pelo manejo das áreas; o eixo de comercialização, que é formado por aqueles canais que comercializam o fruto dos ribeirinhos, nesse caso não foi incluído a feira local de Igarapé-miri, pois essa ocorre somente em casos esporádicos quando a produção está muito baixa; o eixo de processamento, que são as agroindústrias ou empresas locais e os batedores artesanais, que tem pequenos estabelecimentos no próprio município, as lojas especializadas e a indústria de processamento; o eixo de consumo, que pode ser tanto o consumidor primário e secundário.

As atividades que eram realizadas por uma ou duas pessoas da família ou que demandavam a ajuda de vizinhos, está se aproximando do princípio da industrialização com a divisão e mercantilização da força de trabalho. Esse processo reconfigura as relações entre membros da família ou vizinhos: a ajuda no trabalho torna-se contratos de trocas mercantis com pessoas especializadas em uma tarefa na cadeia.

Para Cialdella e Navegantes (2014), a expansão da fronteira de consumo de açaí marca uma linha tênue entre as práticas culturais e modernas com o fruto, em que frequentemente coexistem dois modelos de produção: o extrativismo e a produção agrícola e, como consequência, uma multiplicidade de nomes são necessários para diferenciar os trabalhadores, como os peconheiros, o produtor, o extrativista, agricultor, etc.

Muda-se, além das forças produtivas, também as relações de produção, porque o trabalho do homem se especializa, torna-se mais sofisticado, fomenta a produção de mercadoria e propicia o acúmulo de capital, afastando-o da relação primitiva com a natureza, reduzindo-o a ser uma força de trabalho, e a propriedade se restringe ao controle dos meios de produção (GAMEIRO & MARTINS, 2014).

Além disso, os dados de campo direciona também outro aspecto importante que diz respeito à identidade do ribeirinho. Embora o trabalho especificamente do proprietário (ribeirinho) de uma determinada área tenha diminuído, uma vez que ele passa a ser mais uma espécie de administrador do plantio, houve um aumento do trabalho para outro agente da cadeia, o peconheiro. É preciso entender que o trabalho mais pesado fica a cargo dos peconheiros, que fazem a colheita do fruto e pode ser percebida na fala dos ribeirinhos que fornecem o açaí ao mercado.

A gente saiu mais do trabalho pesado, hoje já trabalhamos com duas ou três pessoas, e também podemos ajudar os outros. Antigamente a gente trabalhava para os outros

e hoje em dia não, mesmo que às vezes seja pouco, mas você trabalha com o que é seu (E14).

Hoje eu fico só dando assistência, tiro um cipó da área aqui, um galho *aculá*, não faço mais colheita (E11).

O contratante atua como gerador de empregos e busca *ajudar* aqueles que necessitam, contudo, aflora no ribeirão outra identidade. Os participantes da pesquisa se reconhecem profissionalmente como lavradores/agricultores/produtores. Nenhum entrevistado se declarou extrativista de açaí ou agricultor familiar, o que seria mais comum para as áreas de várzeas e por se tratar do açaí, uma espécie nativa. Tal característica pode estar relacionada com a prática de manejo do fruto que vai hoje além da simples coleta, é um plantio comercial.

Os ribeirinhos entrevistados não vivem mais somente da coleta dos recursos naturais e tão pouco preservam por completo a caracterização que é dada a eles. Hoje esses povos estão incorporando outras personalidades, como a de agricultor ou produtor rural. O E2 coloca “A gente se sente bem trabalhando. Você se sentiu útil e se sente um produtor rural”. Percebe-se aqui uma nova identidade dos ribeirinhos, carregado da ideia de modernização da agricultura, em que se sentem agora reconhecidos e valorizados a partir do trabalho com o fruto de açaí. Esse tipo de efeito foi mais evidente entre aqueles que possuem uma grande área de produção e, portanto, exige maior número de mão de obra. Assim, ascende no ribeirão uma posição de gerador de emprego.

Portanto, com a entrada do açaí nos mercados nacionais e internacionais e, conseqüentemente, o aumento do seu preço, bem como a concorrência das empresas de transformações aos pequenos empreendimentos de batedores, as tensões aumentaram na rede do mercado regional. Para os batedores a exportação veio a aumentar o preço do açaí, dificultando a venda para os pequenos comerciantes, e trouxe também novas exigências de qualidade e sanidade (FONTES & RIBEIRO, 2012). Para os ribeirinhos trouxe maiores lucros e mercados, mas a partir das entrevistas também foi relatado a problemática do preço, onde quem define o valor comercial do produto são as empresas compradoras:

Ano passado a gente tava vendendo o açaí a 64,00, no pico foi a 82 reais a rasa. É um absurdo eu estar vendendo hoje uma rasa a 34,00. Ano passado só tinha três fábricas em Igarapé-miri, hoje tem 9 e mais duas que estão para funcionar. Vamos discutir essa situação, porque se a gente não se organizar eles vão engolir a gente (E1).

Assim, é possível observar algumas mudanças na cadeia produtiva: (1) o alongamento da cadeia com a entrada de novos atores; (2) segmentação do trabalho; (3) os fluxos de

comercialização se diferenciam em mercado local, nacional e até internacional; (3) a perda de controle do ribeirão sobre sua produção e sobre o valor de venda do açaí, que é definido pelo mercado; (4) a centralidade que as empresas agroindustriais estão ocupando no município e que delimitam o funcionamento do mercado de açaí.

Nesse sentido, a mercantilização do processo produtivo ocorre por meio de disputas, entre diferentes frações: capital, Estado, agricultores. Estes entes buscam o controle dos recursos e, assim, o controle dos próprios mercados. Então, pode-se compreender que a mercantilização é institucionalizada por meio de um conjunto de processos interconectados. Primeiro, a “externalização” crescente das etapas do processo de produção, através da transferência do controle de tarefas, recursos e processos produtivos a outro que não faz parte da base familiar, ou seja, para atores externos. Outro ponto é o crescente número de tarefas que são segmentadas no processo de trabalho (SCHNEIDER & ESCHER, 2011).

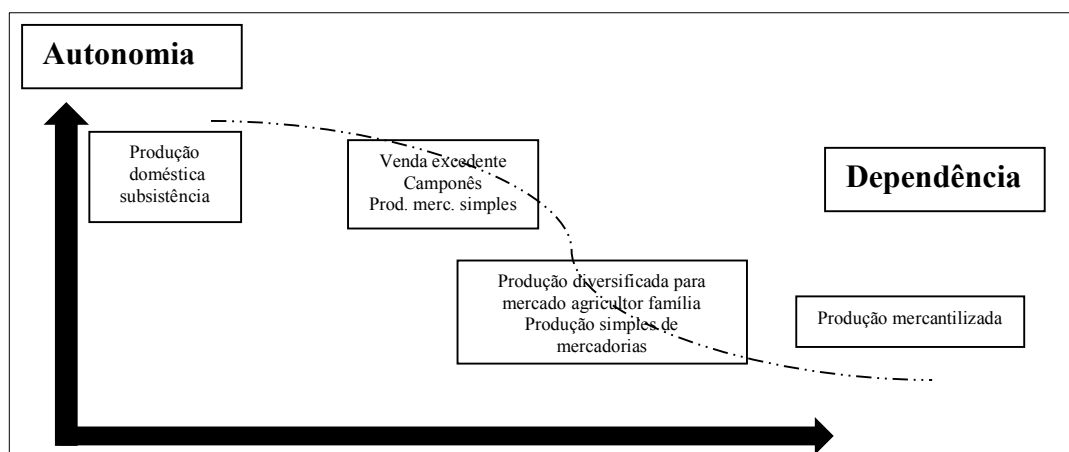
Dessa forma, marginalizam-se as populações ribeirinhas no sentido do comprometimento da sua autonomia produtiva e comercial. Nas entrevistas com as empresas, por exemplo, percebe-se como e por quem o preço do açaí é definido, onde eles relataram que:

O preço do açaí é definido pela safra né? Às vezes tá alto, às vezes tá baixa. A gente que dá o preço (Empresa 1).

O produtor quer aumentar o preço e a indústria quer baixar. Aí é inviável. Hoje compro entre dezoito a vinte reais uma lata. O preço tá em discussão, varia, parece dólar. O pessoal do Rio de Janeiro até brinca com a gente perguntando como tá o preço do dólar aqui. E esse preço é baseado na oferta, se tiver muito, a gente paga menos (Empresa 2).

A entrada dos agentes empresariais, apesar de ser importante para a organização do mercado de açaí, também tem um efeito direto na estrutura da cadeia produtiva e na posição que os ribeirinhos estão ocupando, ficando em muitos casos à margem das decisões sobre a cadeia produtiva, como bem mostra os relatos. Assim, no tocante ao processo de mercantilização, Ploeg (1992) argumenta como a luta entre diferentes atores pelo controle de recursos e processos carrega a “lógica do mercado”. Na Figura 3 abaixo, um esquema explicativo demonstra como a autonomia diminuiu de forma direta quando se aumenta a dependência com o mercado.

Figura 3: Gradiente de inserção das unidades produtivas nos mercados segundo o grau e o nível de autonomia e dependência.



Fonte: Schneider, 2016.

Portanto, os mercados apresentam oportunidade aos agricultores, mas também pressões. Ao ingressar neles pode-se ampliar favoravelmente a renda, aumentar o acesso a bens de consumo, mas ao mesmo tempo os expõe a condições desiguais do poder de mercado (SCHNEIDER, 2016). A pressão gera a necessidade de adentrar nos mercados mais globalizados e leva a maior dependência deles a um modelo imposto por um regime dominante. Portanto, os agricultores tendem a perder parte do controle dos recursos e dos conhecimentos necessários à sua produção (GLIESSMAN, 2000; PLOEG et al., 2006).

No cenário atual, aparentemente a interação entre as estruturas técnicas e produtivas do açaí continuam marcadas por heterogeneidade. Por um lado, o notável crescimento da lucratividade do setor colocou a polpa do açaí no nível de visibilidade de mercados mundiais, atraindo jogadores de grande porte para este cenário econômico. Por outro, as interações do setor com suas cadeias “periféricas” continua marcada por precariedades que faz os agentes locais ocuparem espaços marginalizados, com perda de autonomia sobre o preço do seu produto, sobre o que produzir e como produzir. Algumas exigências também já são feitas aos ribeirinhos na hora da entrega do fruto, alguns estão trocando o tradicional cesto de palha, pelas bandejas de plástico e isto gera a elevação dos custos para quem está produzindo.

A partir dessas mudanças, emerge um novo conjunto de agentes que constroem um ambiente de negócios, de sistema social e produtivo regulatório. A cadeia produtiva se consolida e aumentam as formalidades entre os produtores e consumidores. Dessa forma, a cadeia produtiva é fortalecida com elevada importância social e econômica e ensejando novos esquemas interpretativos (normas, rotinas, valores) e nova estrutura social.

4.2 A mercantilização dos meios de produção ribeirinha: terra e trabalho

As primeiras relações de mercado com o açaí ainda prevalecia a ajuda mútua no trabalho e outros tipos de serviços. Nesse primeiro momento, houve uma espécie de

cooperação por parte dos moradores das várzeas que estavam buscando uma alternativa de renda. Um dos primeiros mercados que foi conquistado, além do local, foi a Feira do Açaí no Ver-o-Peso, em Belém/PA.

De acordo com relatos, dois atores eram fortes na cadeia produtiva, o ribeirinho (e a família), que fazia todas as tarefas referentes à colheita e transporte do fruto e o atravessador, figura que sempre esteve presente. É importante destacar que, nessa fase, o açaí de várzea era oriundo de açaizais nativos, crescia de forma espontânea e eram espalhados de forma natural com auxílio dos pássaros que disseminavam as sementes para outras áreas. O trabalho era baseado no extrativismo e sem nenhum tipo de manejo. Nas entrevistas, foi relatado que o açaí ficava em meio à mata, espalhado entre as demais espécies vegetais e era difícil o acesso até a palmeira.

A alta demanda pelo fruto fez surgir uma produção em massa que trouxe algumas consequências, como alta produtividade, aumento das áreas de produção de açaí, acompanhado por reduções de cultivo de outras espécies de menor valor econômico. Dessa forma, houve a necessidade de se contratar mais mão de obra, desfazendo a estrutura de trabalho, antes familiar e, com isso, ocorreu o surgimento de relações mais verticalizadas, em que se encontram pessoas especializadas em vários pontos da cadeia, desde a produção da matéria-prima até o produto acabado propriamente dito.

Açaí fez uma revolução grande, hoje ver gente bem de situação que investiu na terra e gente que não vai mais nem no mato, só manda alguém ir coletar (E13).

Antes, quando começamos o manejo, a gente fazia o roçado do terreno com terçado, hoje em dia já é usado as máquinas roçadeiras. Algumas pessoas já não usam mais o machado para derrubar e sim a motosserra. O manejo já é diferente, antes a gente não conseguia uma produção alta, hoje não, a produção tá melhor (E9).

Dessa forma, percebe-se que o processo mercantilista de produção do açaí altera as relações técnicas e sociais, que vão desde a incorporação de novas práticas produtivas a mudanças na organização social do trabalho, no valor da terra e propriamente na vida ribeirinha.

A terra passa a agregar um valor diferente. Embora os entrevistados relatem que suas áreas são patrimônio de família, muitos já adquiriram novos terrenos em outras localidades ou aumentaram sua área de produção. Nota-se mudanças na estrutura fundiária, decorrente principalmente deste processo de especialização produtiva, que por sua vez levou à abertura de novas áreas para produção e, conseqüentemente, na valorização do preço da terra.

É necessário, portanto, perceber que as mudanças na rentabilidade do açaí levaram a capitalização da agricultura, em que antes prevalecia o extrativismo e atualmente se destaca o manejo das áreas, e até mesmo a agricultura de monocultivo, o qual elevou a valorização e o preço da terra, tornando muitas vezes o acesso difícil pelos menos capitalizados. A terra passa a ser vista cada vez mais como uma mercadoria, desencadeando um processo de monopolização ao longo do tempo. Nesse contexto, a propriedade da terra dissocia-se da relação harmônica homem e natureza, uma vez que se intensifica a utilização do meio como mercadoria geradora de renda.

De acordo com o princípio de Polanyi (2000), a terra e o trabalho transformam-se em mercadoria como qualquer outra e são avaliadas pelo preço de mercado. Assim, é entendido que a propriedade de um elemento da natureza, ou seja, a terra, constituído como um elemento de sociabilidade para o homem, quando tal recurso é usado como insumo para a produção, perde a função substantiva e ganha a função formal da economia.

Segundo Woortmann (1990), citado por Nierdele (2007), no momento em que a terra se reverte em mercadoria, transforma-se em meio de produção, em que a sua utilização passa a ser orientada pelo máximo valor econômico e pela lógica utilitarista, que transfere a terra para a lei das coisas num universo atomizado. Em todo caso ainda há uma forte relação do ribeirinho com a terra, a maioria dos entrevistados relatou não desejar migrar para outros locais, é notório também, que passa a ser fundamental o potencial que a terra tem de produzir riqueza, como espaço de geração de renda necessária à sobrevivência até mesmo atraindo pessoas para as várzeas: *Primeiro um japonês, que mora na frente de casa, ele comprou a área, derrubou tudo e plantou só o açaí. Depois ele ganhou monte de dinheiro e foi embora e deixou para o filho cuidar* (E3).

Dessa forma, a inserção dos ribeirinhos nos mercados, voltou-se predominantemente à produção de um produto de alto valor econômico, transformando não só o valor da terra, mas do trabalho também. Abaixo, são apresentadas algumas das profissões e ocupações que foram desempenhadas antes do desenvolvimento do mercado de açaí e que foram capturadas através das falas dos informantes.

Em algumas entrevistas foi possível notar o processo de transição da realização de outras atividades para o açaí. Nesse contexto, algumas atividades acabaram perdendo sua importância socioeconômica como é o caso da carpintaria naval. Hoje, a profissão praticamente não existe entre os ribeirinhos. Segundo o entrevistado E7, ex-trabalhador da profissão, disse que antes ele trabalhava como calafate, carpinteiro e pintor de barco, mas

mudou de profissão, primeiro porque com o fim da indústria da cana-de-açúcar, a atividade de calafate enfraqueceu, pois eram os donos de engenhos que compravam e depois porque o açaí começou a gerar renda. Dessa forma, parte da prática em construir o próprio barco ou mesmo, de construí-lo para vender foi sendo substituída e, conseqüentemente, a dinâmica de repassar o ofício aos filhos e netos também foi diluída. Além disso, uma única pessoa desenvolvia três funções (pintor, carpinteiro e calafate), ou seja, o trabalho era menos especializado e, também, não estava restrito a atividade agrícola.

Outra atividade que vem sofrendo mudanças e sendo abandonada é a própria pesca. Alguns entrevistados relataram que sentem dificuldades na atividade devido à sensação de diminuição da quantidade de peixe e relacionam tal processo a poluição dos rios como consequência da indústria de palmito que despejava os resíduos da fabricação nesses locais. Essa crescente poluição afugenta todo tipo de vida aquática, e traz implicações para o homem e para o meio ambiente. Pode-se afirmar que nesses aspectos esses mercados fragilizam os meios de garantir a sobrevivência desses sujeitos e os forçam a aderir a novas tendências de mercado.

É possível que existam outras causas para a diminuição do pescado, como as citadas por Cunha (2006) onde a pesca do município foi fortemente abalada por outros fatores, como: construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí (teria levado à redução de muitas espécies, principalmente do mapará- *Auchenipterus nuchalis*, peixe típico da cidade); a atuação de serrarias e as indústrias de palmito, responsáveis pela redução do mais tradicional alimento daquela população local, o açaí. Para além, a poluição tem sido causada pelos próprios ribeirinhos que sem ter um lugar adequado para o despejo do lixo, acaba lançando no curso dos rios⁹. Acredita-se que todos esses fatores combinados contribuem para a diminuição do pescado e a desvalorização da atividade. Foi possível perceber durante a pesquisa de campo que a atividade pesqueira ainda ocorre, mas em baixa frequência e praticamente está restrito para o consumo próprio.

Contudo, entre os entrevistados, percebeu-se também uma nova relação com a pesca que passou de uma atividade artesanal para uma atividade controlada, a piscicultura. O entrevistado E4 relata que começou a atividade recentemente e produz por ano cerca de 300 Kg de pescado. Isso significa que a prática tradicional de acordar cedo, ir de barco até a área

⁹ Nesses casos, é preciso avaliar o contexto de vida desses segmentos da floresta. A introdução em massa de produtos industrializados nesses locais provoca esse desequilíbrio, visto que não faziam parte do contexto de vida dessas pessoas. Antes elas jogavam em seus quintais e até nos próprios rios as sobras de alimentos e de produtos desenvolvidos localmente (fibras, folhas), coisas que não afetavam, mas faziam parte de um ciclo. A prática continua, mas com produtos externos e que prejudicam o ambiente e a vida deles.

de concentração do pescado utilizando a malha de captura dos peixes cedeu espaço para uma captura localizada, ao lado da casa, onde os peixes são criados com ração em espaço delimitado e sem a necessidade do emprego de grande mão de obra e do uso de diversos equipamentos de pesca. Essa característica significa que ele deixa de ser pescador para se transformar em produtor de peixe ou piscicultor e a atividade passa a ser secundária na composição da renda familiar.

Outro ponto chave visualizado durante a pesquisa consistiu na migração dos ribeirinhos¹⁰, em que relataram que foram morar na cidade e posteriormente retornaram para as suas comunidades, influenciados por inúmeros motivos, e um dele era para trabalhar com o açaí. O entrevistado E10 mudou-se para Belém ainda jovem para trabalhar, abriu uma loja de materiais de construção, se estabeleceu, criou os filhos, que hoje estão formados e continuam vivendo na mesma cidade. Percebe-se que este construiu a vida e depois de anos decidiu retornar para as várzeas e começou a investir no açaí. Segundo ele, já possuía a área há alguns anos que estava sob os cuidados de seus irmãos, mas atualmente ele mesmo cuida da propriedade onde possui 90.000 (noventa mil) pés de açaí, sendo que parte dessa produção é plantada, em local específico e com o espaçamento adequado entre as plantas para produzir melhor. Para facilitar o manejo, ele retirou a maioria das outras espécies que cresciam no local para não competir com o fruto por nutrientes¹¹.

Dessa forma, as atividades produtivas tornam-se mais dependentes do acesso às técnicas de manejo e, principalmente, de contratação de mão-de-obra (PERONDI, 2007). Entre os ribeirinhos, as mudanças sobre o trabalho estão relacionadas com a tendência de abandono de outras práticas, frente ao incremento da atividade com o açaí, causada pela grande demanda do fruto e hoje pelo alto retorno econômico. A importância econômica das espécies vegetais e demais atividades de geração de renda, portanto, se transformaram.

Assim, quanto maior o grau de mercantilização, mais o trabalho se volta para o produto de maior valor de troca. Isso pode significar uma ruptura nas relações sociais intrafamiliares, onde se cede espaço a tecnificação e o monocultivo, tornando o trabalho mais individualizado e refletindo na organização da unidade familiar e suas estratégias reprodutivas (NIERDELE, 2007). Para Polanyi (1977), o sistema econômico ou produtivo encontra-se

¹⁰ Fator migração. São fatores que influenciam e são influenciados pelos meios de vida. Se uma pessoa está em um lugar com meios limitados, o mesmo irá à busca de outras oportunidades e recursos materiais e não materiais.

¹¹ Esta prática é muito comum em plantios comerciais de adotar espaçamento mais adequado, de acordo com a literatura, e retirar (fazer desbaste) as demais espécies “sem valor econômico” para que não ocorra concorrência entre as plantas por água, luz e nutrientes, de forma que a espécie de interesse tenha maior disponibilidade desses três fatores para se desenvolver e produzir mais.

confiado a um mecanismo institucional que controla não só os recursos da natureza, como também os seres humanos nas suas atividades cotidianas.

Em campo, foi possível observar que a maioria dos ribeirinhos considera o trabalho ainda familiar, e de conservação das práticas de produção e do meio ambiente. Contudo, se contradizem quando relatam que:

Eu dou trabalho para meus três filhos, pago eles para fazer o serviço, temos que ajudar eles né? Também emprego um sobrinho e às vezes preciso buscar mais mão de obra fora (E1).

Esse elemento complementa o debate, e revela uma situação até então incomum, a remuneração do trabalho de membros da família pelos próprios membros, que se expressa como uma mudança nas relações familiares, substituindo a prática do coletivismo contraposto à emergência de geração de rendimentos (NIERDELE, 2007).

Atualmente, o aumento das áreas e das atividades, resultam em uma maior demanda de trabalho e, conseqüentemente, a mão de obra familiar passa a ser insuficiente para o rendimento desejado. O entrevistado E9 comenta: “nós não somos mais empregados, somos patrão, porque a gente também gera emprego, geramos economia”. Assim, chega-se a afirmativa de que a ideia de gerar emprego substitui a solidariedade, a ajuda ou mesmo a reciprocidade, são elementos que foram se diluindo, ora porque uma parte sente-se na posição de patrão, de produtor rural e que ao não conseguir manejar a área sozinho necessita contratar mão de obra, ora porque a parte remunerada também enxerga uma oportunidade de geração de renda no trabalho com o açaí e por isso não mais desenvolve o trabalho mutualmente, pelos mutirões. Quem permanece no meio rural, o trabalho passa a ser condição indispensável à sobrevivência.

Da mesma forma, houve modificações nos instrumentos de trabalho. A partir da intensificação do consumo do açaí, o trabalho passa a não mais ser totalmente manual, e a enxada cede lugar a roçadeira, reduzindo tempo e esforço físico no manejo da área de açaí. Mas ao mesmo tempo, esse trabalho se concentra em uma época específica do ano, o final da safra, quando a área passará por um processo de manutenção para a próxima produção.

4.3 O modelo de produção: do extrativismo ao monocultivo

O aumento na demanda por açaí ocasionou mudanças na base técnica da produção agrícola e impulsionou o desenvolvimento de diferentes formas de produzir o açaí, distante da

concepção inicial do extrativismo. Enquanto no passado foi possível uma vida mais autônoma, quando o trabalho era estritamente familiar, e consumia-se basicamente o que havia na propriedade e nos rios. Atualmente, a dependência do mercado obrigou os agricultores a recorrerem cada vez mais a rendimentos econômicos, sendo agora preciso valorizar as espécies que mais trazem rentabilidade e, conseqüentemente, favorece uma produção orientada para o mercado.

Embora a crescente demanda por produtos florestais não madeireiros, possa ser além de uma alternativa econômica, também uma oportunidade de conservação dos ecossistemas florestais, há na contramão desta possibilidade a substituição do manejo extrativo das florestas pelo monocultivo, anulando seus efeitos positivos quanto à conservação (MARTINOT; PEREIRA; SILVA, 2017).

Em Igarapé-Miri, segundo os relatos de campo, a coleta do açaí era feita exclusivamente em áreas de ocorrência natural da espécie e o processamento dos frutos era realizado de modo artesanal em pequenos estabelecimentos familiares, para o consumo próprio e local. Com o crescente consumo em outras regiões não produtoras e das exportações para outros países, o açaí vem tornando seu cultivo intensivo. Postula-se que a crescente demanda pelo produto não venha a ser atendida em razão da oferta limitada do sistema extrativo. Em resposta a este mercado, as famílias estão optando pela intensificação da produção mediante a domesticação do açaí em sistemas de cultivo agrícola.

Como consequência da conquista de novos mercados, famílias ribeirinhas passaram a demonstrar interesse em cultivar o açaí em escala comercial. Para isso, iniciam um processo de especialização na produção de uma única cultura, ou seja, o açaí (OLIVEIRA, 2006). Esta tendência tem gerado mudanças no sistema de manejo de açaizais nativos. A produção de açaí, portanto, está em fase de transição, passando de uma atividade tradicional e extrativista, para um sistema de produção intensivo como explica Bicudo e Costa (2006).

Apesar da importância econômica do açaí para os ribeirinhos, que na década de 1990 representou a conservação dos açaizais, pois deixaram de ser derrubados para a extração de palmito, e passaram a ser mantidos para produção de frutos. Também, se questiona o aumento da demanda ter despertado grandes interesses em aumentar a área de produção. Um entrevistado lembra que na década passada, alguns técnicos da EMATER visitaram várias propriedades para ajudar na captação de crédito rural, contudo, uma das exigências (sugestões) era retirar todas as demais espécies da área e manter apenas o açaí. Muitos

agricultores adotaram a técnica e se arrependeram, mas, ainda assim, há quem prefira dá prioridade a produção do fruto.

Me parece que esses técnicos foram até mal orientados. Por isso não deu certo alguns projetos. Falavam pra gente tirar tudo e deixar só açaí. Mas eu não fiz isso. A associação já orientava a gente que era pra sempre ter uma reserva de outras espécies na nossa área. E também gerou muitas dívidas. Algumas pessoas estão até hoje pagando o crédito (E4).

Neste sentido, apontam-se as consequências do processo de padronização da agricultura: a) o afastamento dos agricultores da diversidade natural das florestas de várzea, transformando o que era antes uma relação próxima, pois necessitava ir até a mata retirar o fruto, em distante, porque hoje a produção está concentrada ao lado da casa, controlada e sobre os olhares de quem o produz; b) aumento da vulnerabilidade diante da indústria alimentar, já que esta tem a capacidade de influenciar nas formas de produção local; c) maior risco de perda da produção, por uma instabilidade do mercado e por uma vertente natural, em que a disseminação de uma praga agrícola ou uma mudança climática pode levar a perda total do produto.

Portanto, o imenso poder dos “impérios alimentares” e as grandes corporações que atuam neste segmento, têm influenciado nas transformações na forma de produzir os alimentos e isto tem aumentado à subordinação da atividade agrícola aos anseios do mercado. Este vigoroso processo de transformação de todo o setor agroalimentar provoca um redimensionamento da produção orientada por algumas desconexões: a) A desconexão entre produção e consumo no tempo (maior intervalo entre momento de finalização do produto e sua chegada ao consumidor, portanto, uma cadeia produtiva longa) e no espaço (a globalização dos mercados); b) A desconexão entre produção agrícola e os agroecossistemas (onde a crescente artificialização dos sistemas produtivos permitem expandir a produção dos cultivos agrícolas para diferentes ecossistemas, emancipando cada vez mais a produção agrícola dos limitantes naturais); c) Desconexão dos ribeirinhos com o meio ao seu redor, não havendo mais a necessidade de adentrar a mata para procurar um fruto para a colheita; d) Desconexão do trabalho em família por causa da adoção de mão de obra fora deste núcleo.

Dessa forma, assim como relatado por Polanyi sobre a passagem da sociedade primitiva até a sociedade industrial, nas comunidades ribeirinhas percebe-se que houve uma desconexão do valor substantivo na produção de açaí. Por esta linha, fica claro que foi aplicado um valor mercantil sobre o fruto. Essa transformação causa maior dependência das

famílias, em termos de renda, em uma única espécie e por isso, sua exploração passa a se intensificar.

Por isso, o local, reflete a dinâmica das relações globais que se reconstitui cotidianamente numa interação perene e cada vez mais importante, mas ao mesmo tempo vulnerável devido muitas vezes os saberes globais sufocarem os locais devido à imposição que se comporta como difusores de sabedoria (MORIN, 2004).

Nesse sentido, a tradicionalidade cede espaço para um modelo comercial na busca de alcançar maior lucratividade, incidindo na dinâmica de organização social e econômica das famílias e subvertendo a lógica cultural que reveste a produção extrativa do açaí. Como consequência, a produção se torna mais tecnificada e se trata hoje de manejo controlado cuidadosamente.

Claramente que esta realidade não se aplica de forma homogênea. Há aqueles que mantêm a área produtiva mais diversificada. Contudo, mesmo nestes sistemas menos intensos ocorre a delimitação da área de açaizal. Nesse contexto, aqueles que trabalham com o fruto buscam otimizar os seus rendimentos. Com uma demanda cada vez mais crescente, a nova dinâmica no mercado e na forma de produção do açaí se caracteriza por mudanças estruturais ocorridas nos últimos anos, o que viabiliza a exploração manejada em áreas de várzea com uso de técnicas e equipamentos mais eficientes, cuja aplicação resulta em maior produtividade da atividade.

Durante o trabalho de campo observou-se que as áreas para produção de açaí aumentaram substancialmente, e o manejo substituiu a ação extrativa.

Eu fui aumentando o açaizal aos poucos, hoje quase 100% da área é de açaí. Plantamos algumas coisas, mas coisa pouca, o cacau, abacaxi, banana. Mas isso é só para o consumo. A gente tinha miriti, deixamos algumas só. Às vezes ajuda no inverno, mas não é igual ao açaí (E6).

Nós observamos que manejando todo ano a gente colhe mais e antigamente não. Plantamos às vezes, abrimos um pouco mais a área, mas uns 100 metros só. Antes tinham muitas árvores que iriam empatar na produção do açaí e tiramos (E11).

A região estudada está passando por um novo momento, pois os açaizais são manejados para obtenção de uma produção em maior escala. Com o aumento das áreas de produção, a atividade passa a ser objetivada como produto em expansão, em que a lógica produtivista visa o mercado e atendimento à demanda nacional e internacional. Neste cenário, ocorrem os desbastes (retirada) das palmeiras pouco produtivas ou de outras espécies de baixo valor econômico, pois são consideradas como competitivas por espaço, luminosidade, água ou nutriente. Faz-se o raleando da vegetação, ou seja, retiram-se as espécies consideradas plantas

invasoras (daninhas), e fazem o plantio de mudas de açaizeiros nativos para adensamento da área de produção deixando de ser um processo exclusivamente extrativista e natural.

Nesse contexto, novos atores passam a fazer parte da dinâmica local, novas territorialidades passam a se sobrepor as já existentes. Segundo Homma et al. (2006), o aumento do valor comercial do açaí despertou o interesse dos produtores por novas técnicas de cultivo e/ou manejo de suas áreas, visando ao crescimento da produtividade e da produção desse fruto. As famílias locais demonstram interesse em aprender novas técnicas de manejo e reclamam da falta de apoio dos órgãos públicos locais. Esta abertura ao apoio técnico mostra, segundo Costa (2004), que as comunidades da região não são contrárias ao desenvolvimento econômico e que a inserção de novas técnicas pode elevar a produtividade.

Isto posto, é importante destacar que a estratégia agrícola de reprodução dos ribeirinhos da várzea de Igarapé-Miri, foi reforçada a partir da transformação do mercado de açaí, o que reestruturou o sistema de produção e que significou mudanças importantes na forma social de trabalho e de relação com o ambiente em que vivem. Esse processo tem ocasionado certo *açaizamento* da paisagem ribeirinha, ou seja, homogeneizando a paisagem com predominância da palmeira de açaí.

É importante enfatizar também, que o extrativismo tem sido associado por muitos pesquisadores como uma atividade essencialmente predatória, pelo fato de levar ao esgotamento dos recursos naturais, uma vez que não é acompanhada da reposição de estoques e de uma consciência ecológica. Contudo, a análise do extrativismo não deve ficar assentada apenas nos conceitos da economia convencional, ou seja, à ótica do produto e do mercado, da oferta e da demanda, do vendedor e do comprador, considerados como atores racionais, isolados de contextos políticos e sociais, que condicionam e determinam variações essenciais nos padrões da economia (ALLEGRETTI, 1992).

Por isso, olhando por outra ótica, parte dessa degradação não está na atividade extrativa em si, mas no avanço dos sistemas produtivos de larga escala nas últimas décadas. Que, por sua vez, vem se estruturando e modificando o extrativismo, de forma que o domínio de territórios por empresas e grandes proprietários ameaça não somente os ecossistemas, mas também a manutenção da diversidade de atores socioambientais (ARAÚJO & LENÁ, 2010).

Para Gliessman (2002), os processos ecológicos começam a ser definidos a partir do desenvolvimento da agricultura moderna, com uma lavoura intensiva, monocultivo, controle de ervas daninhas, que visa maximizar a produção e o lucro em curto prazo. Em outras palavras, a lógica “racional”, superou a lógica natural. Os ciclos naturais e os processos

ecológicos foram rompidos e substituídos por os de cunho racional (GLIESSMAN, 2002; POLLAN, 2006).

Essas práticas mais racionalizadas são insustentáveis quando pensadas em longo prazo, no sentido que participam ativamente na erosão dos recursos na qual a agricultura depende como os solos (degradação e perda de fertilidade) e os ecossistemas (modificados) etc. Nesse tipo de agricultura mais racionalizada, que os princípios industriais superam a lógica natural, a terra e a natureza viram objetos de troca, servindo as necessidades da lógica utilitarista do capital. Portanto, a harmonia com a natureza e a visão das coisas como um sistema complexo e interativo são corrompidos para ceder lugar à relação de dominação do homem sobre a natureza (INGOLD, 2012).

Dessa forma, entende-se que essas mudanças no valor econômico do açaí influenciam em mudanças no uso dos recursos naturais. As implicações desses fatores é que se prioriza atividades socioeconômicas geradoras de renda, que podem originar consequências sobre a floresta devido as comunidades se integrarem mais ao mercado, e a prioridade que está sendo dada as atividades mais rentáveis.

5 CONCLUSÃO

A alta demanda por açaí nas comunidades nos últimos anos transformou o que era basicamente voltado para autoconsumo em interesses de natureza econômica. Essa dinâmica começou a mudar com o progressivo aumento do interesse por açaí no mercado. Atualmente, essa reconfiguração do mercado de açaí, vem refletindo nas áreas de produção na Amazônia, integrando economicamente os ribeirinhos a diferentes mercados e forçando a incorporação de novos imperativos para a reprodução social, que se materializaram tanto na prática de trabalho com o fruto, como em suas próprias vidas.

Isto fez com que o fruto se tornasse a principal fonte de renda de comunidades ribeirinhas localizadas no estuário amazônico e que tem gerado o declínio de outras atividades tradicionais, como a pesca. Refere-se, portanto, à redução de autonomia produtiva das famílias rurais e sua inserção crescente em circuitos em que predominam as trocas mercantis.

Nas áreas de várzea do município de Igarapé-Miri, os informantes desta pesquisa, esclareceram que os primeiros circuitos comerciais do açaí eram limitados à esfera local e regional. Todavia, o crescente interesse pelo fruto tem possibilitado a emergência de um novo ambiente econômico. Neste, cada vez mais o açaí assume lugar de exclusividade na produção

e na composição da renda familiar, o que ocasionou sensíveis alterações na interação dos ribeirinhos entre si, com o próprio mercado e com o ambiente em que vivem.

Os impactos decorrentes das alterações no modo de produção do fruto foram identificados em: a) melhoria de renda para a população; b) contenção no desmatamento para a preservação de açais nativos; c) acréscimo de custos na produção; d) desarticulação do trabalho familiar, em especial pela contratação de mão de obra; e) a marginalização do ribeirinho quanto às decisões sobre o fruto, f) distanciamento do valor simbólico do açaí como alimento para um produto de valor econômico; g) menor diversificação alimentar e de trabalho, em que se volta quase exclusivamente para o açaí, porque a produção é induzida a partir de produtos que tenham maior estabilidade comercial.

No caso particular da localidade aqui tratada, fica evidente a constituição de vida que se afirma no tempo e no espaço a partir das relações que os sujeitos travam entre si e com os usos que se fazem do espaço. De fato, o mercado altera esse equilíbrio interno de autoconsumo e produção da família, bem como as outras relações presentes na comunidade. O processo crescente de externalização distancia socialmente e diferencia economicamente os ribeirinhos à medida que mercantiliza os seus processos produtivos. Assim, o mercado não apenas condiciona a forma como as trocas irão ocorrer, mas também impõem parâmetros para a estruturação do mundo social e natural das relações sociais.

O mercado media à consciência das relações sociais em que o sustento das famílias passa a depender das relações estabelecidas pelas mercadorias. Nesta concepção, torna-se recorrente pensar que as mudanças no extrativismo tradicional significa integrar e inserir os ribeirinhos ao mercado via absorção dos parâmetros produtivos dos chamados cultivos comerciais.

Isso se evidencia pela expansão e a valorização do açaí fora das comunidades. Tem-se agora, uma várzea marcada pela racionalização da vida e que passa a ser lugar que não mais obedece aos signos da tradicionalidade, das raízes ancestrais. Em outras palavras, a economia passa a assumir um lugar central nas relações no meio rural de Igarapé-Miri. Assim, a mercantilização implica na organização dos ribeirinhos, em que hoje predomina a produção para intercâmbio mercantil, transformando o conjunto das relações produtivas, mas, sobretudo, da vida econômica e social desses indivíduos.

Um desdobramento desta nova condição é a tensão conflitiva que decorre da sobreposição dos interesses dos agentes da cadeia produtiva mais vinculada com os aspectos econômicos. Além disso, o incremento da produtividade e produção em larga escala provoca

uma oportunidade de geração de renda aos ribeirinhos, mas ao mesmo tempo intensifica a diferenciação social nas várzeas, mercantiliza o trabalho, tornando-o mais otimizado e segmentado, cada um é responsável por um processo de produção dentro da cadeia produtiva.

Do mesmo modo, a relação entre homem e natureza foi instrumentalizada, alterando os processos produtivos, a qual passou a ser regidos pela demanda do mercado. A ação racional define a escolha dos meios em relação aos fins. Esse movimento aumenta o poder e o controle dos agentes externos nas atividades locais e submete os agricultores às regras dos mercados. Assim, algumas alusões são consideradas: 1) reconfiguram-se a posição dos atores na cadeia produtiva, que coloca o ribeirinho como fornecedor do fruto e em situação de dependência da demanda; 2) a produção é influenciada pela economia extra local; 3) aumento da produção intensiva do fruto; 4) o trabalho e a terra são condicionados ao mercado.

Desta maneira, este estudo revela que o mercado atual do açaí se distingue da configuração que era no início do processo de comercialização do fruto. Atualmente, a mercantilização do açaí transformou as relações sociais e o processo produtivo. A mercantilização se apresenta mais forte e intensa entre os ribeirinhos e se expressa através da dependência do indivíduo ao mercado, da racionalização da produção agrícola e das diferentes relações que daí emerge. De todo modo não se pode achar que os ribeirinhos não passam pelos mercados, mas a questão fundamental é compreender de que maneira o mercado molda a vida social local.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEGRETTI, M.H. Políticas de uso dos recursos naturais renováveis: a Amazônia e o extrativismo. *Rev. Adm. púb.*, Rio de Janeiro, jan./mar. 1992.

ARAÚJO, R.; LENÁ, P. Da predação à sustentabilidade na Amazônia: a difícil metamorfose. In: ARAÚJO, R.; LENÁ, P. (Eds.). **Desenvolvimento sustentável e sociedades na Amazônia**. Belém: Museu Goeldi, 2010. p.13-53.

BICUDO, V.C; COSTA, S.M.F. **Estudo da Importância do Mercado Informal do Açaí na Cidade de Ponta de Pedras, (PA)**. X Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. 2006.

BONALDI, E.V. Karl Polanyi, A subsistência do homem e ensaios correlatos. **Tempo Social**, vol.26, n.1, jan./jun. 2014.

CANDIDO, A. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida. São Paulo, 8ª Ed 34, 1971.

CIALDELLA, N; ALVES, L. N. Agricultures familiares: trajectoires, modernité et controverses. **Revue Tiers Monde**. Nº 220. 2014.

CONTERATO, M.A. et al. Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea. IN: Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Organizadores Sérgio Schneider e Marcio Gazolla. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

COSTA. F.A., ANDRARE. W.D.C., Silva F.C.F. **O processamento de frutas no Nordeste Paraense e região metropolitana de Belém- Um arranjo produtivo emergente**. SEBRAE, Belém, 2004

CUNHA, E. M. Mutirão e trabalhadoras rurais de Igarapé-Miri: açaí como alternativa econômica no contexto de gênero. **Paper do NAEA**, Belém, n. 206, p. 1-21. 2006.

FERREIRA, L. dos S. G. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia : reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FERREIRA, L. dos S. G. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia: reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Geografia. Belém, 2013.

FONTES, E; RIBEIRO, F. Os trabalhadores do açaí na Amazônia: cotidiano, natureza, memória e cultura. **História Oral**, v. 1, n. 15, p. 81-106, 2012.

FREITAS, W. R. S; JABOOUR, C. J. Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **ESTUDO & DEBATE**, Lajeado, v. 18, n. 2, p. 07-22, 2011.

GAMEIRO, M.B.P; MARTINS, R.C. Da mercantilização da natureza à criação de mercadorias verdes. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.8, n.1 e 2. 2014

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

HOMMA, A. K. O. et al. Açaí: novos desafios e tendências. **Amazônia: ciência e Desenvolvimento**, Belém, PA, v.1, nº2, 2006.

LIMA, R.S; SILVA, C.N. Territorialidades, paisagem e modo no Baixo Rio Meruú (Igarapé-miri Pará). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, Belém, n. 1, v. 01, p. 55-75, jan./jun. 2014.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, v. 17, n.1, p. 66-76, 2016.

MARTINOT, J.F; PEREIRA, H.S; SILVA, S.C.P. Coletar ou Cultivar: as escolhas dos produtores de açaí-da-mata (Euterpe precatoria) do Amazonas. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 55, Nº 04, p. 751-766, Out/Dez 2017.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.

MORIN, E. Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

NIERDELE, P.A. Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas de Salvador das Missões, RS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2007.

OLIVEIRA, M. do S. P. de. Biologia floral do açaizeiro. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2002. V.8. 26p. **Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento**. 2006.

PERONDI, M.A. Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2007.

PETERSEN, P. Prefácio. In : Dossiê ABRASCO, 2015.

POLANY, K. A subsistência do homem e os ensaios correlatos. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 47-81, 2012.

POLANYI, K. A grande transformação. Rio de Janeiro: Compus, p. 51-158, 2000.

POLANYI, K. A nossa obsoleta mentalidade mercantil. **Revista Trimestral de História** n.1, pp.7-20. Porto (Portugal), 1977.

POLANYI. K. La economía como actividad institucionalizada. **Revista de Economía Crítica**, nº20, segundo semestre 2015, ISSN 2013-5254. 2015.

ROBERTS, P. **O fim dos alimentos**. Editora Campus, 2008.

SABOURIN, E. Produção camponesa e seguridade alimentar no brasil: uma analise pela teoria da reciprocidade. **Revista Latinoamericana de Estudios Rurales** II (3), ISSN 2525-1635. 2017.

SABOURIN, E. Teoria da Reciprocidade e sócio-anthropologia do desenvolvimento. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, nº 27, p. 24-51, 2011.

SANCHÉZ, A. L. La crítica de la economía de mercado en Karl Polanyi: el análisis institucional como pensamiento para la acción. **REIS**, 86/99, p. 27-54, 2008.

SCHNEIDER, S. Capítulo 4: Mercados e Agricultura Familiar. In: **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o desenvolvimento rural**. Org. Flávia Charão Marques, Marcelo Antônio Conterato e Sérgio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

SCHNEIDER, S; ESCHER, F. A Contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, nº27, p. 180-219. 2011.

SCHNEIDER, S; GAZOLLA, M. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Organizadores Marcio Gazolla e Sérgio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SILVA, F.A.G et al. Os princípios de economia substantiva de karl polanyi em relações de economia solidária: o caso do povoado Cruz (Currais Novos/RN). **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)**. V.10. Nº2. 2011.

TAGORE, M.P.B. O aumento da demanda do açaí e as alterações sociais, ambientais e econômicas: o caso das várzeas de Abaetetuba, Pará. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia). Núcleo de Meio Ambiente. Universidade Federal do Pará. Belém/PA. 2017.

PLOEG, J.D.V.D O modo camponês revisitado. In: Schneider, S. A diversidade da agricultura familiar. Porto Alegre: UFRGS, p. 13-56. 2006.

WOORTMANN, K. apud NIERDELE, P.A. Mercantilização, estilos de agricultura e estratégias reprodutivas dos agricultores familiares de Salvador das Missões, RS. Dissertação-Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciência Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007.

YIN, R.K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Tradução: Ana Thorell; Revisão Cláudio Damacena.- 4. Ed. - Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZERRER, J. E. Consequências do Açaí. 2015 Disponível em: <<http://www.indianafoodreview.com/archives/issue-1/consequences-of-acai>>. Acesso em: 15 de nov. 2018.

ARTIGO 03
MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES NOS MEIOS DE VIDA DOS RIBEIRINHOS DE
IGARAPÉ-MIRI/PA

Resumo: Este artigo trata especificamente sobre as transformações nos meios de vida dos ribeirinhos de Igarapé-miri, a partir da mercantilização do fruto de açaí. Para operacionalizar o trabalho foi feita entrevista *in loco*, com os moradores das várzeas de Igarapé- Miri, produtores de açaí. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo. Como referencial teórico utilizou-se de Cândido e da visão *livelihoods*. Em nenhum momento pensou-se em separar estas duas visões, uma vez que se entende nesse trabalho em se tratar de perspectivas completares e, portanto, foi um esforço analítico até então pouco encontrado em trabalhos que tratam sobre o tema meios de vida. Como resultado percebeu-se que a alta demanda pelo fruto tem gerado várias oportunidades de acesso a ativos que eram distantes da realidade ribeirinha. Contudo, em certa medida, isto também tem intensificado mudanças nas formas que estes atores têm garantido sua reprodução. Portanto, conclui-se em se tratar de um tema amplo e aberto, pouco dialogado sobre as comunidades amazônicas.

Palavras-chave: Adaptação; Reprodução; Tradicionalidade.

1. INTRODUÇÃO

A população amazônica é resultado de vários processos de colonização e miscigenação entre diferentes povos, derivado de uma diversidade de grupos étnicos e populações tradicionais que compõem a região. Dentre esse mosaico de categorias sociais, destacam-se os povos indígenas, as populações ribeirinhas, pescadores, extrativistas, quilombolas, migrantes, entre outras. Cada um desses segmentos é constituído por uma identidade sociocultural (LIRA & CHAVES, 2016).

Tal característica possibilita uma herança de manifestações socioculturais expressas pelo homem amazônico na vida cotidiana, quais sejam: as relações de trabalho, a educação, a religião, as lendas, os hábitos alimentares e familiares (LIRA & CHAVES, 2016). Às margens dos rios destacam-se as comunidades ribeirinhas, composta principalmente por trabalhadores que se ocupam essencialmente do extrativismo, da pesca e da confecção de

produtos artesanais. O rio também é um elemento central na definição da vida econômica, social e cultural desses povos.

No caso do extrativismo, a cultura da palmeira de açaí tem grande relevância no consumo e na geração de renda para essas comunidades que vivem à margem dos rios. O açaí, mais que um simples fruto natural, para muitas comunidades amazônicas é um elemento constituinte de sua cultura e de suas identidades, que marca as paisagens e a vida ribeirinha. Assim, a produção do açaí além de ser um recurso gerador de renda, é fator inquestionável na constituição da vida. Por isso, o conhecimento empírico é de profunda importância, porque ao mesmo tempo em que é baseado na relação do homem com a natureza, também traduz a manutenção da transmissão geracional dessa tradição, ou seja, acumulado entre as gerações (FONTES & RIBEIRO, 2012).

Atualmente, a utilização do açaí não apresenta mais uma característica de exploração baseada no simples extrativismo, mas sob uma economia de base mercadológica e lucrativa. Diante dessa premissa questiona-se como a valorização do fruto de açaí, dentro de uma nova lógica e configuração mercadológica, afeta os meios de vida dos ribeirinhos? Para isso, compreende-se que o aumento na demanda por açaí traz alterações de múltiplas dimensões na vida dos ribeirinhos, de cunho ambiental, alimentar, econômico, social.

Partindo destas observações preliminares, buscaram-se subsídios teóricos, metodológicos e empíricos, para compreender as relações existentes entre a produção do açaí na área de várzea e os meios de vida de ribeirinhos localizados no município de Igarapé-Miri/PA. Pensa-se que a produção do açaí como um elemento que pertence à cultura local é apropriado de formas simbólicas como identidade e patrimônio cultural e de forma material, como gerador de renda de muitas comunidades amazônicas.

O conceito de meios de vida foi proposto por Antônio Cândido (1977) ainda na década de 1950 e sua contribuição foi inegável. Contudo, segundo Pereira, Souza e Schneider (2010), o termo derivado do inglês *livelihoods*, também traduzido como meios de vida, não¹² é o mesmo de Cândido. Para Dourado (2014) este conceito, proposto por autores ingleses, como Chambers, Conway, Ellis e Scoones, trata de uma outra perspectiva, em que a principal

¹²“Para o autor brasileiro meios de vida é maneira de se ligar à vida social, formas de organização e de como o indivíduo se ajusta ao meio. Não há em toda a obra nenhuma referência à palavra sustentabilidade da mesma forma como Chambers e Conway (1992) referem em seu clássico conceito, ausência esta justificada pelo contexto histórico, porém não poucas vezes cita o que chama de *ajuste ecológico*[...] Separados por 38 anos (1954 – 1992), “meios de vida” e *livelihoods* trazem em si a mesma preocupação com o homem e a natureza, interconectados, indissolúveis e interdependentes, que mesmo com olhares diferentes em sua gênese, podem ser tratados, doravante, ao menos na utilização do termo em português, como simplesmente “meios de vida [...]”, (PEREIRA; SOUZA, SCHNEIDER, 2010, p.14-18).

distinção entre estes conceitos está nos aportes teóricos de cada uma das experiências, além do contexto social e histórico de surgimento.

Entende-se que os meios de vida (*livelihoods*) são as estratégias a partir das quais as pessoas, sobretudo, a população rural, constroem suas formas de reprodução social (HEBINK, 2007) e que podem passar por transformações devido às pressões exercidas pelo meio social circundante, que pode gerar alterações nos padrões tradicionais da vida (ELLIS, 2000; HEBINK, 2007). Para Chambers e Conway (1992), a garantia de um meio de vida se dá pelas capacidades dos indivíduos acessarem determinados ativos (estoques, recursos, direitos e acessos) e atividades, que também são chamados de capitais.

É importante que se entenda que esse conceito não se limita aos resultados em termos econômicos. Portanto, compreende-se uma concepção de meios de vida para além da dimensão econômica¹³, que trata sobre questões ambientais, de renda, trabalho, migração, relações sociais, gênero, etc.

Apesar da distinção entre as duas perspectivas de *meios de vida* não se exclui o conceito proposto por Cândido e tão pouco o *livelihoods*. Para Pereira, Souza e Schneider (2010), os *meios de vida* da visão brasileira se inserem como um dos ramos e braços de *livehoods*. Por isso, esclarece-se que neste trabalho serão utilizadas tanto a concepção de Cândido, como *livelihoods*, apostando nas suas potencialidades de fornecerem subsídios que se complementem para melhor explicar os meios de vida dos ribeirinhos da Amazônia.

Como metodologia qualitativa de pesquisa, utilizou-se o estudo de caso para analisar de forma mais aprofundada as particularidades da realidade dos atores estudados. É um tipo de pesquisa que embora seja pontual e delimitado, permite ampliar a compreensão para outros casos similares. O artigo está organizado em introdução, a abordagem teórica dos meios de vida, metodologia, resultados e discussão organizada em meios de vida social e ambiental e conclusão.

2. A ABORDAGEM DOS MEIOS DE VIDA

A obra de Antônio Cândido, “Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, publicado no ano de 1964, tornou-se

¹³ Hebinck (2007) afirma que os meios de vida ou as estratégias para garantir a reprodução social, envolvem habilidades de múltiplas naturezas, não se limitando apenas nas relações com o mercado ou na garantia de renda das pessoas. Questões mais subjetivas, como relações sociais, o acesso à terra, meio ambiente, devem ser consideradas.

pioneira no desenvolvimento de estudos sobre meios de vida e suas transformações. O termo “meios de vida” no decorrer de toda a obra passa por um processo de estudo onde se busca “conhecer os meios de vida num agrupamento de caipiras: quais são, como se obtêm, de que maneira se ligam à vida social, como refletem as formas de organização e as de ajuste ao meio” (Cândido, 1971, p.17).

Assim, o autor faz uma reconstituição sobre os meios de vida do caipira tradicional que foi se transformando ao longo do tempo, afirmando que “os meios de subsistência de um grupo não podem ser compreendidos separadamente dos conjuntos das relações culturais” (CÂNDIDO, 1971, p.28), citando como exemplo a alimentação, que ilustra a relação de um grupo com o meio, através de atos, normas, símbolos e representações. Para este autor, a vida social é compreendida a partir da satisfação das necessidades que não são apenas de natureza orgânica, mas também social.

Nesse sentido, Cândido (1971) se refere as formas de organização e cultura de um grupo sobre o meio que está inserido na busca por estratégias de sobrevivência. O “caipira” tradicional através do seu conhecimento sobre os recursos naturais e a exploração compatível com o mínimo vital, possibilitou a estabilização das relações em grupo com o meio, tudo relacionado a uma vida social do tipo fechada com base na economia de subsistência.

Assim sendo, Cândido apresenta o meio de vida dessa população, e vai explanando sobre as características da casa caipira, da confecção de utensílios, roupas, da indústria caseira, da alimentação, da relação de reciprocidade e solidariedade. Destacando-se aqui o comércio, onde quase não havia celebração de negócios, cada um consumia o seu produto e nos anos fartos sobrava mantimento que não tinha preço (CÂNDIDO, 1971, p.38).

A consequência da incorporação da economia moderna gerou rupturas na vida caipira, em que Cândido (1971) aborda a penetração de bens de consumo nas áreas rurais que ocasionou a geração de novas necessidades. De modo que a indústria doméstica perde espaço para a introdução de novos hábitos, em que o caipira agora altera seu ritmo de trabalho para se incorporar a essas mudanças, deixando-o mais individual:

“Surgem assim, para o caipira, necessidades novas, que contribuem para criar ou intensificar os vínculos com a vida das cidades, destruindo a sua autonomia e ligando-o estreitamente ao ritmo da economia geral, isto é, da região, do Estado e do país, em contraste com a economia particular, centralizada pela vida de bairro e baseada na subsistência. Doravante ele compra cada vez mais, desde a roupa e os utensílios até alimentos e bugigangas de vários tipos; em consequência precisa vender cada vez mais” (CÂNDIDO, 1971, p. 165).

Embora o pioneirismo de Cândido em adotar o conceito desde a década de 50, o termo “meio de vida” adquiriu popularidade após os projetos de desenvolvimento rural dos países desenvolvidos para as regiões “subdesenvolvidas”. A utilização do termo “meio de vida” passou a ser utilizada para designar situações de “diversificação e pobreza de países em desenvolvimento. Ela surgiu do reconhecimento das preocupações ambientais e da necessidade de novas abordagens para a erradicação da pobreza”. (SITOE, 2011, p. 41). Seu objetivo consistia na percepção das diversificações de atividades como forma de direcionamento de políticas públicas para a redução ou exclusão da pobreza (SITOE, 2011).

O termo “meio de vida” ou no inglês *livelihoods*¹⁴ foi e vem sendo muito utilizado por sociólogos, antropólogos e cientistas sociais com objetivo de demonstrar as transformações em grupos ou sociedades rurais. Inicialmente, ainda nos anos de 1980, a tendência dos estudos em *meio de vida* era pesquisar as estratégias domésticas das unidades familiares de populações pobres (*household studies*). Entretanto, surgiu no início dos anos 1990 uma nova geração de estudos baseado no indivíduo (PERONDI & SCHNEIDER, 2012).

Chambers e Conway (1992) explicaram os meios de vida como capacidades, ativos (estoques, recursos, direitos e acessos) e atividades adquiridas para se obter um meio de vida. A palavra capacidade tem um amplo alcance e diversos significados específicos para diferentes pessoas em diferentes lugares, incluindo os muitos critérios de bem-estar. Entre esses significados, a perspectiva de Amartya Sen é citada por Scoones (1998) para se referir à capacidade de executar certas funções básicas, de bem estar e principalmente, na autonomia de escolhas, na liberdade de poder fazer aquilo que se deseja. Um conceito para além das questões materiais. Portanto, uma pessoa deve ter a possibilidade de ser adequadamente nutrido, ser vestido confortavelmente, ser capaz de visitar e entreter os amigos. Inclui também o fim da discriminação contra as mulheres, contra as minorias e da pobreza urbana e rural (SCOONES, 1998).

Os ativos nessa estrutura incluem alguns tipos de capitais citado por Frank Ellis (1999): capital humano (educação, habilidades, capacidade de trabalho e saúde dos membros do domicílio); capital natural - os recursos naturais (solo, água, ar, recursos genéticos, etc.) e serviços ambientais (ciclo hidrológico, sumidouros de poluição, etc.); capital social (redes, reivindicações e relações sociais e associações às quais as pessoas pertencem); capital

¹⁴ “Em Cambridge (2005, p.744) “*livelihoods*” é “*way someone earns*”, ou seja, “como se faz para ganhar a vida”, podendo ser traduzido literalmente como “meio de vida”. Mas, trabalhos como o de Peñafiel (2006) o traduz como “modo de vida”, o que não é recomendado, pois “modo” se refere mais a cultura e “meio” a estratégia de sobrevivência das pessoas” (PERONDINI & SCHNEIDER, 2012).

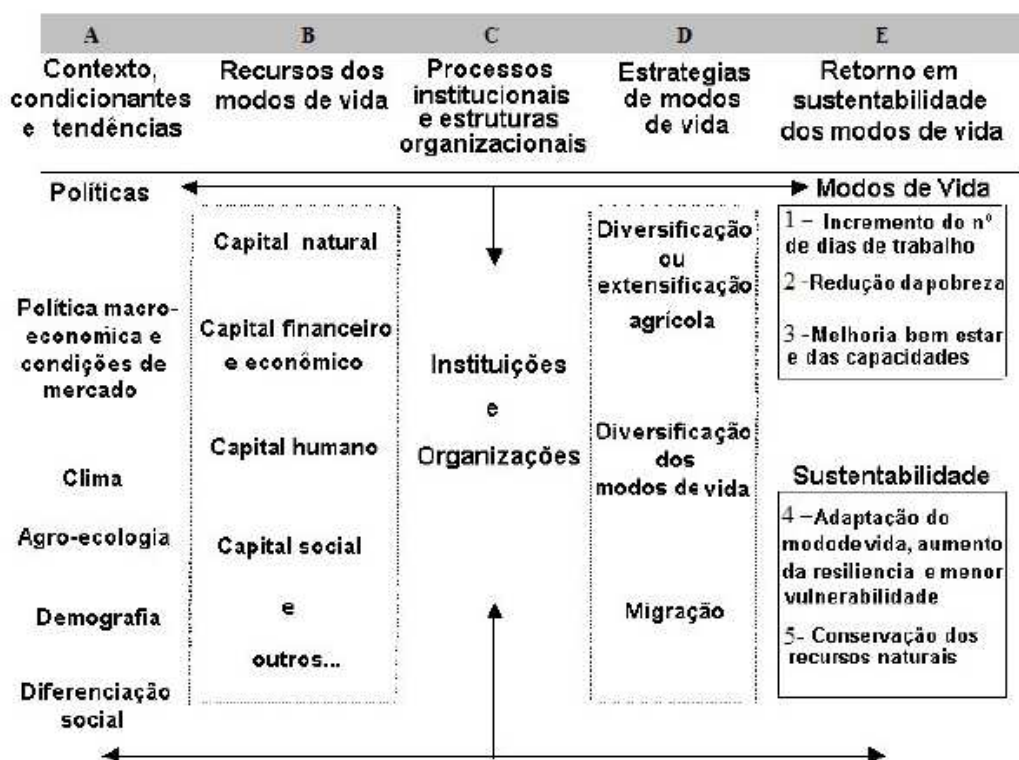
financeiro e seus substitutos (poupança, crédito e outros ativos econômicos, incluindo infraestrutura básica e equipamentos e tecnologias de produção).

Assim, percebe-se que há disponível uma gama de atividades e fatores que contribuem para gerar estratégias de sobrevivência, como o acesso aos ativos já citados, o uso de fatores sociais (relações sociais, instituições, organizações), influência das tendências exógenas (por exemplo, tendências econômicas) e os acontecimentos naturais (seca, doenças, inundações, pragas) (ELLIS, 1999).

Com isso, um meio de vida sustentável compreende aqueles que têm a capacidade de: enfrentar e se recuperar de estresses e choques; manter ou melhorar suas capacidades e ativos; fornecer oportunidades de subsistência sustentáveis para a próxima geração; e que contribui com benefícios líquidos para outros meios de subsistência a nível local e global e a curto e longo prazo (CHAMBERS & CONWAY, 1992).

Para esses autores, a sustentabilidade dos meios de vida pode ser visto tanto pela perspectiva ambiental como social, segundo Perondi e Schneider (2012). A primeira avalia os impactos de um meio de vida sobre outro meio de vida e a segunda avalia a capacidade interna de um meio de vida resistir à pressão de uma crise. Abaixo, mostra-se um esquema interpretativo sobre os meios de vida que foi traduzido por Perondi (2007) com base em Scoones (1998).

Figura 1: Meios de vida rural sustentável: um diagrama de análise.



Fonte: Scoones (1998) apud Perondi 2007.

O diagrama evidencia as interações que ocorrem entre os elementos do sistema. Perondi (2007) explica que a coluna A representa os elementos causadores de vulnerabilidade. Na coluna B estão os capitais (recursos) que as pessoas podem (ou deveriam) acessar. Na coluna C, estão as instituições que regulam a aquisição dos acessos. Na coluna D, estão as estratégias de meios de vida das pessoas. A coluna E, apresentam-se alguns resultados alcançados e os recursos sociais: maior empregabilidade; redução da pobreza, melhoria do bem estar e das capacidades; menor vulnerabilidade; maior conservação dos recursos naturais. Nessa coluna estão listados os indicadores tanto sociais quanto ambientais para representar a concepção do Scoones (1998) sobre meio de vida sustentável (PERONDI, 2007).

Com base nesses pressupostos, as pessoas são levadas a diversificarem seus investimentos, ora para maximizar os seus retornos, ora para reduzir os riscos da atividade (SITOE, 2011). Desse modo, um portfólio diversificado de atividades contribui para a sustentabilidade de uma vida rural, devido à sua resiliência, diante de adversidades ou choques (tragédias naturais¹⁵) repentinos. A este respeito, os impactos positivos da diversificação incluem superar os efeitos de sazonalidade, os riscos, a renda, a inserção da

¹⁵ Mas não somente. A crise nas multinacionais ou a dependência em um único produto de mercado também são fatores de choque. Pensando assim, questiona-se o atual caminho que a produção do açaí está sendo configurada. Se ocorrer alguma interferência na demanda pelo fruto, ou um desequilíbrio ambiental, o principal afetado será as comunidades ribeirinhas que produzem o açaí.

mulher nas atividades e benefícios ambientais (ELLIS, 1999). Vale ressaltar que não existe um padrão homogêneo de estratégias de meios de vida, cada qual age com base em suas particularidades, sejam elas sociais, políticas, ambientais, territoriais.

Ellis (1999), também defende a ideia da diversificação no meio rural, como um mecanismo de redução da pobreza. Para ele, a diversificação dos meios de subsistência rural compreende o processo pelo qual as famílias constroem uma gama de atividades e capacidades para garantir sua sobrevivência e ao mesmo tempo para melhorar seu padrão de vida.

De acordo com as abordagens, considerou-se que as perspectivas de Cândido e de livelihoods são uma forma mais ampla e holística de compreender que a abordagem dos meios de vida é uma forma de olhar para as alternativas que os sujeitos rurais encontram para lidar ou se adaptar com as adversidades que surgem.

3. METODOLOGIA

3.1 O estudo de caso, os procedimentos de campo e a análise de dados

A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso definido por Godoy (1995) como o exame detalhado de um indivíduo, lugar ou situação específica. É utilizado quando o (a) pesquisador (a) procura responder “como” e “por quê” certos fenômenos acontecem. Para Triviños (1987), apesar dos resultados levantados no estudo de caso não podem ser generalizados, uma vez que a grande contribuição neste tipo de pesquisa é fornecer o conhecimento mais detalhado de uma realidade delimitada no tempo e no espaço. Contudo, a representatividade de um caso poderá encaminhar outras pesquisas.

O município aqui retratado é Igarapé-Miri, situado no estado do Pará, região norte do Brasil e que possui uma forte trajetória ligada à atividade produtiva com açaí. Em se tratando da espécie *Euterpe Oleraceae* Mart, típico da Amazônia e das áreas de várzea, é onde se encontram as comunidades ribeirinhas localizadas as margens dos rios e que são considerados os agentes mais importantes nessa atividade que dá origem ao chamado açaí de várzea ou das ilhas.

Essa pesquisa compreende a realidade de quinze ribeirinhos que estão ligados a produção e ao mercado de açaí. As comunidades visitadas estão localizadas as margens dos rios nos seguintes povoados: Rio Mamangal, Rio Igarapé-miri, Santa Maria, Rio Meruú-açu, Mamangal Grande, São Benedito, Santo Antônio Velho, Santo Antônio Médio Maiuatá. Tais locais e atores foram escolhidos com base na possibilidade de acesso até suas residências. É

interessante notar que as comunidades são muitas vezes representadas pelo rio que corre no lugar.

A pesquisa caracteriza-se como descritiva e interpretativa, de abordagem qualitativa. Para Silveira e Córdova (2009), a abordagem qualitativa se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização, de modo que seja possível explicar o porquê das coisas, mas não é possível quantificar os valores e as trocas simbólicas, pois os dados analisados não são métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. Quanto aos objetivos, o estudo descritivo é essencial quando se deseja descrever um fato ou fenômeno de uma dada realidade e não precisa se ater a mera exposição dos dados, mas também interpretar a natureza ou o motivo que ocasionou determinada situação (TRIVIÑOS, 1987).

Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, aplicadas durante os meses de agosto e setembro de 2018 e que foram baseadas em perguntas abertas previamente elaboradas (Apêndice 01), baseadas em onze categorias analíticas. Para manter a identidade preservada dos sujeitos da pesquisa, utilizou em suas identificações a simbologia Ex, onde “E” significado entrevistado (a) e “x” a ordem da entrevista, que variou de 1 a 15, que é o número total de pessoas entrevistadas.

A fonte principal de informações nesta pesquisa é com base nas fontes orais e imagens que foram coletadas em campo. Em relação às fontes orais elas representam as experiências dos sujeitos envolvidos que serviu de base para a reconstrução das mudanças ao longo do tempo no que concerne a vida nas várzeas. As entrevistas foram gravadas o áudio e em seguida realizou-se a coleta de material visual, como fotografias, sob a autorização dos entrevistados. Posteriormente, os dados foram transcritos integralmente e como técnica de organização e análise, utilizou-se a “análise de conteúdo” de Bardin (1977), realizada em três fases:

- 1) Análise geral do conteúdo levantado em campo (pré-análise): transcrição das entrevistas e leitura geral.
- 2) Aprofundamento na exploração do material: todos os depoimentos foram agrupados a partir das categorias estabelecidas conforme o roteiro de entrevista e confirmado na pré-análise do material obtido.

- 3) Interpretação dos dados: A análise foi realizada a partir de uma triangulação entre os conceitos abordados na revisão bibliográfica, a observação da pesquisadora e a análise de conteúdo das entrevistas.

Dessa forma, este capítulo centra-se em torno da temática sobre a utilização do açaí como principal fonte de renda de moradores das várzeas, de modo que as transformações no mercado do fruto implicaram em mudanças na forma de viver nas várzeas. Nesse sentido, as práticas e experiências dos atores, realçam o modo de organização de um espaço e as dinâmicas sociais que estão em constante dinamicidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há nesse trabalho um esforço de compreender como as mudanças na economia do açaí têm definido as estratégias de reprodução social dos ribeirinhos. Assume-se que o meio em que os ribeirinhos vivem é lugar de relações sociais, que são construídas, produzidas, reproduzidas e redefinidas conforme seu espaço singular de vida. Esse espaço é construído por seus habitantes em função da convivência social estabelecida nos laços de parentesco e de vizinhança, a partir da vida cotidiana e dos ritmos dos acontecimentos que determinam o ciclo da vida. Contudo, tais coletividades não são isoladas, mas integradas aos espaços sociais mais amplos, por meio das complexas relações associadas ao mercado e à vida urbana.

É importante destacar que o ambiente onde os ribeirinhos vivem é, de fato, singular na sua categorização. Castro (2000), mostra que a reprodução do grupo associada à produção para o auto sustento é garantida por uma variedade de práticas que correspondem a adaptação dos ribeirinhos ao meio no qual vivem. Como destaca Cândido (1971, p.24), “esse modo de produção não deve ser considerado apenas como reprodução da existência física dos indivíduos, ele já é uma espécie determinada de atividades destes indivíduos, uma determinada maneira de manifestar sua vida, uma determinada *maneira de viver* destes indivíduos”.

De acordo com Hebink e Lend (2007), a construção de meios de vida são as formas que as pessoas encontram de recorrer a uma gama de recursos e combiná-los em um todo coerente, a fim de ganhar a vida. O meio de vida é, com muita frequência, equiparado apenas a ter um emprego ou a trabalhar, e é retratado como constituído por portfólios de recursos e atividades geradoras de renda. Porém, para estes autores, os meios de subsistência englobam variados repertórios culturais das pessoas e que não devem ser ignorados. Elementos como

estilo de vida e escolhas de valor, status, senso de identidade em relação a outros atores e formas locais de organização.

Assim, esse segmento de análise, busca demonstrar que a reprodução dos ribeirinhos sofreu e sofre constantemente mudanças e adaptações frente a novas condições sociais que estão inseridos. Por isso, para compreender a vida ribeirinha a partir das mudanças na demanda por açaí, foram definidas duas categoria de análise, o meio de vida social e ambiental. Cada categoria é formada por outras subcategorias que foram definidas com base nas entrevistas de campo.

4.1 Meios de Vida Social

4.1.1 Mudanças na forma de habitar: as casas e o acesso a bens de consumo

Esse debate busca destacar que os moradores das áreas de várzea da região Amazônica acumularam um conhecimento acerca da construção das casas baseado em um processo histórico de aprendizagem. No estudo de Alencar e Souza (2016), as pesquisadoras afirmam que o conjunto de conhecimentos e práticas que as populações ribeirinhas possuem a respeito dos modos de habitar a várzea amazônica, é resultado da interação com o ambiente, que orienta desde a escolha do local para instalar a habitação, até as técnicas e materiais para a construção. Em função da dinâmica do ambiente, as casas são normalmente construídas de madeira, material mais leve, e em palafitas¹⁶, como uma forma de prevenção, para que a casa não seja inundada no período de cheia.

Dessa forma, entende-se que a natureza se constitui como elemento definidor das relações com o ambiente de moradia, em que os ribeirinhos se baseiam em suas peculiaridades para planejar a melhor forma de habitar esse ambiente e criar lugares para realizar as atividades de subsistência para suprir suas necessidades. Com base no trabalho de campo, os entrevistados também se remetem ao tempo em que as habitações em área de várzea eram construídas com a utilização de madeira e cobertas por palhas:

Com eu disse antes, é através do açaí que a gente consegue se organizar e também é onde a gente consegue melhorar de vida. As casinhas antes era diferente, os lugares que a gente morava era muito pobre. Era de palha, miriti. A partir do momento que conseguimos comercializar o açaí, melhorou as casa, o vestir das pessoas, na educação. Então, o açaí interfere em muito na vida das pessoas (E15).

¹⁶ Sistema de construção comum em regiões alagadas, onde as casas são construídas sobre troncos e pilares acima do nível do rio para evitar a entrada da água.

Só um exemplo pra você perceber que mudou bastante por causa da melhora da renda do açaí. As casas quase não são mais de madeira, você olha a nossa aqui já é de alvenaria, é mais cara, mas o valor do açaí tá nos dando essa possibilidade. A gente tenta melhorar na estrutura da casa, móveis e embarcações (E11).

Quando se tinha o açaí só para consumo, as casas eram cobertas por palhas, você não tinha televisão, só tinha o básico mesmo. O pobre de hoje tem sua casa, ele tem seu barco (E9).

Percebe-se que o mercado de açaí proporcionou mudanças em termos estruturais das casas de várzea. A nova condição econômica dos ribeirinhos define uma posição diferente na estrutura social. A ressonância econômica chega aos cantos mais distantes, embora não atingindo a todos igualmente (Cândido, 1971). Com isso, a habitação representa as suas formas de organização estrutural, os espaços de materialização, mas também um espaço de relações, de interação social.

Os informantes da pesquisa também destacaram que as casas eram construídas de madeira retirada da própria mata, muitas vezes cobertas por palha, não havia pátio e nem móveis na sala, a cozinha era o lugar principal de integração, coabitado por adultos, crianças, jovens. Os quartos eram divididos no máximo em dois, um para os pais e o segundo reservado aos filhos ou ainda a sala se transformava em quarto, fazendo uso das redes e não das camas. O banheiro estava localizado fora da casa, em meio à natureza, não possuía vaso sanitário e nem água encanada.

A gente comprou mais um freezer, ventilador, cada filho tem um quarto, antes era só um. A gente quer mudar tudo, não queremos mais de madeira. Temos três televisões, uma no quarto, na sala e uma na cozinha (E9).

Em 2005 começou a construir a outra casa e já era uma vontade nossa ter uma casa de alvenaria. Porque a madeira estraga né e alvenaria não (E8).

Temos bomba, que enche da água do rio e vai para o banheiro. Também mudamos o banheiro para dentro de casa, não tínhamos vaso, agora tem (E13).

Na casa tradicional havia pouca utilização de móveis como sofá, mesas ou cadeiras. Contudo, camas, armários, cômodas, aparelhos eletrônicos e eletrodomésticos, fazem parte do cotidiano atual dos ribeirinhos, em que pode se observar a modernidade nas várzeas através das antenas parabólicas, no acesso à internet e até mesmo a utilização de objetos destinados à manutenção da saúde, como aparelhos de academia.

Assim, juntamente com a modernidade e o acesso a um modelo de vida mais urbanizado, as casas tradicionais estão passando por um amplo processo de transformação.

Essas mudanças podem ser observadas na divisão dos cômodos, uso de varandas, instalação de banheiros internos e criação de jardins em frente às casas.

Os novos modelos arquitetônicos de construção de casas são um exemplo concreto de mudança proveniente da melhoria da renda dos ribeirinhos. Transforma-se o uso dos espaços domésticos. Raposo (1998) traz uma discussão semelhante de transformação da habitação rural em Portugal por meio da apropriação dos modelos urbanos. As casas de tipo urbano aparecem em Alte (aldeia do interior algarvio, Portugal) e se contrapõe as casas rurais. A gestão de novos tipos habitacionais é fruto do desenvolvimento de trocas comerciais com o exterior e o aumento da profissionalização, que faz surgir uma pequena burguesia rural receptiva a incorporação de práticas e referências urbanas no seu modo de vida e na sua habitação, a qual a autora chama de *casa urbana* que se distingue do modelo rural por possuir maior riqueza, afirmação social, modernidade e conforto (RAPOSO, 1998).

Para Hebink (2007) a adoção de novas arquiteturas, mais modernas e semelhantes às casas da cidade indica que ao ter acesso a melhores condições financeiras, aumenta-se o investimento das pessoas na moradia, em equipamentos elétricos, nos próprios meios de transporte. Consequentemente, para Cândido (1997), a penetração da urbanização em áreas rurais, gera necessidades de consumo nas pessoas que os ligam a um ritmo de economia mais intensa e dinâmica, em contraste com a economia particular.

No caso das várzeas de Igarapé-miri, essa presença do urbano no mundo rural é uma demonstração de que os ribeirinhos estão utilizando a melhora do poder aquisitivo para compra de bens materiais que pode ser observado em suas casas e barcos. O desenvolvimento de moradias mais modernas é representado pelos ribeirinhos como uma mudança positiva, que trouxe conforto e a possibilidade de acesso a bens de consumo. Pela visão dos informantes, o investimento em suas moradias é uma forma de melhoria da qualidade de vida nas várzeas. As casas observadas não podem ser vistas apenas como estruturas utilitaristas, mas como um projeto de vida a ser consumado, como um exame da organização do espaço privado.

4.1.2 O aumento da Violência

Acostumados com a calma das comunidades às margens dos rios, os ribeirinhos entrevistados disseram considerar suas comunidades, de forma geral, seguras. Contudo, conhecem pessoas próximas que já foram vítimas de algum ato criminoso. Parte dessa violência é relacionada pelos ribeirinhos como uma consequência da valorização do açaí, uma vez que tem aumentando o volume de dinheiro circulando pelos rios e portos. O entrevistado

E7, relembra que em 2017 *“um rapaz de 16 anos foi correr de um assalto, ele era trabalhador do barco, estava entregando o açaí no porto e foi assassinado. Lá não tem policial, por isso são poucas as pessoas hoje que usam dinheiro no barco. A partir de alguns assaltos, os caras (assaltantes) sabem quando alguém sai para comprar açaí, o barco tá com 7 a 11 mil reais”*.

A valorização do açaí traz alterações na rotina nos rios, quando os ribeirinhos passam a adotar novos horários de deslocamento para a cidade, de forma a evitar o ataque dos “piratas d’água” dos rios, por exemplo. Por isso, adotam algumas estratégias de segurança. Muitos dos atores entrevistados relataram que o índice de crimes aumentou consideravelmente, isso porque, no dia da venda de açaí no porto, muitas pessoas ficam sondando o local por saber que as pessoas terão dinheiro.

Com isso, o acesso ao mercado do açaí tem gerado maior circulação de dinheiro entre as comunidades, os rios e portos e tem atraído atos criminosos. Trouxe benefícios em termos de acesso a bens que antes não compunham as várzeas, a melhoria na estrutura das casas, o poder de compra. Mas, também tem atraído maior vulnerabilidade quanto à segurança:

Aqui hoje tá meio violento, ainda não é igual na cidade, mas já tá ficando complicado porque eles sabem que têm dinheiro por causa do açaí. Antigamente, os piratas roubavam a embarcação. Hoje não, eles já vêm pelo dinheiro. Mês passado assaltaram meu cunhado e levaram doze mil, ele tava no rio e ia pegar o açaí (E9).

Os interiores que eram representados como lugar tranquilo e pacífico, começa a se tornar um lugar propício à violência. Isto gera insegurança aos moradores das várzeas. A violência, pela visão de Rocha (1996, p. 10) é considerada como uma força que transgride os limites dos seres humanos, tanto na sua realidade física e psíquica, quanto no campo de suas realizações sociais, éticas, estéticas, políticas e religiosas. Em outras palavras, a violência, sob todas as suas formas, desrespeita os direitos fundamentais do ser humano, como a liberdade.

Há, portanto, um tipo de violência que colabora para a estruturação do sujeito e da sociedade. Ela faz parte do processo de adaptação à vida, ao bem-estar. Então, a segurança passa a ser um fator de mudança na vida ribeirinha, em que começa a utilizar estratégias para evitar assaltos, como relatado: evitar está sozinho quando vão ao porto vender açaí, colocar o dinheiro em local seguro, algumas casas já possuem grades e até adoção de câmeras de segurança em estabelecimentos comerciais.

Os indivíduos vivenciam atualmente momentos de tensão, de insegurança e um sentimento de vulnerabilidade diante da violência, que amedronta e afugenta a vida. Por isso,

as pessoas procuram se proteger tornando-se prisioneiros nas próprias residências. Para Chambers (1995), a renda é importante, mas também outros aspectos do bem-estar e da qualidade de vida - saúde, segurança, respeito próprio, justiça, acesso a bens e serviços, vida familiar e social, cerimônias e celebrações, diversão, experiência espiritual. Se desenvolvimento significa boa mudança, é muito mais do que crescimento econômico e renda, são também estes e muitos outros aspectos que garantem uma qualidade de vida.

Esse episódio de instabilidade de segurança dos ribeirinhos se distancia da perspectiva de Chambers (1995), que considera que para um meio de vida ser sustentável precisa da gestão de recursos naturais, redistribuição dos recursos, boa saúde e redes de segurança para as pessoas. O autor ainda coloca que a restrição a esses meios significa a falta do que é necessário para o bem-estar. Por isso, que os meios pelas quais as pessoas garantem sua reprodução não se limitam as dimensões apenas físicas, mas também, sociais, simbólicas, econômicas, políticas, psicológicas, espirituais.

Portanto, o acesso aos capitais precisa de uma relação de equilíbrio. Neste caso, o capital econômico, afetou positivamente a vida dos ribeirinhos no sentido de geração de renda. Mas, também, os tornou mais vulneráveis devido ao aumento de circulação de dinheiro, além da baixa estrutura do município para conter esse tipo de situação.

Quando questionados sobre as medidas de segurança pelo Prefeito, disseram não haver. Nos portos, que são perigosos, não há nenhum tipo de policiamento ou instrumentos de segurança, como câmeras. A estrada não tem asfalto e existem várias estradas vicinais que facilitam a fuga de assaltantes. Então, hoje, a todo o momento é necessário ficar em alerta devido aos perigos de assalto. Dessa forma, entende-se que a vida mais pacata e que não despertava tanto interesse dos cidadãos, agora é alvo de ataques de violência, por saber que, principalmente no período da safra, há dinheiro pelos rios.

A formação do mercado de açaí, portanto, impacta em vários sentidos a vida social. Tem-se agora uma necessidade de proteção do território no sentido de garantir a segurança dos ribeirinhos. Neste processo, a ruptura da liberdade dos ribeirinhos escapa totalmente do controle dos mesmos e ascende a necessidade de adotar mecanismo de proteção. Os ribeirinhos passam a sofrer o ônus do mercado de açaí

4.1.3 Os meios de transporte

O principal meio de transporte dos ribeirinhos é o barco e ocorreram também mudanças nos modelos de embarcações. Os barcos mais antigos navegavam manualmente e hoje pouco se encontram circulando pelos rios. Os barcos atuais são movidos a motor, com utilização de diesel. Essas embarcações são mais rápidas, facilitam a locomoção e otimizam o tempo gasto para chegar aos seus destinos.

A melhoria nesse segmento de transporte tem um impacto potencialmente importante nas economias, melhorando o funcionamento dos mercados, acelerando o fluxo de informações e aumentando a mobilidade de pessoas, recursos e produtos. O E1 lembra que em tempos passado, em sua comunidade (Rio Mamangau Grande), havia apenas três embarcações, de motor pequeno, de um total de 172 famílias e que a partir do comércio de açaí fez com que essa realidade mudasse, sendo hoje possível encontrar ribeirinhos com 2 a 3 embarcações, com motores velozes e até mesmo com lancha para irem trabalhar.

Esse fato traz um novo elemento fundamental na constituição da vida ribeirinha. Muito embora o nível da maré seja determinante para a locomoção pelos rios, a velocidade passa a ser uma necessidade. Nesse sentido, Anthony Guiddens (1991) sistematiza alguns elementos que são característicos do dinamismo da modernidade, como a separação do tempo x espaço. O advento da modernidade separa o espaço do tempo aproximando relações entre indivíduos localmente distantes.

Mas além da questão da velocidade, o fato de ter aumentado a possibilidade de adquirir o próprio barco foi fator marcante e de muito orgulho entre os atores pesquisados nesse trabalho. Isso porque ir até a cidade era um problema devido estar dependente do horário de viagem dos barqueiros. O fortalecimento da renda advinda do açaí materializou-se sobre a mobilidade dos ribeirinhos, torna-os mais independentes, integrados ao espaço rural com o urbano e o próprio rural com o rural.

Todas as 15 pessoas entrevistadas possuem pelo menos um barco e outras até mais. Para eles trata-se de uma conquista de melhoria de vida que proveio do lucro do açaí. Portanto, o acesso a melhores barcos é um ativo que se mostra como resultante do processo de produção econômica do açaí. Desta forma, a inserção do ribeirinho no mercado de açaí, de um ponto de vista sistêmico, constitui como uma estratégia de acesso a meios de locomoção.

4.1.4 Diversificação da renda: Pluriatividade

A reprodução familiar dos ribeirinhos de Igarapé-Miri é, essencialmente, garantida pela renda do açaí. O comércio local é revigorado com a maior circulação do dinheiro

proveniente da comercialização dos frutos, o que permite maior consumo. Já no período da entressafra, a produção do açaí não é totalmente nula, mas diminui a ponto de comprometer a garantia da necessidade dos ribeirinhos. Nesse período alguns se dedicam à extração do palmito que ocorre em paralelo à limpeza dos açais, ou seja, o manejo para preparar a área para a próxima safra. Ocorre que os ribeirinhos aprenderam a se planejar para o período da entressafra, que dura cerca de sete meses. O entrevistado E1 argumenta sobre esse processo:

A gente depende totalmente da nossa produção. Eu sei que se chegar janeiro e eu não tiver dinheiro, sei que posso comprar e pagar em agosto, porque eu vou ter dinheiro. Nós temos 7 meses de vaca magra (entressafra) e 5 de vaca gorda (safra) mas hoje a gente já consegue não ficar devendo tanto. Mas veja só, trabalhamos 5 meses para se sustentar por 12. Por isso que tem dois anos que a gente também parou de trabalhar só com açaí, hoje utilizamos outras frutas da nossa área e vendemos a polpa e é alimento também né?.

Esta fala é muito importante para compreender como as questões locais estão sendo interpretados pelo próprio nativo. A Sazonalidade provoca picos e depressões e cria insegurança devido aos fluxos de renda agrícola desigual incompatível com a necessidade de consumo. Nessa situação a diversificação produtiva e de renda pode contribuir para reduzir riscos adversos. Esse ponto leva também à redução de inseguranças quando as atividades adotadas confrontam diferentes perfis de riscos.

Para Perondi e Schneider (2012), os indivíduos que se atêm a uma única atividade limita o estabelecimento das rendas e os efeitos adversos dos mercados são sentidos em maior proporção, uma vez que os pluriativos contam com outras fontes de rendas além das atividades comuns da agricultura. Portanto, quando há um portfólio diversificado de atividades, a contribuição para a sustentabilidade de uma vida rural mais resiliente, diante de adversidades ou choques repentinos, é maior.

Nas áreas rurais, o processo de diversificação pode representar uma alternativa viável para a saída de situações de vulnerabilidade, de risco ou crise, quando os determinantes para que isso aconteça são variados e podem estar relacionados a aspectos edafoclimáticos (solo e clima) ou socioeconômicos que se manifestam através da sazonalidade de uma produção, das migrações que geram o abandono da área produtiva, dos efeitos do mercado. Assim, a diversificação pode ser entendida tanto como uma estratégia de reação a uma situação adversa, como também uma estratégia de adaptação ou escolha, que ocorre quando há a busca por novas alternativas ou novos investimentos (PERONDI & SCHNEIDER, 2012).

No entendimento de Schneider (2009), a pluriatividade é o desenvolvimento de atividades mercantis que não são exclusivamente agropecuárias e assim, tende a se desenvolver como uma característica ou estratégias sociais dos núcleos familiares rurais (ou

individuais) que passam a diversificar suas fontes de renda. A pluriatividade é a expansão das oportunidades de acesso a diferentes fontes de renda, podem estar relacionados a uma estratégia de sobrevivência ou mesmo o desejo de acumulação de capital (PERONI & SCHNEIDER, 2012). Ellis (2000) aponta, neste sentido, que a diversificação das estratégias adotadas, é uma forma de reduzir a pobreza e as vulnerabilidades enfrentadas das famílias, e elevar as suas rendas.

No caso dos ribeirinhos aqui apresentados, ao focarem na produção de açaí como principal fonte de renda, sofrem com a sazonalidade, e isso exige definir novas estratégias de geração de renda. Com isso, emerge a capacidade que os indivíduos possuem em diversificarem o seu meio de vida, cria novos processos sociais e econômicos. Sendo, assim, uma forma de construção de oportunidades para que as famílias garantam sua reprodução social. Em campo, algumas estratégias de diversificação estão sendo adotadas por conta da sazonalidade do fruto. Porém, nem todas essas estratégias estão ligadas a atividades agrícolas.

Há, portanto, como já citado anteriormente, atividades como a piscicultura, que ainda está em fase de experimentação, mas demonstra que o ribeirinho já está buscando alternativas, através do desenvolvimento de outras atividades, para suprir o período que o açaí está escasso.

Notou-se também, que as atividades de diversificação não estão restritas a práticas agrícolas. Três dos entrevistados atuam em outras áreas: comércio, sorveteria e venda de cosméticos. Em relação ao comércio, o entrevistado E10 já possuía experiência, pois saiu de sua comunidade aos 16 anos de idade e foi morar na cidade de Belém, onde trabalhou em algumas empresas e depois abriu sua própria loja de materiais de construção. Tempos depois decidiu retornar a sua origem. Segundo ele, “eu sou produtor de açaí, eu sou produtor e voltei pra cá por conta de açaí”. Além do trabalho com açaí, decidiu abrir um comércio de produtos diversificados, entre eles a venda de bebidas, alimentos, gasolina e materiais de construção.

O casal entrevistado E11, são dois jovens que trabalham com o açaí, mas atualmente eles possuem uma pequena empresa de fabricação de sorvete. Investiram, buscaram aprender sobre a atividade e compraram os equipamentos necessários, tudo foi adquirido inicialmente com a renda oriunda do açaí. Com o sucesso das vendas, aumentaram a produção e hoje estão abrindo uma sorveteria ao lado da casa, são convidados a participarem de eventos com seus produtos e, além disso, já tem alguns revendedores que repassam o sorvete para as comunidades. Nesse caso específico, notou-se que há uma intensa organização quanto aos

negócios desenvolvidos pelo casal, uma vez que a renda do açaí e do sorvete não se mistura, são dois caixas diferentes para cada atividade.

Quanto ao último caso, um entrevistado disse utilizar a venda de cosméticos para complementar a renda com a venda de produtos da AVON, NATURA. Muitos produtos já ficam organizados em sua casa, prontos à venda. Esta atividade é secundária na composição da renda.

Ellis (2000) sugere que a diversificação dos meios de vida seja uma contribuição decisiva ao desenvolvimento rural em vários níveis. Primeiro, porque ocorre melhor a distribuição de renda e segundo, tem-se maior segurança devido a instabilidade do mercado, da variação constante de preços e dos próprios fatores naturais.

Sendo assim, a diversificação da renda se estabelece como uma alternativa capaz de proporcionar meios para elevar o potencial econômico de áreas rurais. No caso da pluriatividade, a conciliação do trabalho agrícola com outra atividade tem engendrado novos sentidos ao trabalho para os ribeirinhos, relacionando com a capacidade de investimento em outras atividades, a busca por conhecimento em outras áreas, autonomia de renda, entre outros.

Deste modo, a diversificação agrícola atua como fonte propulsora de melhores possibilidades de composição da renda familiar, maior diversificação de mercados em que não fica dependente apenas de um produto. No entanto, nesta pesquisa, apenas casos pontuais foram identificados como uma iniciativa de diversificação de renda. Entende-se que o mercado de açaí ainda está condicionando a renda dos ribeirinhos e por isso, a diversificação se torna uma prática emergente.

4.2 Meios de Vida Ambientais

4.2.1 As mudanças na paisagem e no habitat

O surgimento do mercado do açaí favoreceu tanto a expansão de cultivos, quanto a possibilidade de riscos ecológicos, isto porque aumentou as pressões sobre os ecossistemas, provenientes da intensificação do uso da terra, pela elevada produtividade. A alteração do ritmo de trabalho nas unidades produtivas provoca alterações sensíveis nos recursos naturais e interferem no equilíbrio ecológico do meio.

Assim, mesmo que a atividade de produção de açaí seja vista por muitos como uma alternativa sustentável, devido à diminuição do desmatamento para a produção do palmito, porém há, também, o desafio de conciliar os saberes e as práticas ancestrais, de forma que se

encontre o equilíbrio necessário para garantir o futuro da população ribeirinha e do ecossistema de várzea.

Através desse aumento na demanda pelo fruto, Brondizio (2008) destaca que o açaí tornou-se a principal fonte de renda para a maioria das famílias ribeirinhas, em virtude da sua importância na geração de renda que nenhuma outra cultura fornece atualmente. Este fato incentiva a intensificação do manejo para uma maior densidade de palmeiras do açaí na várzea. Enquanto isso, outras espécies de árvores são eliminadas aos poucos para dar lugar a maior produção do fruto (CIALDELLA & ALVES, 2014).

Para a história ambiental ou ecológica, as práticas produtivas e reprodutivas de grupos sociais ou sociedades se conformam e definem-se através da manipulação dos ecossistemas naturais. Todos os processos produtivos e reprodutivos significam a apropriação de um ou vários ecossistemas naturais, que podem ter sua estrutura e funcionamento alterados, quando tem um intenso uso ou podem ser mantidos por muito tempo pelo fato das alterações serem mínimas (MOURÃO, 2010).

Dessa forma, o crescente interesse pelo fruto de açaí estimula cada vez a intervenção humana na composição florística das áreas inundáveis. O meio artificial elaborado pela cultura capitalista fragiliza as afinidades entre o homem e o natural. Em consequência, esses palmeirais passam a dominar a paisagem, manifestando formalmente a crescente importância desse recurso (MARINHO, 2011). Nesse contexto, observa-se que a emergência da economia do açaí contribui para estabelecer importantes mudanças nas relações ecológicas ao longo dos rios e florestas das várzeas de Igarapé-miri.

A expansão do mercado é acompanhada pela redução da biodiversidade e aumento do manejo usado para controlar o processo de produção (rendimentos, períodos de colheita). Dessa forma, mesmo que os ribeirinhos reconheçam que a proteção dos recursos naturais implica na própria sobrevivência, há a tendência de otimizá-los. Por isso, a açaiização (área composta apenas de açaí) da paisagem modifica o ambiente de várzea. Assim, as principais alterações observadas e relatadas pelos entrevistados, são:

- Homogeneização da paisagem: a homogeneização é caracterizada pelo processo de monocultivo de açaí. Embora em algumas áreas ainda seja possível encontrar diferentes espécies vegetais, as mesmas não possuem valores econômicos, apenas de uso e por isso, restringe-se a preservação de poucas árvores próxima a casa, que seja de fácil acesso para o consumo próprio. Além disso, a prática de eliminação de plantas de baixo valor no período de manejo (no final da safra) resulta em diminuição da diversidade florística da área. Este fato pode ser percebido na fala de um ator da pesquisa:

Antes a gente comercializava sementes de andiroba. Tinha também a cana, a seringa (que era da época dos meus pais) e era extrativismo mesmo. Hoje o trabalho é mais intensivo, não ligam para a preservação. O povo daquela época não tinha estudo, mas prestava muita atenção (E15).

Açaí para mim é tudo aqui, né? eu vivo do açaí, o que eu tenho é por conta do açaí. Não trabalho com outra coisa que não seja o açaí (E6).

Nós plantamos outras coisas, o coco, o limão, mas o que tem importância mesmo é o açaí, é o nosso carro chefe (E12).

Dada essa importância ao fruto de açaí, a paisagem torna-se homogênea, uma “floresta” de açaí, com plantio comercial e não uma floresta em si, diversificada. Dessa forma, entendendo que Ellis (2000) considera diversificação tanto no sentido das rendas e receitas e, também as diversificações das atividades e ocupações, como uma estratégia de meios de vida, pois resulta na ampliação de produtos comercializáveis, compreende-se que na região de Igarapé-Miri está ocorrendo uma forte tendência de concentração da renda baseada em uma atividade, a produção de açaí. Portanto, nesse quesito, revelou-se que uma totalidade dos entrevistados afirmou está condicionando sua reprodução baseado em um gênero agrícola.

Com isso, há uma situação de vulnerabilidade nas várzeas porque o rendimento dos ribeirinhos ainda está sujeita a um produto. Mas, entende-se também, que diversificar as fontes de renda demanda dos indivíduos certos atributos que lhes permitam optar e decidir diante de um conjunto de oportunidades. No caso aqui estudado, os informantes disseram ser a produção do açaí a melhor alternativa de trabalho para a região, dada as condições naturais que estão inseridos e a atual conjuntura do mercado.

- Erosão do solo: o adensamento¹⁷ de açazeiros é uma prática típica dos plantios comerciais em que prevalece a monocultura. Com objetivo de tornar a área mais produtiva aumenta-se a quantidade de planta por área e, para isso, no caso específico de área de várzea onde o açaí ocorre de forma espontânea, passa a ser plantada a espécie, mesmo que seja nativo, é uma prática nova para os ribeirinhos que pode ser constatada no depoimento de um entrevistado:

Açaí ainda não tinha nessa área, era mata nisso tudinho, eu limpei. Uma parte eu plantei, onde não tinha açaí, planto em espaçamento de 3 em 3 metros, 2 a 2 metros, vai variando. E também tirei outras espécies, como virola, miriti, era mais madeira fraca, e onde tem madeira forte, na parte mais firme, eu não desmatei (E10).

¹⁷ Adensamento é a prática de diminuir o espaço entre as plantas para aumentar a quantidade de planta por área.

Todas estas intervenções produziram alterações no equilíbrio dos sistemas agrícolas e provocaram transformações das paisagens, afetando direta ou indiretamente as condições de vida destes grupos sociais (Cary, 1997, p.61). Encontra-se açaí em abundância nas várzeas de Igarapé-Miri e diminui uma espécie comum dessas áreas, a aninga, que tem um importante papel na absorção de minerais do solo, evita erosão e serve de refúgio para a desova e reprodução de peixes (FERREIRA, 2013).

Além disso, um problema altamente preocupante para quem vende e consome o açaí é a conhecida doença de Chagas. Segundo Tagore (2017), a maior incidência do vetor (protozoário *Trypanosoma cruzi*) responsável pela doença de chagas, está relacionada com a homogeneização da paisagem, que desequilibra o meio e elimina espécies que são predadores naturais do inseto (o barbeiro) que transmite a doença e, portanto, aumenta a população desse vetor e a disseminação da doença. Nesse sentido, é possível que exista uma correlação entre o aumento da doença de chagas com a diminuição da diversificação de espécies vegetais.

Outra espécie muito comum nessas áreas é o Miriti, que também pode ser utilizado na alimentação, mas vem sendo retirada. Esse fato evidencia que o processo de escolha da composição florística da área se faz por meio da preferência de espécies economicamente mais rentáveis, em detrimento das que ainda não alcançaram essa importância. Abaixo, observa-se uma lista (Quadro 1), desenvolvida com base na percepção dos entrevistados, a respeito das espécies animais e vegetais que hoje são dificilmente encontrados.

Quadro 1: Percepção de desaparecimento de espécies vegetais e animais.

Espécies Vegetais	Espécies Animais
Virola	Veado
Andiroba	Cutia
Miriti	Macaco
Muru-muru	Porco do Mato
Plantas Medicinais	Peixes

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados de Campo, 2018.

Como consequência dessa realidade, ocorre o processo de diminuição da diversificação de espécies, que pode ocasionar em médio e longo prazo riscos socioambientais que ameaçam a sustentabilidade do ecossistema de várzea, bem como a produção e produtividade dos açaizeiros. Para além, associa-se também ao desenvolvimento de práticas

alimentares com um elevado grau de adaptação ao ambiente, construídas pelas famílias locais ao longo do tempo.

Os entrevistados relatam a diminuição na quantidade de animais de caça em áreas de várzea, consequência da eliminação de espécies nativas e aumento da plantação de açaí.

Os animais quase todos desapareceram, cutia, veado, porco do mato, para você ver como isso é difícil. Acho que é por causa das áreas degradadas né? Aqui eu não mexo na mata, mas no terreno de trás, não tem mais nada. Não sei o que essas pessoas têm na cabeça. Aí quer dizer o quê? que não tem mais onde esses animais se abrigarem (E7).

A fauna não é a mesma, a gente já sente a falta de muitos animais. Porque os animais das matas, como macacos, paca, cutia, veado e outros, sumiram. Antes a gente via facilmente, a gente só andava um pouquinho na mata e já achava. Mas como vão desmatando, algumas espécies já não têm como viver (E9).

A modificação do habitat natural desses animais acaba contribuindo para o desaparecimento de determinadas espécies e como consequência a caça é extinta. Cândido (1971) argumenta que a caça para as sociedades primitivas despertavam sentimentos e conhecimentos múltiplos de religião e da magia, diferentemente da caça esportiva que é baseada no gosto pelo perigo e pela perseguição aos animais. Assim, à medida que se transforma as fontes de abastecimentos, “o que era básico se torna acessório, o acessório se torna básico, e vemos um meio de subsistência tornar-se atividade lúdica” (CÂNDIDO, 1971, p.30).

Dessa forma, o problema da caça pode ser analisado tanto pela questão ambiental, devido à modificação do habitat natural desses animais, quanto pela questão alimentar que modifica as fontes de abastecimento dos ribeirinhos. É exatamente nesse ponto que inicia alguns problemas, às vezes invisíveis aos olhos de economistas conservadores. Inicialmente, ocorre a quebra de governança de territórios, onde os fatores econômicos começam a girar somente em torno da ideia de oferta e demanda. Existe um arsenal de fatores ligados à alimentação, sociabilidade, gestão dos recursos e valorização da cultura alimentar. Infelizmente estas questões mais micro são consideradas apenas pela ótica de exploração de um recurso na busca do lucro pelo lucro, não aprofundando o olhar sobre o sujeito.

Então, atualmente, o manejo dos açaizais abrange diferentes atividades que podem ser mais intensivas e modificar a paisagem local, com foco na eliminação de outras espécies, objetivando a predominância ou exclusividade dos açaizeiros e colocando em risco o ambiente onde se encontram, englobando a erosão e assoreamento dos rios, entre outros. Mas,

alguns agricultores já perceberam que a homogeneização do cultivo de açaí pode se tornar um problema, conforme destacado na fala do entrevistado E3:

Quando a gente produz só açaí, vende só açaí. A gente vai na cidade comprar tudo que precisamos para sobreviver. Quando a gente produzia peixe, a galinha caipira e outras coisas que a gente usa, não era assim. Então é preciso diminuir esta produção para que as pessoas tenham condição de tirar boa parte do que precisam para sobreviver. Isso nos tornou individualistas demais. Viramos consumidores. Trabalhando para comprar os objetos. Uma televisão grande, um barco que corre mais. (E 3).

Ao dedicar grande parte dos seus esforços as atividades que possuem grande valor econômico, faz com que se tenha uma menor diversidade de produtiva. A prática de cultivar hortaliças, plantas medicinais e alguns animais, foi substituída pela necessidade de compra. Dessa forma a autonomia e o exercício de liberdade desses agentes podem ser questionados à medida que eles não mais controlam o meio em que estão inseridos.

Pode-se dizer, que se a produção do açaí avançar em termos de tamanho de área, é possível chegar à fase de instabilidade dos recursos naturais e provocar o aparecimento de problemas sociais, situação em que os pequenos produtores não mais conseguem produzir em razão da falta de recursos que utilizavam nas atividades de produção, tais como, o solo, as águas e as florestas, para as atividades extrativas. Quando isso acontece, ocorre o abandono dessas atividades e iniciam-se as migrações para as cidades. Assim, na maioria dos casos acontece um processo de marginalização socioeconômica que retroalimenta a exclusão social (FLEISCHFRESSER, 2006).

Chambers e Conway (1992) consideram que as atividades de subsistência, quando utilizada de forma intensiva, sem a preocupação com a resiliência, podem contribuir, de forma negativa, para a desertificação, o desmatamento, a erosão do solo, o declínio dos lençóis freáticos, a salinização e afins. A medição da sustentabilidade dos recursos naturais é para Scoones (1998), a capacidade de manter um sistema produtivo quando sujeito a forças perturbadoras, que implica em evitar o esgotamento dos recursos naturais a nível irreparáveis.

Mas, além disso, outro fator importante é rompido, a desconexão entre o homem e a natureza. Assim, o ponto de partida para o desenvolvimento de uma cidadania ambiental seria a difusão de informações e valorização das características locais, procurando manter relações mais saudáveis com o meio em que se vive. Além disso, para Chambers e Conway (1992) um meio de vida é socialmente sustentável, quando é capaz de superar estresse e choques e se recuperar para garantir meios de vida para gerações futuras. É por isso que se destaca o pensamento de um dos entrevistados: *Igarapé-Miri ostenta hoje o título de capital mundial do*

açaí. Mas a minha visão é que precisamos o quanto antes perder esse título e nos tornar a capital mundial da produção diversificada.

Nesta perspectiva analítica, em que a terra, a floresta e o rio são bens limitados, o acesso e a disponibilidade desses recursos tornam-se importantes para a sobrevivência. Assim, o capital ecológico é fundamental para os ribeirinhos, principalmente pelo ambiente que eles estão inseridos. Por isso, que o equilíbrio no uso desses bens garante insumos necessários para a reprodução social das famílias, maior autossuficiência.

4.2.2 Consumo Alimentar

A alimentação de uma população pode estar direta ou indiretamente ligada ao seu desenvolvimento econômico. Nesse contexto, é importante entender os padrões alimentares de comunidades tradicionais, bem como os fatores que influenciam o consumo de certas mercadorias em detrimento de produtos regionais. O alimento para as comunidades constitui-se tradicionalmente como um recurso vital oriundo principalmente da relação desses grupos com o meio em que vivem. Ao produzirem ou extraírem os alimentos do lugar que habitam, constroem práticas e saberes sobre e no território (PASINI; FIÚZA; SILVA, 2014).

Quando os ribeirinhos foram questionados sobre como era a alimentação, em contraponto a alimentação atual, os entrevistados fizeram alusões tanto à quantidade, quanto à facilidade na obtenção dos alimentos, principalmente no que concerne aos peixes e camarões provenientes do rio, dos igarapés. As caças também foram bastante mencionadas nas entrevistas, pois eram um dos principais componentes da dieta alimentar dessa população.

A facilidade na obtenção, a fartura existente, a quantidade e, principalmente, a acessibilidade a uma alimentação contínua foram as principais mudanças apontadas pelas famílias locais com relação ao contexto alimentar atual. A alimentação das famílias entrevistadas tem como base o açaí, contudo alguns consideram que no passado se consumia mais e melhor o fruto. Conforme aponta o entrevistado E3

Quando a gente era criança, amassava o açaí em alguidar¹⁸ e dava para as crianças comer. Quando era 10:30 h íamos apanhar (colher) mais açaí para o almoço. Tinha uma competição de deixar a colher em pé no açaí para saber se estava grosso. Mas hoje a produção está mais voltada para o comércio do que usufruir de um bom açaí (E3).

Entende-se que ao dedicar os frutos de maior qualidade para o mercado, este fato acaba influenciando na construção de uma prática alimentar, pelo meio e pelos recursos

¹⁸ Espécie de peneira onde se espremia o fruto de açaí manualmente para a retirada da polpa.

disponíveis, onde a necessidade de vender um açaí de boa qualidade está acima da necessidade de se consumir. A mercantilização do fruto incide sobre o consumo alimentar dos membros do grupo doméstico, podendo gerar vulnerabilidade social dos agricultores e, em muitos casos, a insegurança alimentar destes devido ao não preenchimento dos princípios da segurança alimentar que a produção para autoconsumo gera nas famílias (GAZOLLA & SCHNEIDER, 2006).

Durante as entrevistas, observou-se que no passado havia maior ocorrência de alimentos naturais ou de seus subprodutos, extraídos ou produzidos localmente, provenientes da floresta e dos quintais. Porém, quando comparada com a alimentação atual, essa realidade se modificou significativamente, juntamente com o espaço, em se perdeu o hábito dos quintais produtivos.

Meu pai plantava verdura, mas nós paramos com isso, agora não tem mais, só açaí mesmo e umas plantas que ficam. Eu plantava couve uma época, mas hoje não faço mais. A gente consome verduras e legumes, mas vem da feira (E8).

O povo perdeu a cultura principalmente das plantas medicinais. Antigamente todas as casas que você ia tinha canteiro de todas as plantas medicinais. Hoje não, o povo achou que como tem a renda do açaí deixou de plantar outras coisas (E5).

Assim como o Caipira de Cândido, o ribeirinho de Igarapé-Miri passa a comprar mais e, conseqüentemente, precisa vender mais. Os bens de consumo e a alimentação são quase que totalmente obtidos por meio da compra, proporcionado pelo comércio.

Com isso, iniciou a maior inclusão de produtos que não são produzidos em seus espaços e acarretou um aumento dos gastos com alimentos adquiridos nos mercados locais. A renda passa a garantir maior poder de compra dos ribeirinhos, mas também se perde a prática de produzir o próprio alimento. O ribeirinho passa a vender o açaí in natura, para comprar alimentos industrializados. Em uma visão mais convencional, o econômico é medido somente pela renda, tudo que não gera dinheiro não tem importância.

Dessa forma, a transição alimentar está ocorrendo no sentido de que a economia de subsistência está sendo substituída pela economia de mercado, ocasionando, assim, mudanças socioculturais na alimentação. Atesta-se a partir das alterações no que tange à criação de animais e o extrativismo. Anteriormente à chegada dos monocultivos, era comum a criação de pequenos animais pelas famílias, que ficavam soltos nas terras de uso comum. Hoje, devido à perda desses espaços para a produção do açaí, muitas famílias deixaram de criar. A criação solta de animais tornou-se um problema:

Tem um rapaz aqui perto que cria dois porcos e tá me dando dor de cabeça. Porque o porco fica solto e vai passando de um terreno para outro porque não temos cercas. Porco não é bem vindo no açai, ele revira a terra, faz fezes pelo terreno (E 13).

Deixa-se de criar pequenos animais, de cultivar hortaliças, plantas medicinais e outras espécies alimentícias, para dá maior importancia a cultura (açai) de valor econômico e, assim, cresce a dependencia ao mercado, uma vez que aumenta a necessidade de compra por não mais produzir. Com base na discussão, o alimento pode ser considerado um elemento explicativo da vida social em que o direito de definir seus próprios sistemas de alimentação e agricultura está ligado ao aumento do comércio, que criou significativa ameaça ao direito dos ribeirinhos à soberania alimentar.

Sobre a pesca os relatos dos moradores apontam que há, atualmente, uma escassez de peixes por causa da poluição dos rios. Mas ainda é realizada a atividade, mas em menor escala. Contudo, a prática também está sendo substituída pela criação em tanques (piscicultura). Para um dos entrevistados: *Eu sobrevivo do açai, mas também crio peixe, fiz o tanque. Eu pesco às vezes no rio, mas tem que depender de maré e aqui não tenho esse problema.* Volta-se a questão já discutida anteriormente, o afastamento do homem com o ambiente que o circunda. O ribeirinho (a) não mais depende ou deseja depender das condições naturais, do melhor horário para pescar. É mais fácil criar o próprio peixe.

Com isso, o padrão de desenvolvimento mercantilizado promove a exacerbação da especialização regional e mantém submetidas às explorações a uma dinâmica na qual o objetivo essencial passa a ser a rentabilização no uso dos fatores, à produção de commodities agrícolas, etc. (ANJOS, 2008).

Com a crescente intensificação da produção de açai e a substituição das práticas tradicionais, a subsistência não depende mais exclusivamente do meio circundante. Na atual conjuntura, a agricultura dos ribeirinhos enfrenta um cenário no qual se veem reduzidas as possibilidades de práticas de autoconsumo, particularmente no caso de unidades produtivas visitadas que se especializaram na produção de açai. Diante do reduzido grau de diversificação da matriz produtiva local, e do considerável peso de cultivos e atividades com o açai, cresce consideravelmente a dificuldade de sustentação das famílias a partir da própria produção.

5. CONCLUSÃO

O atrativo econômico que o mercado do açai sinaliza no momento tem gerado expectativa de melhoria de vida das populações ribeirinhas. Os grupos domésticos que compõem as várzeas representam uma diversidade social, econômica, cultural e de recursos

naturais que, a partir dos seus saberes, cultura e ambiente natural encontram as possibilidades de reprodução da vida, delineando meios de vida e experiências ao longo das gerações.

Pode-se perceber que o ribeirinho não está estático no tempo, embora mantenha algumas práticas tradicionais, recebe influências diversas da sociedade moderna. Sua identidade depende dos caminhos que foram percorridos, das relações sociais e de pertencimento com o território e com os demais moradores da várzea. Nesta sociedade de conflitos e contradições, a identidade ribeirinha deve ser vista como uma dinâmica constante que busca refazer e reinventar sua própria história.

Os meios de vida são desenvolvidos de acordo com a sazonalidade do ambiente. Contudo, os meios de vida são remodelados pelos sujeitos de acordo com os padrões de mercado. Nesse aspecto, a produção do fruto de açaí é um meio de vida que está ampliando (diversificando) os acessos, ativos e ganhos econômicos e sociais. Isso é positivo, mas tem suas ressalvas devido à dependência a uma única atividade que limita a diversidade de outros meios que eram desenvolvidos anteriormente, como a pesca, a criação de pequenos animais e de plantas medicinais. Portanto, enquanto para alguns ativos o acesso são mais favorecidos, como o econômico, outros são negativamente afetados, como o natural (meio ambiente) e de autonomia alimentar.

Esta vulnerabilidade da produção para o consumo das famílias ocorreu por dos motivos: primeiro, pela substituição da produção de algumas espécies vegetais, em detrimento à produção de açaí, atividade mais rentável e segundo, as melhores condições de renda dos ribeirinhos se materializa na compra de alimentos que não são produzidos na unidade familiar.

Além disso, o cultivo de açaí está provocando profundas transformações na paisagem da região de várzea do município de Igarapé-Miri, por meio da espacialização da palmeira. Esse processo expansionista pode causar, em longo prazo, grandes impactos na degradação ambiental, uma vez que os ribeirinhos estão sendo induzidos pelos mercados a compulsoriamente aumentar as áreas de cultivo comercial de açaí.

O fruto, embora seja considerado como alternativa ao desmatamento desenfreado na Amazônia têm gerado discussões controversas uma vez que a tendência de crescimento do mercado de açaí tem direcionado ao monocultivo, ao crescimento de área de produção e baixa diversificação produtiva. Há aqui o desafio de conciliar o abastecido do mercado, mas também gerar meios de vida sustentáveis, resilientes e capazes de enfrentar possíveis crises.

Mesmo porque o capital ecológico é fundamental para a reprodução social dessa população que vive à margem dos rios.

Embora os ribeirinhos reconheçam que a proteção de tais recursos implica a manutenção da própria sobrevivência, a tendência para otimizá-los em busca de maior acesso aos ativos econômicos e financeiros, poderá levar à degradação ambiental. As pressões, sobretudo econômicas e produtivas, altera a relação do homem-natureza e cria-se a necessidade de afinar a comunicação entre os meios de vida com a sustentabilidade do ambiente, não pela ideia da natureza intocável, mas pela busca por contribuições eficazes e adequadas de uso dos recursos naturais.

A diversificação da renda ainda não é uma realidade forte no município, poucos casos foram identificados em campo e mesmo estes ainda são atividades acessórias ao mercado de açaí. Por isso, é importante centrar nos ganhos sociais e na capacidade dos indivíduos para lidar com os recursos que dispõem para diversificarem suas produções, melhorar suas condições de trabalho e renda e, principalmente, não ficarem dependentes de um único produto.

Os meios de vida dos ribeirinhos se transformam à medida que se intensifica a mercantilização do açaí, partindo da perspectiva que os atores analisados têm uma relação estreita com os recursos naturais que o circundam e, dessa forma, as pressões do mercado tem o caráter de agente indutor de mudanças nas estratégias de reprodução social e sustentação das famílias. Para isso, compreende-se que o aumento na demanda por açaí traz alterações múltiplas na vida dos ribeirinhos, de cunho ambiental, cultural, econômico e social. Novas trajetórias e rotinas são demarcadas pela reconfiguração das atividades econômicas e apresentam novas relações de convívio com o espaço em que habitam.

A reflexão leva a assumir que os ativos materiais (tangíveis) são tão importantes quanto os imateriais (intangíveis). Não é possível mensurar até que ponto o acesso ao mercado de açaí rompe as formas tradicionais da vida nas várzeas e nem se está resultando em mais benefícios ou malefícios aos ribeirinhos, mas pode-se aferir, através das narrativas, a crescente possibilidade de acesso a capitais antes inatingíveis, ao mesmo tempo, a fragilidade de outros meios que eram mais consolidados.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALENCAR, E.F; SOUSA, I. S. Tradição e mudanças no modo de habitar as várzeas dos rios Solimões e Japurá, AM. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 203-232, jan/jun, 2016.

ANJOS, F.S. et al. Mercantilização da agricultura e insegurança alimentar no sul do Brasil. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Braco-Acre. 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa. Edição 70. 1977.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

Brondízio, E.S. De alimentação básica para alimentação de moda: ciclos e oportunidades de mudanças no desenvolvimento da economia do açaí no estuário Amazônico. In *As florestas produtivas nos neotrópicos. Conservação por meio do manejo sustentável?* pp. 427-57. São Paulo: Peirópolis; Brasília, DF: IEB – Instituto Internacional de Educação do Brasil. 2005.

BURG, I. C; LOVATO, P. E. agricultura familiar, agroecologia e relações de gênero. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p.1522-1528, fev. 2007.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida. São Paulo, 2ª Ed. 1971.

CARY, F.. “Paisagem e agricultura”, Paisagem, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, pp 49-65. 1997.

CASTRO, E. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: DIEGUES, Antonio Carlos. Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HUCITEC/NUPAUB, USP, 2000.

Chambers, R. and Conway, R. Sustainable rural livelihoods: Practical concepts for the 21st century. IDS Discussion Paper, No. 296. pp.127-130. 1992.

CHAMBERS, R. Poverty and livelihoods: whose reality counts?. **Environment and Urbanization**, Vol. 7, No. 1, April 1995.

CHAMBERS, R; CONWAY, G. R. Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. 2001.

CIALDELLA, N; ALVES, L. N. Agricultures familiares: trajectoires, modernité et controverses. **Revue Tiers Monde**. N° 220. 2014.

DOURADO, G. F. Meios de vida em um contexto semiárido: aspectos culturais, sociopolíticos e perceptivos da relação homem-ambiente. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa. Pós Graduação em Extensão Rural. 2015.

Ellis, F. Rural livelihood diversity in developing countries: evidence and policy implications. In: Natural Resource Perspectives. No.40, April 1999.

ELLIS, F. The Determinants of Rural Livelihood Diversification in Developing Countries. *Journal of Agricultural Economics*. 51 (2). pp. 289-302. 2000.

FERREIRA, L. dos S. G. Gênero de vida ribeirinho na Amazônia : reprodução socioespacial na região das ilhas de Abaetetuba-PA. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FLEISCHFRESSER, V. Amazônia, Estado e Sociedade. Campinas. AP.: Armazém do Ipê (Autores Associados). 2006.

FONTES, E; RIBEIRO, F. Os trabalhadores do açaí na Amazônia: cotidiano, natureza, memória e cultura. **História Oral**, v. 1, n. 15, p. 81-106, 2012.

GAZOLLA, M; SCHNEIDER, S. "O Processo De Mercantilização Do Consumo De Alimentos Na Agricultura Familiar," 44th Congress, July 23-27, 2006, Fortaleza, Ceará, Brasil, Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER).

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

GUIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HAAN, L.; A, ZOOMERS. Exploring the Frontier of Livelihoods Research. **Development and Change** 36(1):27–47. 2005.

HEBINCK, P; LENT, P.C. Livelihoods and landscapes: the people of Guquka and Koloni and their resources. **Afrika-Studiecentrum**. Series Vol. 9. Brill, Leiden, The Netherlands. 2007.

, A. K. O. et al. Açaí: novos desafios e tendências. **Amazônia: ciência e Desenvolvimento**, Belém, PA, v.1, nº2, 2006.

LEEDS, A; LEEDS, E. O Brasil e o mito da ruralidade urbana. In: A sociologia do Brasil Urbano. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.p.135-192.

LEVISKY, D.L. Prefácio. In: A violência na sociedade contemporânea. Organizadora Maria da Graça Blaya Almeida. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. Disponível em: ><http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf>< Acesso em: 15 de jan. 2019.

LIRA, T. M.; CHAVES, M. P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações**, v. 17, n.1, p. 66-76, 2016.

MARINHO, V. de N. M. et al. **Extrativismo do Açaí e Interações Sociedade-Natureza em São Sebastião da Boa Vista**, Marajó-Pa. 63º Reunião Anual da SBPB. 2011.

MELO, H. P; CONSIDERA, C. M; SABBATO, A. Os Afazeres Domésticos Contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, p.435- 454, dez. 2007.

PASINI, I. L .P; FIÚZA, A. L .C; SILVA, D. M. Modernização nas comunidades negras rurais do Sapê do Norte: discursos e práticas de (des)envolvimento e meio ambiente. **REVISTA NERA**. ANO 17, Nº. 24 – JANEIRO/JUNHO DE 2014 – ISSN: 1806-6755.

PEREIRA, M. A; SOUZA, M; SCHNEIDER, S. Meios de vida e livelihoods: aproximações e diferenças conceituais. **Revista IDeAS**. v. 4, n. 1, p. 203-224, jun./jul. 2010.

PERONDI, M. A; SCHNEIDER, S. Bases teóricas da abordagem de diversificação dos meios de vida. **REDES - Rev. Des. Regional**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 117 - 135, maio/ago 2012.

RAPOSO, I. Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte. In: A sociedade e território. Revista de estudos urbanos e regionais.n.25/26,1998

ROCHA, Z. Paixão, violência e solidão. Disponível em: <
<https://books.google.com.br/books?id=fG2r70VPen8C&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 12 de jan. 2019.

SANTOS, B. Capítulo 1: Os processos da globalização. In: A Globalização e as Ciências Sociais. 2002b, p. 25-94.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. 2002a, p. 237-280.

SCOONES, I. Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis. Institute of Development Studies. 1998.

SILVEIRA, D.T; CÓRDOVA, F.P. Unidade 2- A pesquisa científica. In: Método de pesquisa. [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfó Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SITOE, T. A. A Abordagem dos Modos de Vida Como Ferramenta de Análise das Estratégias de Sobrevivência no Meio Rural Africano. **Desenvolvimento em questão**, Ijuí-RS, n. 17, p. 39-60, jan/jun 2011.

TAGORE, M. P.B. O aumento da demanda de açaí e as alterações sócias, ambientais e econômicas. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Meio Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Belém, 2017.

TRIVIÑOS, A.N. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo. Ed: Atlas S.A. 1987.

WALDMAN, M. Cidadania Ambiental: Natureza e Sociedade como Espaço de Cidadania. IN: HISTÓRIA E CIDADANIA/Jayme Pinsky, Carla Bassanezi Pinsky (orgs) – São Paulo: Contexto 2003.

CONCLUSÕES GERAIS DA DISSERTAÇÃO

Como abordagem central, buscou-se entender a relação das comunidades ribeirinhas, sua organização social e seus meios de vida, com o principal instrumento de trabalho praticado por ela, extrativismo do açaí, por meio dos conceitos abordados por Antônio Candido (1971) e da literatura sobre *livelihoods*. Considerou-se a entrada de novos atores sociais neste mercado e sua relação com as comunidades ribeirinhas e as trocas que daí surgem. O conjunto de especificidades locais, a conjuntura interna e externa, as relações de poder e as prioridades traçadas pela sociedade em torno do açaí permitiram a definição de contornos para refletir sobre a trajetória do crescimento do mercado do açaí e seu impacto direto na vida das famílias ribeirinhas produtoras do fruto no município de Igarapé-Miri, Pará.

Por isso, este trabalho não se propôs uma análise estrita do desenvolvimento, nem de crescimento econômico baseado na expansão global do mercado do açaí. Estas questões, apesar de muitas vezes serem relacionadas como sinônimas, são partes importantes de um complexo debate, com fronteiras fluidas, permeado por perspectivas muitas vezes contraditórias. Este debate não comporta modelos, ao contrário, gera reflexões e ponderações que se modificam com a mudança de conjunturas e de olhares sobre a realidade observada.

Trata-se de uma região com uma biodiversidade de abundância, com marcas profundas no tecido social e no imaginário local, desde o período da exploração da cana-de-açúcar. Com o extrativismo do açaí, muita riqueza foi gerada, elevando o município a destaque regional, nacional e mundial, conhecido como a “Capital Mundial do Açaí”. Entretanto, os significados dessa diferenciação econômica e *status* resultante da exploração do fruto tornaram-se elementos de identificação para constituir, num determinado momento, um poder local em torno do mercado do açaí. É fato que a produção e verticalização da produção do açaí dinamiza a economia local, gera empregos. Entretanto, a parte “nobre” do mercado, onde mais se agrega valor ao produto, não era e não é de domínio interno e local, logo, fala-se em escoamento de riquezas sem agregação de valor.

O extrativismo do açaí até o final da década de 1990 era caracterizado por uma atividade inerente aos povos da Amazônia, ligados a fatores culturais das comunidades ribeirinhas, quando o fruto era considerado base alimentar destas comunidades e outras partes da planta era largamente utilizada na construção das casas das famílias ribeirinhas, e somente o excedente da extração era comercializado numa oportunidade de aumento de renda das famílias. Entende-se, portanto, a característica de símbolo de identidade destes povos que o fruto possui.

O extrativismo de subsistência, praticado pelos povos tradicionais da Amazônia, baseado em suas ancestralidades, contribui também para a preservação da biodiversidade amazônica, dado o pequeno volume de extração do fruto e manejo de açaizais nativos de acordo com o conhecimento passado entre as gerações das famílias ribeirinhas, o que contribui ainda para o fortalecimento dos laços familiares e revela a relação arraigada do homem com a natureza.

O interesse pelo produto do extrativismo do açaí surgiu acompanhando também a crescente busca por alimentos saudáveis e produtos da biodiversidade que o século XXI trouxe. Pesquisas apontam os benefícios do fruto, que começa a ser misturado com outros frutos supostamente potencializando seus efeitos benéficos, atendendo aos desejos do nicho de mercado que estava sendo criado, que juntamente com a difusão da cultura amazônica, atrai olhos atentos às diversidades da floresta e seus benefícios, abrindo novas fronteiras de exploração e perspectivas de um mercado promissor.

Esta transformação no consumo de açaí e o aumento na demanda pelo fruto numa escala global, elevando o fruto aos *status* de *commodity*, ocasionou impacto sobre as famílias

ribeirinhas, que passam a ter sua mão-de-obra explorada pelo capital e veem o preço do produto sendo agora fixado pelas lógicas de mercado.

A massificação do consumo do açaí é refletida na urbanização da cidade de Igarapé-Miri, na atração e posterior instalação de agroindústrias beneficiadoras do fruto na cidade, na intensificação do marketing em torno do produto, que vai sendo descaracterizado e ganhando novos valores e novas relações de mercado. Observa-se aqui a transformação do significado do fruto na sociedade, em especial nas comunidades ribeirinhas, construído agora a partir das transações dinâmicas entre diferentes atores sociais.

Estas práticas do mercado globalizado sendo inseridas na nova forma de comercialização do açaí, pautado numa rede mundial de comunicação, mercadorias, capital e pessoas, tende a padronizar a sociedade numa perspectiva de consumo e a enfraquecer suas identidades expressas por meio de seus costumes, o que pode ser observado nas comunidades que estão cada vez mais inseridas nesta nova dinâmica do mercado do açaí. Dentro desta perspectiva, a cadeia produtiva do açaí ganha novos desenhos a partir do ambiente de negócios em que é transformada, com o principal produto passando de alimento habitual de povos tradicionais para um alimento de valor agregado voltado aos padrões de qualidade do mercado mundial.

A nova cadeia produtiva do açaí distancia o consumidor final da identidade amazônica do fruto, e colabora para que haja perda de identidade do próprio ribeirinho extrativista em relação a esta atividade ancestral. Sua história e sua cultura se perdem nas negociações do mercado voltado a atender as exigências do capital externo, corroborando ainda para a criação de um ambiente competitivo e conflituoso nas comunidades extrativistas. É importante compreender que antes de ser um produto exposto nas prateleiras de supermercados, o açaí tem raízes fincadas na Amazônia brasileira, com valores, memórias, hábitos e gostos que vão além das lógicas de mercado estabelecidas pelo capitalismo. Seus agentes sociais e a manutenção da floresta estão diretamente inter-relacionados e essa simbiose precisa ser considerada no processo produtivo como parte fundamental na obtenção de um produto de qualidade.

Ademais, as comunidades ribeirinhas e a relação que estabelecem com a natureza não podem ser vistas como um processo arcaico, fruto do isolamento destes povos e, portanto, um fator de atraso na cadeia produtiva do açaí. Ao contrário, deve ser capaz de identificar e compreender as influências de um sobre o outro, ou seja, a adaptação do homem ao meio e a adaptação do meio às necessidades do homem.

Sobre a adaptação do homem ao meio, pode-se observar que com a introdução de novos atores na produção e extração de açaí, o ribeirinho passa por uma alteração de hábitos, refletido no ritmo de trabalho, que agora se estabelece para também cumprir demandas de mercado. Isso se dá graças a integração econômica do ribeirinho ao sistema global da cadeia produtiva do açaí, que rompe aspectos singulares do sistema tradicional.

Quando a reflexão parte da adaptação do meio ao homem, à comunidade, num contexto de crise econômica, recém-fim de exploração nos engenhos de açúcar e êxodo rural, percebe-se o uso de estratégias coletivas voltadas para a geração de renda e melhoria da qualidade de vida por meio da organização da exploração dos açaizais. Essa nova perspectiva de mercado fundamenta e organiza as esferas sociais frente à estagnação econômica que estava sendo imposta.

Vislumbra-se então a capacidade do ribeirinho em reescrever sua história e também da adoção de novos valores influenciados pela sociedade moderna, refletindo na verdade uma característica de vida pertencente a todo homem: o dinamismo. É inegável que o açaí sofre alteração de valores para as comunidades ribeirinhas que também ressignificam sua própria identidade.

Portanto, a mercantilização do fruto de açaí, dado o seu atual valor econômico, está conduzindo um processo de produção diferenciada do tradicional para fins de abastecimento de mercado e transforma a convivência dos ribeirinhos entre si, com a comunidade e com o meio ambiente, tornando-os mais dependentes das relações estabelecidas pelo mercado e ressignificando sua relação com o fruto. Todas essas transformações implicam em mudanças na estrutura cotidiana dos ribeirinhos, suas tradições e costumes a partir das alterações advindas pelo mercado do açaí.

Acredita-se serem essenciais os novos acessos a partir do *nicho* de mercado da cultura do açaí. A problemática é o exercício de poder dos atores dominantes dessa cadeia e as consequências presentes e futuras. Nesse aspecto, é importante a politização desses atores e o entendimento das amarras que esse tipo de mercado desenvolve. Sem compreenderem o seu lugar dentro de um cenário mais amplo, os ribeirinhos são peças frágeis diante desse mercado dominante.

APÊNDICE 01- Roteiro de Entrevista Semiestruturado para os Ribeirinhos e as Empresas

Ficha de Entrevista

Nome Completo do Entrevistado/ Codinome	
Comunidade que reside	
Idade e data de nascimento	
Sexo	() masculino () feminino
Naturalidade	
Estado civil	
Número de pessoas que habitam a residência	
Profissão primária e secundária	
Escolaridade	Analfabeto, 1º grau completo, 1º incompleto , 2º grau completo, 2º incompleto
Tem filhos? Quantos? Qual idade? Sexo e com que trabalham ou estudam.	
Tamanho da área da propriedade	
Nome do Pesquisador	
Local	
Data/ Duração em horas	
Tipo de registro	() Áudio () Vídeo () Caderno de Campo

Transcrição da entrevista	() Total () Parcial
---------------------------	-----------------------

GUIA DE ENTREVISTA:

Objetivo: Realizar uma entrevista direcionada com objetivo de compreender a relação da comunidade com o extrativismo e o mercado de açaí.

Observação: Sinta-se a vontade para iniciar a entrevista a hora que desejar. Caso não fique a vontade com alguma pergunta não terá obrigação de responder, podendo interromper a qualquer momento. Todas as informações cedidas aqui só serão divulgadas com seu consentimento e seu nome não será revelado, sendo utilizado codinomes.

Categoria Analítica	Perguntas
1. Cultura	1- Qual a importância do açaí para você? 2- Você diria que o açaí tem os mesmos valores e significados hoje em relação ao passado? Quando vocês não vendiam para o mercado ou quando não havia associação, empresas interessadas no fruto. 3- De que forma você acha que o açaí interfere ou está presente na construção da sua história de vida? 4- Como você se sente em relação ao seu trabalho de extrativista de açaí? 5- Existe alguma festa na comunidade relacionado com açaí?
2. Comunidade	Há quanto tempo você reside na comunidade? Em sua opinião, houve alterações na comunidade? Porquê? Qual a sua relação com essas pessoas? Aprendem e trocam experiências uns com os outros? Quando surgiu a comunidade? Já existia a prática de extração do açaí? Quais foram alguns dos eventos mais importantes da comunidade? Como alguns desses eventos mudaram sua vida? Quais pessoas ou órgãos públicos apoiaram a comunidade para vender mais? Quais medidas foram utilizadas para inserir a comunidade no mercado? - Quais pontos você destacaria de mudança na sua vida e na comunidade após o crescimento do mercado de açaí? - Na comunidade hoje tem muitas pessoas que produzem açaí? Como era antes e como é hoje? - Vieram pessoas de fora só para trabalhar com açaí? que tipo de trabalho elas desempenhas? - Você poderia me informar como era a vida aqui na comunidade antes da chegada de projetos? De empresas? Antes do açaí ser tão valorizado.

	- E as pessoas da comunidade o que faziam? Viviam de que? (de que forma obtinham recursos financeiros ou alimentos para subsistência e para sobreviverem.)? - Quando é que foi a chegada dos projetos na comunidade (no local)? - Surgiu algum tipo de problema (ou conflito)? - E nestes anos, conseguiu mudar alguma coisa por aqui? - O que representa a cooperativa para você? a valorização do açaí. - Você faz parte de algum grupo ou associação? - De que forma a comunidade é integrada ao mercado? - De forma geral, como você avalia sua condição de vida nos últimos anos? - Você considera sua comunidade como um lugar bom para se viver? - A comunidade possui escola? Creche? Posto de saúde? igreja? centro comunitário? Espaço de lazer? - Você considera a comunidade segura? Já sofreu alguma violência? Assalto? - Você recebe alguma bolsa do governo? Bolsa família? Bolsa verde?
3. Trabalho e Ocupação	1- Sua família sempre trabalhou com o açaí? 2- Com que idade e com quem aprendeu? 3- A sua Atividade foi sempre realizada da mesma maneira? Se houve mudanças ao longo do tempo, quais foram e quando e porque ocorreram? 4- Realiza a sua Atividade individualmente ou em conjunto com outras pessoas? Como o fazem? Que tarefas são específicas de uns e de outros? 5- Os seus familiares estão de algum modo envolvidos nesta Atividade? Como? 6- Qual a importância que esta Atividade tem na sua vida, na da sua família e na da sua comunidade? 7- Alguém já aprendeu com você a sua Atividade? Quem e para quê? 8- Na sua opinião, de que fatores está dependente a continuidade da sua atividade e dos saberes tradicionais com que ela é executada? 9- Quais as maiores dificuldades? 10- Você acha que o aumento pela demanda do açaí valorizou mais seu trabalho? 11- Que outras informações desejam acrescentar sobre a sua Atividade? 12- Sua renda é suficiente para cobrir seus gastos? 13- Nos últimos anos, sua renda aumentou ou diminuiu? 14- Você tem algum contato com órgãos públicos ou empresas privadas?
4. Produção/ Extrativismo	1- Que materiais ou recursos utiliza para desenvolver a sua Atividade? Como os obtém? 2- Como desempenha a sua Atividade? Quais as etapas

	necessárias para desempenhar? 3- Você utiliza adubo químico? Irrigação? Sementes melhoradas geneticamente? 4- Qual época do ano mais produz açaí? 5- Como é feito o manejo? Qual espaçamento? Utilizam sementes geneticamente modificadas? Retiram outras plantas para plantar o açaí?
5. Manejo	1. Você fez algum tipo de manejo no seu açaizal? 2. Quanto tempo dura fazer o roce (manejo) na sua propriedade? 3. Quantas pessoas precisa para fazer o roce (manejo)? 4. Contrata pessoas? 5. (no caso sim) Quantas pessoas? 6. Quanto é o pagamento às pessoas que contrata? 7. (no caso não) Quem faz o manejo? 8. Você utiliza irrigação?
6. Comercialização	1- Para onde você vende o fruto? Na comunidade? Para o município? Para uma cooperativa? Mercado externo? 2- Quando começou a vender mais o açaí? 3- De que forma acontece a venda do açaí? Com atravessadores? Direto ao consumidor? 4- A venda é regulamentada por algum documento? 5- Qual valor do fruto atualmente e no passado? Quem estabelece o preço de venda? 6- Como você transporta o fruto? 7- Existe algum contrato entre você e a comunidade que você pega o açaí? Ou é algum conhecido seu da comunidade? Você diria que o contrato é à base de confiança? 8- Quais são os atores (pessoas) participam da cadeia produtiva do açaí? 9- Você comercializa o açaí in natura? Ou ele sofre algum processamento? 10- Quanto custa uma rasa de açaí?
7. Consumo Alimentar	1- Com que frequência se utiliza o açaí na alimentação? 2- Qual a média de consumo de açaí por pessoa da família nas refeições? 3- Quais os produtos mais comprados para alimentação que resultaram os maiores gastos em sua casa? 4- O que você deixou de consumir depois que aumentou a renda da família? E o que passou a consumir com o aumento da renda? 5- Quais produtos da propriedade são utilizados para alimentação? 6- Faz quantas refeições no dia? 7- Você costuma plantar hortaliças? Ou compra?
8. Transporte	1- Qual seu principal meio de transporte? 2- Você adquiriu algum transporte? (barco, moto, carro, bicicleta) 3- Foi necessário abrir algum canal para melhorar o

	escoamento do açaí? 4- Você possui seu próprio barco?
9. Gênero	1- Inserção da mulher no extrativismo de açaí. 2- Qual tipo de trabalho você desenvolve? 3- Você gosta desse trabalho? 4- Você tem participação no lucro? 5- Faz o trabalho doméstico, ou outro trabalho, além do trabalho com açaí? 6- Você ajuda a pagar as contas da casa? 7- Gostaria de trabalhar fora de casa? Com o que?
10. Infraestrutura	1- Possui energia elétrica? De que forma? Rede de eletricidade? Gerador? Motor? 2- Possui televisão? Quantas? 3- Possui computador? 4- Tem acesso a redes sociais? quais? 5- Possui aparelho celular? 6- Tem acesso a internet? 7- Possui geladeira? 8- Desde quando tem energia? O que você costumava fazer antes de ter energia elétrica? 9- O que você adquiriu de eletrodoméstico com o lucro do açaí? O que isso mudou para você? 10- Principal fonte de água? 11- Possui esgoto sanitário? 12- Casa: Teto de barro () Brasiliti () Palha () 13- Estrutura :tijolo () madeira() barro() 14- Tem casa na cidade? Quantas? Com que frequência vai lá? 15- Se não tem casa na cidade...gostaria de comprar no futuro? 16- Possui banheiro dentro de casa ou fora? 17- Qual destino do lixo?
11. Natureza	1- Qual sua relação com a natureza? 2- O que o rio representa para você? 3- Qual sua ligação com a mata? 4- Você gosta de viver em meio a floresta e rios? Ou prefere a cidade? 5- Quais espécies de plantas têm diminuído nos últimos 15 anos? 6- Quais espécies de animais têm diminuído nos últimos 15 anos? 7- Quais os principais problemas ambientais?

I. Para empresas

- 1- Quando surgiu a empresa?
- 2- É uma empresa paraense?
- 3- Por que investir no mercado de açaí? O que levou você a entrar nesse mercado?

- 4- Como você percebeu que seria um bom negócio?
- 5- Vende para mercado externo? Quais os principais compradores?
- 6- Como você se instalou no município?
- 7- Existe algum incentivo da prefeitura?
- 8- A empresa tem contato direto com a comunidade? Qual o tipo de relação?
- 9- Quais principais produtos da empresa?
- 10- A empresa possui algum projeto para as comunidades?
- 11- Você compra açaí de atravessadores ou direto do ribeirão?
- 12- Como você escolhe de quem vai comprar? Pelo preço? Qualidade? Quantidade?
- 13- Você compra açaí de outros municípios?
- 14- Você tem algum tipo de incentivo fiscal?

APÊNDICE 02 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "A reconfiguração da cadeia produtiva do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) na Amazônia e seus reflexos nos meios de vida de uma comunidade ribeirinha extrativista: mercados, atores e significados". Nesta pesquisa pretendemos compreender como vem se construindo o mercado de açaí, sendo hoje um produto de grande valor no mercado, a dissonância entre o extrativismo e a padronização agroindustrial, e como esses fatos são indutores de mudanças nos atores locais, essencialmente o ribeirão extrativista do fruto após a inserção do açaí na rota global de consumo.

Ademais, busca-se verificar, a partir de uma perspectiva social, as transformações nos meios de vida do ribeirão a partir do expressivo crescimento na demanda pelo fruto de açaí. O motivo que nos leva a estudar essa temática é contribuir com o debate sobre as interfaces existentes entre a cultura do açaí e o processo de formação institucional do mercado do fruto.

Para esta pesquisa, adotaremos os seguintes procedimentos: 1) entrevista semiestruturada; 2) Análise documental; 3) História oral 4) Anotações no caderno de campo para registrar dúvidas, falas ouvidas e observações; 5) Registros fotográficos da propriedade em que o senhor (a) vive; e (6) Gravação das entrevistas.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em haver algum desconforto ou constrangimento durante as entrevistas, gravações áudio-visuais e fotografias, cansaço e tomada de tempo caso a entrevista se prolongue, medo de perda do

anonimato e quebra de sigilo. Com isso, o participante pode recusar ou interromper a entrevista a qualquer momento, e não permitir a realização de gravações áudio-visuais e fotografias consideradas constrangedoras. Além disso, não serão divulgadas gravações de áudio, imagem, vídeos, nome, ou qualquer tipo de informação se os entrevistados não permitirem. Assim, serão tomados todos os cuidados necessários para evitar riscos e constrangimentos. Como benefícios da pesquisa, os resultados serão disponibilizados e apresentados ao (à) Sr.(a), as fotos (via impressa e digital) e vídeos (digital) realizados durante a pesquisa, caso a realização dos mesmos sejam permitidos.

Caso aceite, o Sr.(a) ficará envolvido na pesquisa durante dois meses, período de coleta de dados e familiarização com os pesquisadores. Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O (a) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

O TCLE afirma que os resultados da pesquisa serão disponibilizados a eles; acreditamos que a apresentação e discussão dos resultados para/com os participantes resolveriam essa questão e poderiam trazer grandes benefícios aos mesmos.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no **Departamento de Economia Rural/UFV** e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **“A reconfiguração da cadeia produtiva do açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) na Amazônia e seus reflexos nos meios de vida de uma comunidade ribeirinha extrativista: mercados, atores e significados”** de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Igarapé-miri/Pará, _____ de _____ de 20____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Nome do Pesquisador Responsável: Suany Machado da Silva

Endereço: Rua vereador Almiro Alves Pontes, Prédio 120, Ap 201 – Santo Antônio- Viçosa- MG

Telefone: (91) 984143531/ (31) 993574170

Email: suanysilva@hotmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31) 3899-2492

Email: cep@ufv.br ou www.cep.ufv.br

APÊNDICE 03- Imagens de Campo

Imagem 01: Frente da Cidade de Igarapé-Miri/ PA.



Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 02: Produção de açaí nas várzeas de Igarapé-miri.



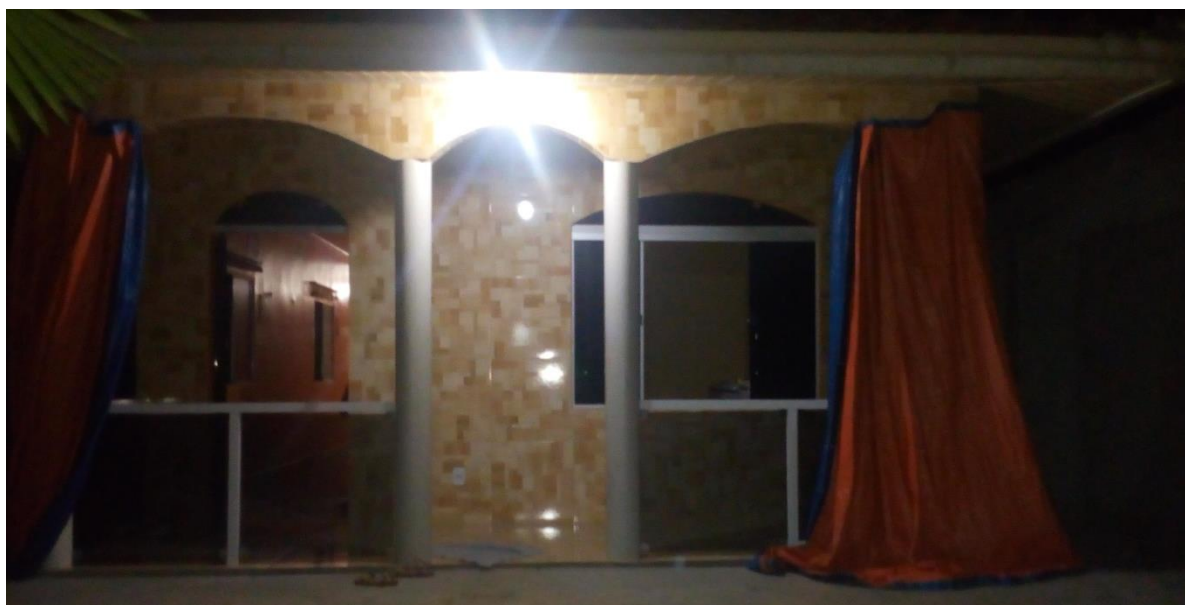
Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 03: Produção de açaí nas Várzeas de Igarapé-miri.



Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 04: Casa nas Várzeas.



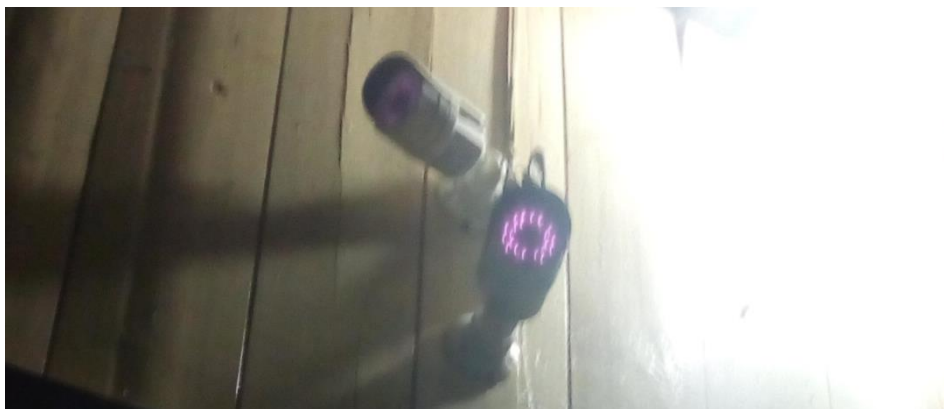
Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 06: Casa nas Várzeas.



Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 07: Medidas de proteção: câmeras de segurança.



Fonte: Dados de Campo, 2018.

Imagem 08: Rasa de Açaí.



Fonte: Dados de Campo, 2018.